

REVISTA DO BRASIL

Directores :

RONALD DE CARVALHO

MONTEIRO LOBATO

BRENNO FERRAZ

N. 81

Setembro

1922

Editores .

MONTEIRO LOBATO

& COMP. — SÃO PAULO

RUA DOS GUSMÕES, 70

SUMMARIO

O MOMENTO	<i>Brenno Ferraz</i>	1
PARAÍSO VERDE	<i>Narbal Fontes</i>	3
O IDEALISMO NA REVOLUÇÃO PO- LITICA DO IMPERIO E DA REPUBLICA	<i>F. J. Oliveira Vianna</i>	21
O LEGADO	<i>Godofredo Rangel</i>	51
IMPRESSÕES DE LEITURA	<i>Cleómenes Campos</i>	57
O LAPIS DE 1822 A 1922	<i>Raul Pederneiras</i>	62
BIBLIOGRAPHIA		66
MOVIMENTO ARTISTICO		79
RESENHA DO MEZ		81
NOTAS DO EXTERIOR		84
AS CARICATURAS DO MEZ		93



SÃO PAULO — 1922 — RIO



REVISTA DO BRASIL - RUA DOS GUSMÕES, 70 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO - 20\$000 EXTRANGEIRO - 25\$000 NUMERO AVULSO - 1\$800

BIOTONICO

FONTOURA

Fortificante poderoso

EFFICAZ EM AMBOS OS SEXOS

E EM TODAS AS EDADES ::

PREMIADO COM MEDALHA DE OURO
NA EXPOSIÇÃO DE HYGIENE DO CON-
— GRESSO MEDICO BRASILEIRO —

Fabricado exclusivamente nos grandes laboratorios do

Instituto "Medicamenta"

FONTOURA, SERPE & C. - S. Paulo



Porcellanas

Cristaes

Artigos de Christofle

Objectos de arte

Perfumarias

O melhor sortimento

Casa franceza de

L. Grumbach & C.

Rua S. Bento, 89, 91

== S. PAULO ==

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas, Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS, LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEOS

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Telephone, 745 - Central --- S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA No. 4

Biblioteca Assis
92050
1084

REVISTA DO BRASIL

VOLUME XXI

SETEMBRO-DEZEMBRO DE 1922

ANNO VII

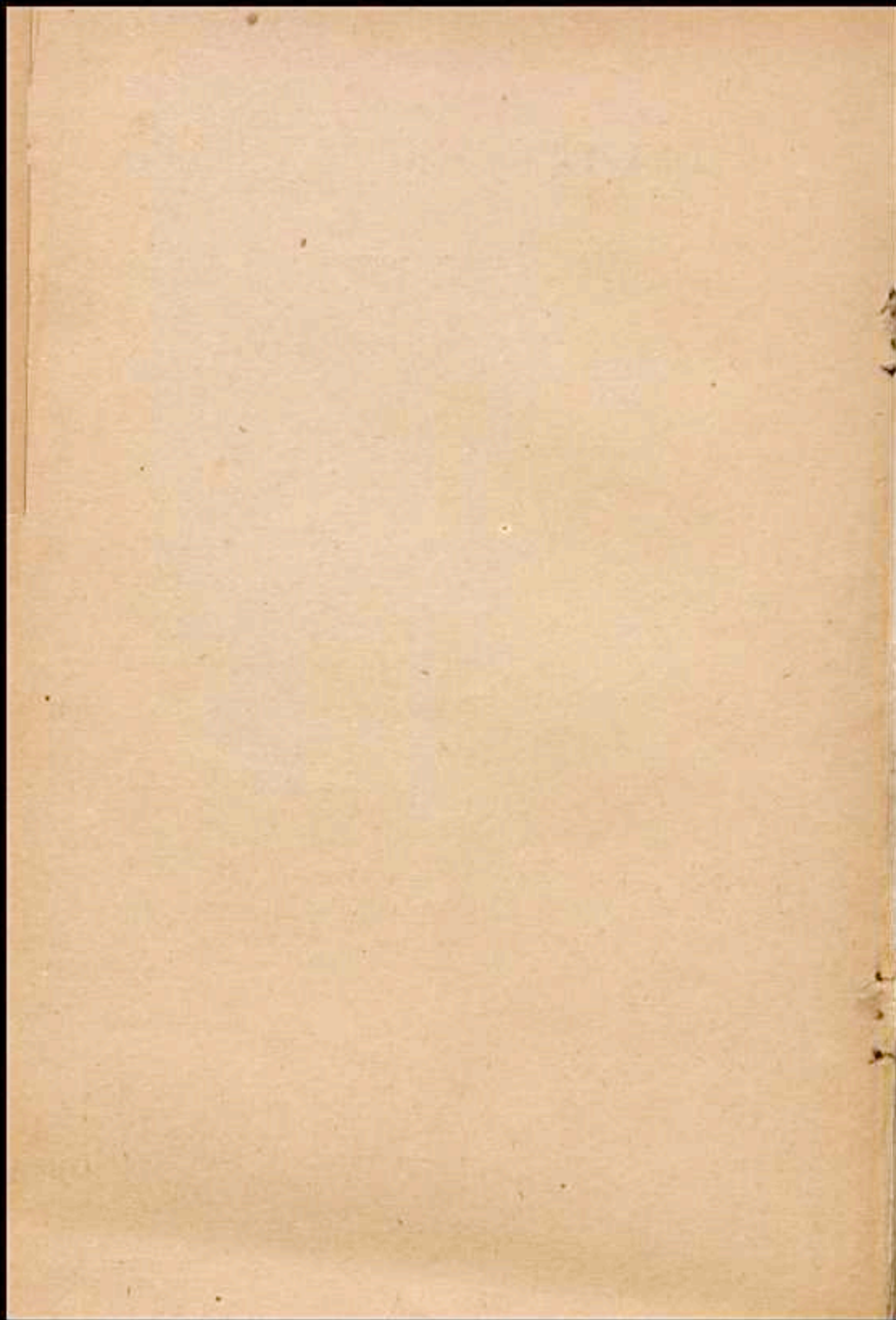


S. PAULO - RIO

BRASIL

20297





REVISTA DO BRASIL

Directores :

RÔNALD DE CARVALHO

MONTEIRO LOBATO

BRENNO FERRAZ

N. 81

SETEMBRO

1922

Editores :

MONTEIRO LOBATO

& COMP. — SÃO PAULO

RUA DOS GUSMÕES, 70

O MOMENTO

A Geração do Centenario

EM artigo que se transcreve noutra secção desta revista, esboçou Pontes de Miranda o quadro moral das tres ultimas gerações brasileiras: a que fez a Republica, a que lhe gosa os proventos e a que cae em si, que se reconhece e comprehende, que "tem ideias e quer lutar por ellas", que "não quer posições, nem o bem estar, que as outras disputaram com ansia e sem a preocupação primordial do interesse publico."

"E' a geração que quer declarar, alto, muito alto, tudo que não sabe e quer aprender. E' a geração que realiza, já agora, o que as outras faziam na velhice, nos vagares da opulencia e da commodidade. E' a geração que nasceu pobre, porque os paes não tiveram escravos, e, por isto mesmo que não contou com o trabalho alheio, é a primeira que "vive por si", a que veio mostrar a assombrosa capacidade do brasileiro para a vida. E' a geração que vê, em torno de si, o folgar tumultuoso da velhice, e cogita da volta da alma brasileira aos seus hábitos tradicionaes de austeridade sadia e de rigidez de caracter. Não é preciso descer a cotejos, mas os moços já se conhecem sufficientemente e os velhos sabem que, nas justas que se terçassem, mal feridos não seriam os jovens. Qualquer dos livros dos grandes moços, publicado ha trinta ou cincoenta annos, constituiria acontecimento notavel. A producção dos ultimos dez annos vale a de todo o resto da vida independente do Brasil."

Essas justas, justissimas palavras, fazemol-as nossas. A geração do Centenario, a primeira "que nasceu pobre e que vive por si", começa a desmontar a mentalidade collectiva e, com ella, o roncciro apparelho moral que ha cem annos nos rege. O que ahi vem não é a revolução nos velhos moldes. E' mais e melhor: é a revolução das ideias e dos costumes em sua feição civica.

Quem não percebe a orientação nova dos moços?

Em suas grandes porções, a que aspira á direcção e a que pretende simplesmente o trabalho, a mocidade se orienta por novas trilhas de bravia independencia. Para uns como para outros, já não é o Estado a Providencia de ha pouco. Desacreditaram-se os governos paternaes que dotam filhos. Já se dotam estes a si. S. Paulo é o grande exemplo: — aqui se cria o livro nacional e o seu publico; aqui se criam os filhos de si mesmos.

Ao livro toca o destino maximo de fazer o que a imprensa não faz... Não ha temer os jornacs. Tema-se antes a brochura, com o verso, o conto, o romance, a acção mental, as ideias... São Paulo cria o livro e cria as actividades uteis, para as quaes acodem, na maior e na mais bella das correntes sociaes, milhões de moços que só visam o trabalho e a producção.

Ha um índice claro dessa orientação: — as Escolas Normaes, que outróra absorviam, para o funcionalism publico, milhares de energias e intelligencias, falliram, desertas hoje de moços e apenas subsistentes em sua secção feminina; pullulam as Escolas de Commercio em todo o Estado, na capital como no interior, revelando a ansia geral de estudo fecundo e pratico, ansia, aliás, antes burlada que servida por taes escolas.

E' a grande cohorte dos independentes, que só contam consigo.

E assim é que a "geração que nasceu pobre" ameaça de alto a baixo o edificio secular sob que gemem a s aspirações democraticas, que nos ensinaram a amar e a que só souberam mentir.

A' geração do Centenario incumbe realisal-as.

BRENNO FERRAZ.



PARAISO VERDE

NARBAL FONTES

Gloria a ti, grande Patria, que mourejas,
Liberta das cadeias,
E, no campo da paz ou das pelejas,
Redimida pompeias!
Beije minha'alma a flamula bemdita
E, hoje, posta de joelhos, idolatre-a:
Nessa bandeira multicolor, palpita
O teu sagrado coração, ó Patria!

Quando a sinto, agitando-se, convulsa,
Nos teus dias de gloria,
Cuido, Brasil, que a viração compulsa
A tua propria Historia:
As provações, as guerras, as desditas,
A suprema bravura no vencel-as,
Nesse livro auri-verde, estão escriptas,
Com a tinta doirada das estrellas...

Vejo-te, ao sol, que te redoira e escalda
Com seus beijos de áscua,
Acenares um braço de esmeralda,
Numa tarde de Páschoa,
Fazendo a Portugal a grande offerta
De teus thesoiros, como nos milagres,
— Atlantida, que foste descoberta,
Numa visão do sonhador de Sagres!

Os marujos, em naus e caravelas,
Sem temor do imprevisto,
Vibram, cheios de fé, vendo nas velas
Os emblemas de Christo.
E, a guial-os, talvez, para que vençam,
Abrindo os braços como cruz de fogo,
O Cruzeiro do Sul confirma a bençam,
Invocada, em Belem, por D. Diogo...

Em ti, lançando as ancoras, contemplo
A gente portugueza;
Ergue-se a cruz no teu divino templo
De esmeralda e turqueza;
Em nome de seu rei, o povo timbra
A gloria de um brazão, nessas paragens,
E, em nome de Deus Padre, Frei Coimbra
Bemdiz a terra, aos olhos dos selvagens...

Vejo, tambem, a lúrida epopéa
Dos expedicionarios,
Affrontando, nas brenhas, a alcatéa
Dos indios sanguinarios...



Vejo a façanha de Alvares Corrêa.
Com seu mosquete dominando a taba,
E a tribu, ao filho do Trovão, premeia,
Dando-lhe as honras de morubixaba.

Ouçõ narrar o vento, a cada galho,
Um bucolico idyllio,
E surge o vulto amigo de Ramalho,
Feliz em seu exilio...
No recesso das folhas ou na veiga,
E sob o firmamento de saphira,
Canta, na lingua da floresta, a meiga
Voz de Paraguassú e de Bartyra...

Vejo, depois, aquella nau de França
Acenando o estandarte,
E, nella, sobre um mar todo bonança,
Caramurú que parte:
Num desespero tragico, Moema
As ondas se arremessa e, a nado, scinde-as,
Provando ao mundo a tempera suprema
De que foi feito o coração das indias...

Agora surgem, de teu solo intonso,
Florescendo tranquillias
E cultivadas por Martim Affonso,
Tuas primeiras villas...
E assim a gente, pelas mãos idoneas,
Na bruteza do chão, semeando, vinga:
Desabrocham as garrulas colonias
De S. Vicente e de Piratininga.

Aporta Duarte Coelho entre os escolhos
De Pernambuco, e, ainda,
Entre-aberta flôr, surge a meus olhos
A povoação de Olinda.
Para explorar o teu thesoiro esparso
Chega Thomé de Souza e, em ti, promove
A fundação de Salvador, em Março
De mil quinhentos e quarenta e nove.

Mostram-se, agora, os venerandos vultos
Dos padres missionarios,
Levando a cruz pelos sertões incultos,
Como em verdes Calvarios.
Nobrega fallá aos indios e Aspilcoeta
Aprende essa linguagem brasileira;
Santifica-se o espirito de Anchieta,
Deslumbra-me a palavra de Vieira.

Ao mundo aventureiro se depara
A fortuna mais grata:
Ancora, na divina Guanabara,
Villegagnon pirata...
O braço dos indigenas empresta
Ao invasor, um valoroso apoio,
E retumba, no seio da floresta,
O alarido de guerra do tamoyo.

Corre, porém, o missionario amigo,
A infundir a piedade
Nos rudes corações, pondo em perigo
A propria liberdade...



Em breve, a tribu applaca os seus furores,
Ao nome de Jesus, naquellas fraguas,
E baixa os kanitares multicôres,
Contemplando Sumé por sobre as aguas.

Emquanto chega a paz, por um tratado
De ephemero armisticio,
José de Anchieta, nesse apostolado,
Consumma o sacrificio...
E, na prisão de Iperoig, que o encerra,
Tornando-a, por encanto, em simulacro
De Paraiso, o Apostolo da terra
Escreve, sobre a areia, um poema sacro.

E o mar, fremindo, num supremo arranco,
Levanta-se do pégo:
Vem ler os versos desse livro branco
Tacteando como um cego...
E, erguendo as mãos translucidas, num grito,
Ungido de esperança e de alegria,
Espalha aos quatro ventos do infinito,
O dulcissimo nome de Maria...

Chega Estacio de Sá, trazendo á terra,
Contra a invasão franceza,
Uma luzida gente armada em guerra
Para tua defesa.
E, na Praia Vermelha, como um vinco
De civilização, funda, primeiro,
Em mil quinhentos e sessenta e cinco,
S. Sebastião do Rio de Janeiro...



Junto de Mem de Sá, reconquistando
A peregrina joia
Da Guanabara, vejo o formidando
Vulto de Ararigboia...
A batalha tremenda se desfecha,
Estacio os inimigos acommette,
Para morrer, ferido de uma flecha,
Em mil quinhentos e sessenta e sete.

Em ti, a flôr de Portugal arriba
Fugindo de Philippe;
Telles Barreto doma a Parahyba,
Chega a paz a Sergipe.
Empôs do sonho em tuas verdes fraldas
Antonio Adorno, visionario affeito,
Parte, em Minas, á cata de esmeraldas,
Em mil quinhentos e setenta e oito.

Vae, sob o azul do firmamento limpo,
A entrada intemerata
E Roberio, na febre de garimpo,
Sonha minas de prata...
E tu, ó Terra, placida, resomnas...
Pulsa o teu grande coração esconso,
Ouvem-se o choro eterno do Amazonas
E o soluço immortal de Paulo Affonso...

Cavendish incendeia S. Vicente,
E foge e encontra a morte;
Mascarenhas conquista heroicamente
Rio Grande do Norte;



Em mil quinhentos e noventa e quatro,
Chegam Des Vaux e Jacques ambiciosos
Ao Maranhão, que foi depois theatro
Dos trophéos de Jeronymos gloriosos...

Vem uma esquadra intrepida hollandeza
Que Willekens commanda...
Na Bahia, levanta-se a defesa
Contra a gente de Hollanda...
Padilha leva a todos de vencida
E mata Johan Van Dorth no afan inglorio,
E a forte esquadra rende-se, batida
Por D. Fradique de Toledo Osorio...

Depois, em Pernambuco, fascinado
Por tuas maravilhas,
O flamengô padece, encarniçado,
A lucta de guerrilhas...
Mathias de Albuquerque, então, começa
A congregar heróes e patriotas:
O arraial Bom Jesus é uma promessa
Das grandezas da Patria, tão remotas!

De Henrique Dias, Camarão e Clara,
Nessa tremenda guerra,
Em Porto Calvo, a heroicidade rara
Immortaliza a terra,
E juntamente com teus filhos grandes,
Tendo o risco da morte em vilipendio,
Num gesto de renuncia, João Fernandes,
Nos proprios cannaviaes ateia o incendio!

Insurgindo-se contra o rei dos lusos,
Sem o jugo de Hespanha,
Os bravos acomettem os intrusos
Continuando a campanha...
E, collocado nos desfiladeiros,
Para evitar as fugas e os escapes,
Alcança uma victoria André Negreiros
Nas batalhas dos Montes Guararapes...

Com sessenta navios, Pedro Jacques
O Recife bloqueia.
Van Schkoppe, á violencia dos ataques
Finalmente baqueia...
De tal modo, depois de tantos annos,
Marca-se o fim de seu dominio atro,
Para ufania dos pernambucanos
Em mil seiscentos e cincoenta e quatro.

No sonho secular de independencia,
Morrendo como bravos,
Em Palmares, revejo a resistencia
De trinta mil escravos:
Exhauridas as forças do quilombo,
Soberbo, no momento derradeiro,
Vejo Zumbi, no inenarravel tombo,
Com os onze heróes, pelo despenhadeiro.

Uma bandeira audaz e bemfazeja,
Nas brenhas se aprofunda,
E a verde virgindade sertaneja
Desbrava-se, fecunda...



Sobem monções pelo Tietê, cantando,
Numa estrellada noite de bonança...
Paes Leme aperta ao peito, agonizando,
A esmeralda divina da esperança...

Os paulistas desvendam teus arcanos,
Batendo os emboabas...
E Bueno faz-se, nos sertões goyanos,
— Anhangüera das tabas...
Vão abrolhando na grandiosa liça,
Pela força de impavidas vontades,
Como as victorias-regias da cobiça,
Arraiaes, povoações, vilas, cidades...

E surges, Patria, alumbradora e forte...
Como um primeiro ensaio
Do drama dedemptor, soffrem a morte
Bequimão e Sampaio...
E, na villa do Carmo, com orgulho,
Vejo Veiga Cabral acorrentado,
E, em Villa-Rica, a 16 de Julho,
O corpo de Philippe espedaçado...

A Inconfidencia, em noites de vigilia,
Vae tramando e Gonzaga
As imagens da Patria e de Marilia,
No mesmo sonho affaga...
Vejo em contraste ao conjurado falso,
Com o negro olhar no firmamento fixo,
Tiradentes, em pé, no cadafalso,
Num extase, beijando o crucifixo...



Chegou a hora tragica, suprema:
O corpo, já sem vida,
Projecta-se no azul, como um emblema
De patria redimida...
Rompe, vibrante, a musica de guerra,
Mas cresce a prole de teus sonhadores:
— Grita mais alto o coração da Terra,
Do que a voz dos clarins e dos tambores!

A côrte lusitana abre teus portos
Ao trafego dos lugres...
Busca, fugindo de Junot, confortos,
Numa terra de bugres...
O principe D. João é corôado,
E ecoam, no silencio de teus valles,
A festejar-lhe o triplice reinado,
Charamellas, trombetas e atabales.

Já Domingos Martins, em Pernambuco,
Altivamente solta,
Contra o dominio portuguez caduco,
Um grito de revolta...
Ordena el-rei a execução ás massas,
Para perpetuo escarneio de teu povo,
Mas, por sobre os patibulos das praças,
Rompe a alleluia desse Mundo Novo...

Feijó, Antonio Carlos e Vergueiro
Surgem, bellos e grandes...
E tu, ó Patria, a nove de Janeiro,
De jubilo te expandes...



José Clemente falla no Senado,
Escuto-lhe as palavras, interpreto-o...
E depois do torrão idolatrado,
Faz-se D. Pedro — Defensor Perpetuo...

Já, na imprensa, Joaquim Gonçalves Ledo
E Januario Barbosa,
Gigantes pela fé, movem, sem medo,
A campanha gloriosa...
José Joaquim da Rocha, Frei Sampaio,
Pedro Dias Paes Leme, Luiz Pereira
Avultam, na tormenta, cujo raio
Funde a soberania brasileira...

Revejo Andrada colossal, relembro
O quadro da collina,
Ha cem annos a 7 de Setembro,
Numa tarde divina:
Os ginetes detêm-se, no galope,
E o principe, frenetico de zanga,
Num grito, arranca o lusitano tope
E accorda o somno verde do Ypiranga.

Fremem os cavalleiros, num transporte,
E, á luz do sol, doiradas,
Pelo dilemma — Independencia ou Morte,
Lampejam as espadas...
A' frente de seu carro, o boiadeiro,
Perante a gente, queda-se perplexo,
Palpita o céu nas aguas do ribeiro,
E a gloria do Brasil, num só reflexo!



Passam, depois, por epica existencia,
Teus filhos soberanos,
Nas luctas colossaes da Independencia,
Nas guerras aos tyrannos...
Taylor expulsa Ignacio, barra afóra,
E, exaltando o valor dos brasileiros,
O imperador, na Côrte, condecóra
D. Quiteria de Jesus Medeiros...

Inglis e Jorge Brum, Marques Lisboa,
Na guerra cisplatina,
Aprisionam batendo pela prôa,
A corveta argentina...
Do ardoroso ideal republicano,
Por longos annos, Patria, te seduzes,
E por elle, Caneca — o franciscano,
Affronta heroicamente os arcabuzes!

Andrada e Silva, com Martim Francisco,
Fóra do ministerio,
Deixa D. Pedro no imminente risco
De renunciar o imperio;
Logo, numa insolúvel emergencia,
D. Pedro, a Portugal, faz-se de velas...
E brilham, numa ephemera regencia,
Vergueiro, Lima e Silva e Caravellas...

E enquanto passa esse dominio falho,
Ha lucta em toda parte:
Lima e Silva, Muniz, Costa Carvalho
Fazem por serenar-te.

Depois, no Sul, Feijó lucha, debalde,
Contra os heróes — republicanos guapos,
Vejo o vulto de Annita Garibaldi
E a brutal epopéa dos Farrapos...

Mas, na regencia de Araujo Lima,
O barão de Caxias,
Com seu valor, as hostes desanima
E esmorece as porfias...
Pelas provincias o motim se expande,
Mas Luiz Alves, intrepido, prosegue,
E em Minas, em S. Paulo, em Rio Grande,
Suffoca as rebelliões e a paz consegue...

Vejo, inda mais, cheio do amor profundo
Da terra que elle guia,
Sua Alteza Real Pedro Segundo,
— Rei, na democracia...
Rosas affronta o imperio brasileiro,
Mostra-se Aguirre hostile com gestos francos,
Mas Greenfell atravessa Tonelero,
Barreto, em Paysandú, rechassa os *blancos*...

Assediando o vapor Marquez de Olinda,
Solano Lopez prende-o;
E, num delirio de vaidade infinda,
Ateia o enorme incendio...
Solta o primeiro grito de victoria,
Mas, para seu deslumbramento, raia
Essa alvorada fúlgura de gloria
Dos heróes da campanha paraguaya!



Principia a invasão de Matto Grosso...
Na villa de Dourados,
Resiste Antonio João, e um grupo moço,
A seiscentos soldados:
— Viva o Brasil! — esse tenente brada
Aos onze heróes e vae cahir exangue...
E a bandeira, ao descer da palissada,
Banha a propria esperança no seu sangue.

O Paraguay, de teu heroismo bello,
Firma o seu testemunho,
Na batalha naval de Riachuelo,
No dia onze de Junho:
Barroso — esse imperterrito almirante,
Com o navio Amazonas, entra em jogo,
Põe quatro a pique; fôge-lhe o restante
Desarvorado e roto pelo fogo...

A lucta, no convez da Parnahyba,
Deixa de sangue um rastro,
E um paraguay, súbito, derriba
O pavilhão do mastro;
Mas não tarda que seja castigado,
E eu vejo, numa lucta derradeira,
João Guilherme, tombando, amortalhado
Nesse panno de gloria da bandeira...

Antonio de La Cruz Estigarribia
Mostra a força tyranna,
Mas logo, a Porto Alegre, de alta tibia,
Entrega Uruguayana...



Retoma-se o perdido territorio...
Com doze homens, na ilha de Caraya,
Pelo Passo da Patria, o grande Osorio
Pisa, primeiro, a terra paraguaya.

Vejo as batalhas immortaes, que travas
Contra Solano Lopez,
Ouço o marchar dessas columnas bravas
E o ruido dos galopes;
Ouço a voz do tambor e da trombeta
E o clamor dos canhões e carabinas,
Em Curuzú, Curupaity, Villeta,
Itororó e Lomas-Valentinas...

Avahy, Humaytá e Campo Grande
Tuyuty e Angustura,
Tudo revela e ao meu olhar expande
Tua immensa bravura...
Vejo o tenente-coronel Cabrita,
Menna Barreto — o excelso brigadeiro
E Camerino, que, a morrer, recita
Uma quintilha de Thomaz Ribeiro!

Argollo, Affonso, Hippolyto, Caxias,
Carvalho e Bonifacio,
Pedro Affonso, Jordão, Marcilio Dias,
José Joaquim Ignacio,
Camara, Maurity, Neves, Silvado,
Brito, Tamandaré, Barão de Angra,
Mostram, por ti, Brasil idolatrado,
Um coração que vibra e soffre e sangra...



Já em mil oitocentos e setenta,
 Vislumbra o Velho Mundo,
No reverso da pagina sangrenta,
 O progresso fecundo...
Silva Paranhos, o mais alto membro
Do Conselho, por dar-te homens futuros,
No outro anno, a 28 de Setembro,
Promove a redempção dos nasciturnos...

Combatendo o tyrannico dominio,
 Vejo o grande Luiz Gama...
Brilha nas orações de Patrocínio
 Uma sagrada flamma...
Nas trevas da senzala vejo, immersos,
Chorando, uma legião de soffredores,
Mas Castro Alves, com o látego dos versos
Fustiga as almas negras dos senhores!

E, no 13 de Maio, uma princeza
 Num gesto immorredoiro,
Troca, pela Justiça, a realeza
 E assigna a Lei de Oiro...
Que lhe importa esse throno já desfeito,
Se estão, por ella, os corações captivos,
E levanta um altar, em cada peito,
A gratidão dos homens redivivos?!

Depois das glorias abolicionistas,
 Por um momento, lembro,
Corôando as esplendidas conquistas,
 O 15 de Novembro:



Com Deodoro, na fé republicana,
Vejo-te, Patria, a delirar, de novo,
Proclamando, no Campo de Sant'Anna,
O governo do povo pelo povo!

Gloria a ti, que a sonhar, luctando, vibra:
Por uma fé bemdicta,
Temperando, no Ideal, todas as fibras
De tu'alma infinita!
Gloria a ti, cujos filhos são tamanhos,
Que sómente a epopéa grandiosa
Pode conter o nome dos Paranhos,
Dos Andradas, Nabuco e Barbosa...

Gloria a ti, onde, em extase, perscruto
Se Deus é brasileiro,
Desde a virgem carcérula de um fructo
Aos astros do Cruzeiro...
— Paraiso do nauta de Florença,
— Campos Elyseos de Simão Estacio,
Bemdicta sejas, pela veiga immensa,
Onde resplende a linda Flor do Lacio!

Gloria a ti, pela pompa das florestas,
De purissimas lymphas,
Em que o luar espreita, pelas frestas,
O dansarás das nymphas:
Em que o jequitibá immorredoiro
Recebe o abraço da enredica langue,
E os ipês te dão pétalas de oiro,
E os suinans, uma dactiva de sangue!...



Gloria a ti, pelo rio, que em teu seio,
Serenamente avança,
Como um sulco de lagrimas, no meio
De uma grande esperança,
Onde a victoria regia se depara,
E, do sol, ao esplendido reflexo,
O tapuya, escutando a voz da Yára,
Vê, mais profundo e azul, um céu convexo !

Gloria, por teus heróis e sonhadores
E teus homens de Estado!
Gloria pelos viris conquistadores
Das terras do El-dorado!
Gloria a Silva Jardim, Padre Lourenço,
Embriagados por divino effluvio,
Varando o céu, num aerostato immenso,
Ou penetrando o inferno do Vesuvio!

E gloria a ti, onde o estrangeiro topa,
Sem peias e sem jugo,
"O sol americano e a luz da Europa",
Como na phrase de Hugo...
Gloria a ti, que, hoje, enlaças, num amplexo,
A' soberana sombra da bandeira,
O coração de um povo genuflexo...
Gloria a ti, grande Patria brasileira!



O IDEALISMO NA EVOLUÇÃO POLITICA DO IMPERIO E DA REPUBLICA

F. J. OLIVEIRA VIANNA

De tudo que se publicou por ocasião do Centenario nada se destaca tanto, pela dilatadissima perspectiva philosophica e pelo jorro de luz que lança sobre o eterno problema nacional, como este trabalho de Oliveira Vianna. Teve a honra de publical-o em primeira mão o "Estado de S. Paulo", na sua monumental edição do dia 7 de Setembro, e é graças á gentileza do grande orgão que podemos proporcionar aos nossos leitores mais esta sabia lição do eminente pensador.

Oliveira Vianna, com o seu livro de estrea, "Populações Meridionaes do Brasil", tomo primeiro de uma obra de vulto, conseguiu de um modo fulminante impor-se ao pensamento nacional.

Tão novo é allí, tão diverso de quantos o antecederam, tão rigoroso se mostra na applicação dos mais intelligentes methodos so-



ciologicos que á vara magica das suas lições a luz se fez no chaos trevoso da nossa historia. E hoje, pollen maravilhoso, seu pensamento está fecundando milhares de cerebros, pondo nelles a ordem que resulta da comprehensão e preparando-os para o trabalho de alta efficiencia.

Só constrõe com solidez quem vê claro, quem conhece as premissas, quem comprehende. E a grande função do nosso primeiro sociologo é ensinar-nos a ver claro, a conhecer as premissas do nosso syllogismo ethnico-social, a comprehendermo-nos com absoluta nitidez.

Os estadistas movem-se, agitam-se e dão-se a illusão de dirigir o paiz e norteal-o. Quem de facto, porém, está neste momento historico determinando as directrizes do pensamento nacional, é esse modesto obreiro que se esconde em Nietheroy. Porque é da obra deste que vai sair a grande revolução de que precisamos — a revolução da mentalidade. O idealismo utopico que nos regou até aqui e nos conduziu a esta pobre coisa que zamos como povo, vai ceder lugar ao unico idealismo constructor, o organico — esse pae das grandes nacionalidades. A utopia foi denunciada. Pelas mãos do luminoso sociologo apparecem as taboas da nossa lei. A razão vencerá.

SUMMARIO — I — O idealismo utopico; seu conceito. Conceito do idealismo organico. — II — O idealismo utopico e nossa primeira geração politica. — III — O idealismo utopico e as suas fontes geraes. — IV — O idealismo utopico e os seus focos locais de expansão. — V — O idealismo utopico e os programma dos partidos. — VI — O idealismo organico; seu methodo; sua fecundidade.

1

O trabalho de construção do aparelhamento político tem, no Brasil, um processo inteiramente opposto ao seguido, na sua organização politica e na sua estruturação constitucional, pelos gran-



des povos da antiguidade, como o romano, ou pelos grandes povos modernos, como o inglez, o japonéz, o norte-americano, o allemão da phase imperial. Entre nós, com effeito, não é no "povo", na sua estructura, na sua physiologia, na sua economia intima e nas condições particulares da sua psyché, que os organisadores brasileiros, os elaboradores dos nossos codigos politicos vão buscar os materiaes para as suas formosas e soberbas construcções: é fóra de nós, é nos modelos estranhos, e nos exemplos estranhos, é nas jurisprudencias estranhas, em estranhos principios, em estranhos systemas que elles se abeberam e inspiram — e parece que é somente sobre estes paradigmas forasteiros que a sua intelligencia sabe trabalhar com perfeição.

Essas particularidades do nosso processo de construcção politica tornam a investigação dos factores culturaes, que têm exercido uma acção decisiva na modelagem do nosso aparelhamento constitucional, um estudo de extremo interesse, principalmente para os espiritos positivos, libertos dos preconceitos doutrinarios, que consideram o problema da organização politica e constitucional de um povo, um problema essencialmente pratico, em cuja solução não deve entrar nenhum dado aprioristico, nenhum preconceito de doutrina, mas exclusivamente os factos observados, os dados da experiencia, os factores ethnicos, sociaes, economicos, geographicos, etc., que, concorrendo para a modelagem do povo, concorreram tambem para dar-lhe a estructura e mentalidade actuaes.

Para estes espiritos o que interessa e importa no estudo de uma dada edificação politica é saber se esta edificação corresponde, pelos seus componentes e pelas suas peças essenciaes, á finalidade suprema de toda edificação politica: realisação do direito, no interior e, no exterior, defesa da sociedade contra os seus inimigos.

E' claro, pois, que para elles, cada organização politica deve reflectir na sua estrutura as diversidades, as idiosyncrasias do povo a que pertence. Para elles um povo continental como o allemão, cercado de inimigos por toda a parte, é um povo, cuja organização politica não pôde deixar de ser fortemente centralisada e unitaria, se quizer ser uma organização racional e efficaz, capaz de realisar na ordem externa o fim supremo do Estado. Uma constituição politica de character accentuadamente descentralisado e com um poder central debil e inefficiente, por mais liberal e democratica que fosse, seria alli uma construcção perfeitamente fóra da realidade, formosamente edificada com a mais pura argilla doutrinaria, mas absolutamente incapaz de garantir á sociedade a sua segurança externa e, portanto, de garantir, na sua vida



interna, a realisação do direito. Com ella, o Estado falharia á sua dupla finalidade: — os que o criassem seriam o que nós chamamos "idealistas".

Idealistas seriam tambem os que, imaginando uma constituição para um povo novo e em formação, cujas classes sociaes, mesmo as mais elevadas, não tiveram tempo historico para adquirir sequer uma mediana educação politica, compuzessem um aparelhamento constitucional, magestoso e modernissimo, mas cujo perfeito funcionamento só seria possivel numa sociedade, cujas classes dirigentes e dirigidas, em virtude das condições particulares da sua formação historica, fossem senhoras de uma alta e tradicional educação politica.

Num paiz onde, pela disseminação da população, pela maneira dispersiva por que se operou o povoamento, pela falta de factores de integração social e politica; e onde, por tudo isto, e por outras causas, o espirito local não se poude formar, nem se poude encarnar (como na "gentry" inglesa), numa aristocracia consciente dos seus direitos e das suas liberdades; tambem idealistas seriam, os que, em um paiz assim, organisassem um systema constitucional, cuja base fosse a "cellula municipal" e cujo principio dinamico fosse o espirito dos "self-government."

Num paiz dominado pela politica do "clan", onde ha regiões inteiras taladas ainda por sanguinolentas lutas de familia, e onde os grupos partidarios não passam de bandos que se entre-chocam, não por idéas, mas por odios personalissimos e rivalidades locais de mandonismo; não menos idealistas seriam — os que á guisa, porventura, do que, nas suas viagens de "touristes", viram e admiraram nas pacificas cidadezinhas inglezas ou nas activas "towns" americanas, sonhassem realisar em tal paiz — onde o adversario politico é considerado pelos vencedores um verdadeiro "outlaw" — um regimen de protecção e defesa das liberdades e direitos individuaes á maneira saxonica: por meio de uma justiça electiva e de uma politica electiva sahidas uma e outra do escrutinio das facções belligerantes. O mecanismo politico criado sob esse modelo teria que fatalmente faltar á sua finalidade "interna": a garantia do direito; não propriamente por defeito da sua estrutura intima, mas pela sua nenhuma adaptação ás condições reaes da sociedade em que iria funcionar. Seria, pois, uma construção "idealista", no sentido que damos a esta expressão.

Idealista é, pois, para nós, todo e qualquer systema doutrinario ou todo e qualquer conjunto de aspirações politicas em intimo desaccôrdo com as condições reaes e organicas da sociedade que pretendem reger e dirigir. O que realmente caracteriza e denuncia a presença do idealismo num mecanismo constitucional é

a disparidade que ha entre a grandeza, a solidez e a eurythmia da sua estrutura e a insignificancia do seu rendimento effectivo — isto quando não se dá a esterilidade completa.

De modo que uma dada sociedade tem, majestosamente installada no seu cimo, como um coroaamento de gloria, um poderoso machinismo, capaz de produzir uma porção de coisas uteis e bellas; capaz de produzir a paz, a justiça, a ordem, a tranquillidade; capaz de produzir a prosperidade, o progresso, a civilisação; capaz de produzir o governo do povo pelo povo, o regimen da opinião, a democracia, a liberdade, a igualdade, a fraternidade— e, entretanto, formidavel aparelho, capaz de produzir tanta coisa, não produz nada disto, porque, em regra, produz o contrario disto.

Certo, nem todo idealismo é condemnavel. Ha idealismos fecundos, para cuja consecução os povos sadios e fortes empregam todas as energias que dispõem. São os idealismos que representam, como observa Julio Endara (1), "una fuerza moral inspirada en el deseo de mejorar el real y no simples doctrina metafísica abstracta."

Diríamos que estes são os idealismos organicos, os que nascem da propria evolução da sociedade e representam visões antecipadas da realidade futura. E' esse o conceito do "idealismo fundado na experiencia", de Ingenieros, unico que elle concebe como digno das aspirações e da actividade de um povo. Para Ingenieros, cada sociedade humana vive em continua transformação de modo a aperfeçoar o mais possivel a sua adaptação a um meio, que varia incessantemente: as etapas futuras desse processo funcional, esses estados futuros de adaptação melhor e mais perfeita ao meio, é que são concebidos antecipadamente pelos homens sob a forma de "ideaes". De modo que um homem ou um povo serão considerados idealistas todas as vezes que apprehenderem este estado futuro de melhor adaptação e puzerem a sua energia ao serviço da sua realisação (2). Desde o momento em que as idéas deixam de representar visões antecipadas da realidade futura, da evolução futura do povo, os homens que por ellas batalham deixam de ser propriamente ideadistas e são simples sonhadores, que já não merecem que os tomemos a serio; — "Los ideales se postulan — diz Ingenieros — como anticipada representaciones de procesos que se gestan contintamente en la inestable realidad social; quando no espressan una forma del posible devenir, son fantasma del posible devenir, son fantasmas vanos, fútiles quimeras".

(1) Julio Endara — "José Ingenieros y el porvenir de la Filosofía", 94.

(2) Endara — ob. cit., pg. 94.

Ha então duas especies de idealismo: o idealismo "utopico", que não leva em conta os dados da experiencia, e o idealismo "organico", que só se fórma de realidade, que só se apoia na experiencia, que só se orienta pela observação do povo e do meio. Este nunca o praticamos; aquelle tem sido o nosso grande peccado de cem annos e a razão unica de não termos conseguido ainda, no longo espaço de um seculo de independencia realisar a definitiva organização social e politica no nosso povo.

De modo que vamos celebrar o centenario da nossa emancipação sem podermos exhibir ao mundo coisa alguma organizada; nem a nossa vida economica, nem a nossa vida social, nem a nossa vida politica.

II

Esse systematico e secular predominio do idealismo utopico na evolução politica do Imperio e da Republica tem razões muito profundas e causas geraes de grande força. De um certo modo, e nos primeiros tempos da nossa emancipação, parecem justifical-o as condições do ambiente mental, em que se viram envolvidas as primeiras gerações da independencia.

Estas, na verdade, começavam por ter um systema de educação intellectual que as desviava inteiramente do conhecimento da nossa terra, da nossa gente, do nosso genio, das nossas coisas, em summa.

Nos principios do IV seculo, já o sabemos, o ensino elementar, como o superior, estavam principalmente a cargo das varias corporações religiosas, que vinham semear nas selvas da America a palavra dos evangelhos, principalmente os jesuitas. Era nos seus collegios e seminarios que se educava a elite das nossas gerações colomaes, isto é, a mocidade sahida da opulencia das fazendas para as lutas da vida publica local. Nesse centros religiosos de cultura, essa "jeunesse dorée" dos latifundios não podia adquirir nenhuma educação positiva do espirito de modo a lhe permittir encarar sob criterios objectivos, os problemas sociais e politicos do nosso meio.

O mesmo se pôde dizer dos estabelecimentos leigos existentes que tambem se modelavam pelo padrão dos estabelecimentos religiosos; uns e outros se limitavam a ministrar às novas gerações nacionaes uma cultura toda esteada nos principios da metaphisica racionalista ou nos dogmas da Theologia dos doutores do Concilio Tridentino.

Isto fazia com que o contacto dessas jovens intelligencias com a nossa realidade, indispensavel á genese do nosso idealismo



organico, não se pudesse realisar. Esses centros culturaes eram, pois, organs essencialmente elaboradores do idealismo utopico — e os que delles sahiam não passavam de meros sonhadores, sinceros e ardentes, embora, mas inteiramente fóra dos conhecimentos dos nossos factos objectivos e incapazes de medir-lhes e sentir-lhes a decisiva e inevitavel influencia sobre os mecanismos constitucionaes.

Esses, porém, constituíam a massa anonyma dos idealistas e agitadores que prepararam e assistiram á nossa emancipação politica e trouxeram obscuramente a sua pedra para a construção do nosso primeiro edificio constitucional. Havia, porém, acima desses obscuros utopistas e batalhadores, uma elite diminuta, cheia de prestigio e brilho, mas tão alheia como aquelles, ás realidades do nosso meio. Eram os dirigentes, os guias, os chefes do nosso movimento emancipacionista, os que prepararam a nossa independencia e idealisaram o plano da nossa organização politica. Formavam a nossa primeira geração da independencia, porque, tendo nascido nos fins do seculo III chegára no primeiro quartel do seculo IV, em 1822, á plena maturidade de espirito e de caracter. Essa geração é que inspirou, dirigiu e agitou toda a politica sonhadora do I Imperio, inspirou, dirigiu e agitou toda a politica tormentosa do período regencial.

Só depois da maioridade, depois de 1840, começou lentamente a deixar o poder, seleccionada pelo ostracismo partidario, pela fadiga da propria velhice ou pela morte: e era Feijó, e era Evaristo, era Caravellas, era Cuyru' e era Baependy, e era S. Leopoldo, e era a constellação dos tres Andradas. Della restavam, entretanto, alguns typos superiores, que prolongando a sua actividade pelos dois decennios seguidos á maioridade, vieram a collaborar activamente com a nova geração, que surgia com o futuro Paraná, o futuro Rio Branco, o futuro Uruguay e o futuro Itaboraahy, geração nascida já no seculo IV e sahida, quasi toda, das nossas recentes academias de S. Paulo, Bahia e Recife. Era Abrantes, era Vasconcellos, era Montalegre, era principalmente Olinda, cuja singular resistencia organica lhe permitia percorrer talvez o mais longo itinerario politico de que ha noticia entre os nossos grandes homens publicos.

Ora, essa geração, a nossa primeira geração politica, a que presidiu á nossa organização constitucional e cuja influencia tão consideravel se estende por todo o I Imperio, por toda Regencia e vae até aos primeiros decennios do II Imperio, essa geração era uma geração, cuja formação mental a condemnara fatalmente a ser uma geração de idealistas utopicos: essa geração era inteiramente educada fóra do paiz e sahia toda das cathedras tradicio-



naes e veneraveis da historica Universidade de Coimbra. Não ha uma só das grandes figuras dessa geração que não se houvesse formado nesse grande centro universitario. E' o grupo dos Andradas, é Vasconcellos, é Montalegre, é Cayru' é Caravellas. São Olinda, Baependy, Abrantes e tantos outros. De maneira que a primeira geração a quem coube lançar as primeiras bases da nossa organização politica, era uma geração que tinha como característica dominante do espirito a origem extra-nacional da sua cultura.

Esta geração assim instruida e educada á européa, mesmo quando mergulhada no meio da nossa selvageria tropical e na plena barbaria da nossa vida partidaria, continuava a pensar e a sentir á européa. Era uma geração de daltonicos, através de cujas retinas, affeitas pela adaptação á visão do meio europeu, todas as realidades do nosso povo e do nosso meio se não podiam deixar de reflectir naturalmente deformadas. Tendo de organizar uma constituição politica para o nosso povo e o nosso meio, era natural que não considerassem nella o nosso povo e o nosso meio — e fizessem uma constituição em que summariassem os seus ideaes politicos, aprendidos nestes centros universitarios, em que iniciaram e perfizeram a sua educação mental.

Esses ideaes, formados tão longe de nós, aqui lançados e semeados por estes sonhadores ardentes, germinaram, cresceram e fructificaram em seára fecunda. Todas as gerações seguintes, nestes cem annos de independência, tomaram-nos á sua conta: e, assim, toda a nossa historia politica, de 1822 aos nossos dias, é uma ronda continua e infatigavel em torno desses ideaes exóticos, profundamente estranhos á nossa gente, á nossa indole e ao nosso meio.

Esse idealismo utopico tem, como se vê, para as nossas primeiras gerações politicas, uma poderosa justificativa. Era mesmo impossivel evital-o. Tudo concorria para produzi-lo: a educação extra-nacional das nossas "élites" nos primeiros tempos do Imperio, o ambiente de idealismo que então as circumdava, o estado ainda metaphysico e nebuloso em que se envolvia a sciencia politica.

Depois, a fecundidade da applicação dos methodos positivos e experimentaes ao estudo da evolução das sociedades humanas, o advento e constituição das sciencias sociaes, as suas revelações surprehendedentes sobre o reflexo que o meio cosmico, o meio ethnico, o meio social exercem sobre a estrutura e o funcionamento das instituições politicas, tornaram esse idealismo utopico, irrisorio e ridiculo aos olhos das "élites" verdadeiramente cultas.

Hoje, só o praticam os povos remissos e incultos, cujas classes



politicas e dirigentes estão atrazadas meio seculo do espirito do seu tempo.

Outr'ora o idealismo utopico dos nossos maiores era, devido ás condições do meio, uma prova de cultura e de alta intelligencia. Hoje, é ao contrario, uma prova de ignorancia e incapacidade mental.

III

Para este idealismo utopico, que domina os nossos primordios constitucionaes, não contribuiu somente o facto da educação extra-nacional da nossa primeira geração politica. Ha causas geraes, que tornam ainda mais inevitavel a sua apparição aqui, em nosso meio, e explicam, perfeitamente, o porquê da sua maravilhosa floração sob os nossos ceus. Dessas coisas a principal é a coincidência historica entre a phase da nossa organização politica e o grande movimento de reivindicação democratica, que renovou por inteiro os fundamentos politicos do velho mundo. Essa coincidência justifica plenamente por si só o idealismo utopico dos primeiros constructores da nossa organização politica.

Depois de extincta a phase tumultuarria das minas e encerrado definitivamente o cyclo do bandeirismo, a nossa sociedade, sedentarizada, estabilizada, normalizada no seu viver, entrou lentamente a operar uma surda reorganização da sua economia interior, que haveria de revelar-se mais tarde no movimento da independencia. Senhores do paiz, tinhamos que organisal-o politicamente. Era preciso engenharos um aparelhamento constitucional, um systema de governo, um jogo de poderes, capaz de dar á nação a possibilidade de realisar, na sua plenitude, estes dois objectivos supremos da sua politica constructora: organização da unidade nacional.

Justamente por esta epoca, é que os horizontes do velho mundo apresentavam o quadro mais fascinante que se poderia offerecer á contemplação dos nossos olhos de tropicaes: todos elles estavam accessos de claridades irreaes; os philosophos politicos da Encyclopedia projectavam sobre elles os fogos e as imagens das suas criações grandiosas; e todos esses horizontes ardião, fremiam, crepitavam, chammejavam.

Era natural que nós, na nossa ingenuidade de semi-barbaros, cahissemos em extase de admiração ante essa pirotechnica prodigiosa, por onde, de quando em vez, explodiam, como rojões polychromicos, os tropos da eloquencia de Danton e de Vergniaud.

Havia tambem por essa epoca um outro povo, este já ao extremo norte da America, cuja grandeza, cuja prosperidade, cuja



maravilhosa organização política enchiam também de surpresa o mundo e a nós, brasileiros, de um "prestigioso encantamento" na phrase expressiva de Justiniano da Rocha: eram os Estados Unidos. Também para lá se voltavam com insistencia os olhos admirados dos nossos constructores de regimen.

Nestas condições era impossivel aos nossos primeiros estadistas e parlamentares fugirem ao fascínio do ambiente maravilhoso, que os envolvia. Elles tinham então diante de si tres modelos incomparaveis, tres fontes permanentes de idealismo politico: a França, a Inglaterra e os Estados Unidos. Cada uma dessas grandes nações offercia-lhes um padrão formoso de constituição politica e de organização governamental.

Na França, encontravam, magnificamente desenvolvida, pelo espirito encyclopedista a theoria politica dos governos democraticos. Lá, as garantias da liberdade, a declaração dos direitos do homem, o direito do povo ao governo da nação, a theoria da soberania nacional em sua plenitude.

Na Inglaterra, viam a soberba conciliação entre o principio democratico e o principio monarchico, entre a soberania popular e os direitos da realza, entre a "monarchia", a "aristocracia" e a "democracia". Nada mais surprehendente aos seus olhos, e, contemplando-o, portanto, ficavam como tomados de deslumbramento.

Nos Estados Unidos, elles deparavam outros principios admiraveis de organização politica: o principio da descentralisação, a constituição federativa, o espirito das liberdades locais.

Eram tres modelos admiraveis e esses tres modelos tiveram aqui, cada qual, os seus adeptos ferventes, os seus theoristas, os seus apologistas, os seus doutrinadores eloquentes. Durante a Constituinte de 23, como nas lutas do I Imperio e da Regencia o idealismo das nossas minorias politicas, das nossas elites intellectuaes e dos nossos doutrinadores liberaes era formado dos principios exclusivos de um desses tres modelos, ou era uma mistura delles, feita, ás vezes, com habilidade, e, ás vezes, sem habilidade alguma. Havia, então, como ha ainda hoje, francelbizantes, anglicanisantes e americanisantes, cada qual mais convencido do privilegio da posse exclusiva da verdade e cada qual jurando sobre uma Biblia da sua fé: o "Contrato social", de Rousseau, se francelbizantes; se anglicanisantes, sobre os discursos de Pitt, de Fox, de Chattan e de Palmerston; e, se americanisantes sobre o "Federaliste", de Hamilton.

Havia assim tres ordens de idealistas: os que ambicionavam transladar para entre nós o regimen constitucional inglez com o seu parlamentarismo classico; os que desejavam estabelecer em



nosso povo as instituições politicas americanas com o seu espirito federativo e descentralizador; e os que pretendiam dar corpo e vida às utopias engenhadas pelo racionalismo dos encyclopedistas e pela imaginação sonhadora dos convencionaes francezes. Os que seguiam a inspiração franceza eram os que se chamavam propriamente "liberaes": sua grande preocupação era o desenvolvimento do principio democratico, por um lado, e, por outro, a organização das garantias, das liberdades individuaes, dos direitos do cidadão. Os que se orientavam pelo padrão inglez constituíam a phalange dos "constitucionalistas" e dos "parlamentaristas" — porque pleiteavam pela realização do espirito da Constituição de 24, que era, segundo elles, o do parlamentarismo á ingleza. O grupo dos americanisantes se baptisara com o nome de "federalistas" — porque só comprehendiam um governo federativo para o Brasil e reagiam, com violencia, contra os que pleiteavam a monarchia unitaria, isto é, a maior parte dos "parlamentaristas" e "constitucionalistas".

Em torno desses tres typos característicos de idealistas se distribuem uma numerosa legião de sub-typos, uns "radicaes", outros "moderados", outros "conservadores", que eram como que os maximalistas e minimalistas daquelle tempo. Todos, porém, por um syncretismo ao seu modo, realisando uma combinação heteroclitica dos varios principios característicos dos tres idealismos, o britannico, o francez, o americano; mas, sem embargo disso, soffrendo todos do mesmo mal do utopismo — mal geral que atacara, com a diffusibilidade e a generalidade da gripe pneumonica todas as consciencias livres daquelle tempo.

Esses tres idealismos, é necessario observar, não são todos utopicos na sua origem. Só os francezes é que criaram um idealismo perfeitamente utopico, não só para os outros povos, como para si mesmo — porque um mero "ente da razão" como diriam os metaphysicos. Os Estados Unidos e a Inglaterra, ao contrario, eram então, e são ainda, centros do mais puro idealismo organico: o ideal politico de cada um desses povos, revelado nas suas instituições, são uma ante-visão da evolução futura de cada um e para cujo alcance os seus cidadãos sempre emprestaram toda a energia, tenacidade e fé de que são capazes esses descendentes dos velhos batalhadores odimicos.

Esses dois idealismos organicos, revelados nas instituições politicas desses dois povos — o *federalismo* de um, o *parlamentarismo* de outro, o *selfgovernment* local de ambos — só se tornam utopicos, quando pretendemos transladal-os para outros povos, objectival-os em outras sociedades de estrutura e mentalidade differentes dos anglo-saxonios. O idealismo inglez ou o

idealismo americano, justamente por serem organicos, por serem criação de homens praticos e objectivistas, que os elaboram tendo a "sua" sociedade sempre á vista e sómente ella — são absolutamente inaclimaveis sob outros ceus politicos que não os americanos ou os inglezes — e isto porque, em vez de serem meros "entes da razão", representam, ao contrario, para cada um desses povos, a ante-visão de uma melhor adopção ao seu proprio meio natural e social. Esses homens não pensariam nunca em prender a sua sociedade dentro das malhas rigidias de uma constituição inmutavel e eterna, por mais perfeita que fosse — porque elles sabem que isso seria suppor a hypothese absurda de que uma sociedade pudesse deixar de transformar-se num meio ambiente, que continuamente se transforma. Elles nunca conheceram outra especie de idealismo senão o organico — e os sonhadores de utopias sempre foram entre elles entidades verdadeiramente desprezíveis.

IV

Essas, as grandes idéas que, ha cem annos, nos começos da nossa historia de nação independente, vemos circular pelos quadrantes do mundo e serem como que os ares novos e inebriantes que compraziam respirar, como volupia os néo-americanos de Colombo e de Cabral.

Essas grandes e fascinadoras idéas geraes, que pareciam difundir-se pela atmosphera do globo, impalpaveis como ondas hertzianas, sempre tiveram aqui certos centros especiaes de polarisação, onde se concentraram e transformaram, antes de se redistribuirem e irradiarem pelo paiz. Esses centros de polarisação e redistribuição de idealismo politico apresentam grande diversidade de typos e tem, cada qual, sua missão particular e o seu processo especial de diffusão e de propaganda.

São, primeiro, as academias superiores de Recife, Bahia, Rio e S. Paulo.

E' depois a maçonaria com a sua poderosa organização secreta.

São as diversas "sociedades" politicas de tamanha influencia no primeiro Imperio e no periodo regencial, taes como a Sociedade Defensora, a Sociedade Militar, a Sociedade Federal, etc.

São os varios "clubs" de propaganda politica, como o Club Liberal de 1868, e o Club Republicano de 71, que se desdobrou em outros pequenos espalhados por todo o paiz.

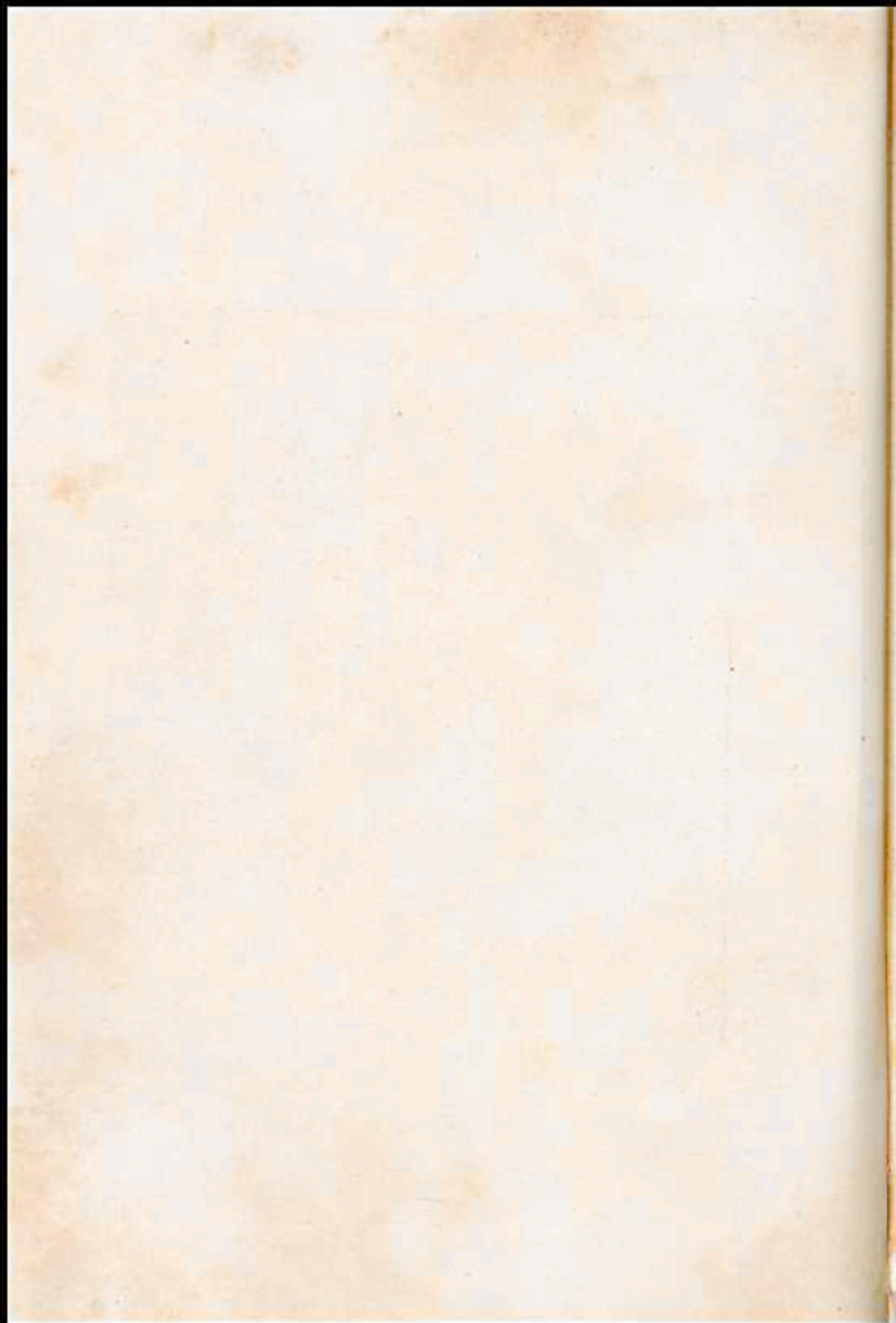
E' a alta imprensa politica, outróra essencialmente doutrinaria.



ENRIQUE VIO



RETRATO



São mesmo certas sociedades literarias, que surgiam, esporadicamente, ao norte ou ao sul do paiz — como, por exemplo, esse interessante "Areopago de Itambé", fundado por Arruda Camara nas fronteiras de Pernambuco e Parahyba, nos principios do seculo IV. — "Tinha por fim, diz um historiador, tornar conhecido o estado geral da Europa, os estremecimentos dos governos absolutos, sob o influxo das idéas democraticas." Esse pequenino areopago sertanejo, dissolvido por ser um fóco de exaltados conspiradores politicos, não se extinguiu completamente: delle, como filhotes, sahiram duas academias — a de Cabo e de Paraiso, ambas tambem centros vibrantes de idealismo reformador.

Desses centros de idealismo os mais importantes, por serem justamente os centros de elaboração, eram as academias superiores. Fundadas em 1827, nellas se educaram e formaram os representantes dessa geração que succedeu á primeira da independencia e cuja acção começou a se fazer sentir nos primeiros decennios do II Imperio. Essa geração teve, porém, por mestres os representantes da geração anterior, educada, como vimos, segundo o espirito da velha Universidade peninsular: ella herdou, portanto, o mesmo idealismo utopico da nossa primeira geração. Dahi por diante a tradição estava criada, o costume estava formado e esses centros de cultura nacional tornaram-se os mais legitimos centros de cultura europeá neste recanto livre da America. Durante o Imperio, as gerações que dellas sahiram para as lutas da vida publica vinham inteiramente embebidas do idealismo europeu e predicaram, em todos os tons, pela imprensa, pelo livro, pelos comicios, nos debates parlamentares, as diversas modalidades de que se revestia aquelle idealismo: o liberalismo puro, o parlamentarismo, o federalismo, a democracia, a republica. S. Paulo e Recife, principalmente nos ultimos decennios do Imperio, foram centros admiraveis de um prodigioso movimento intellectual, inteiramente idealista, inteiramente tendente a realisar no Brasil a "idéa nova". Delles é que sahiram os nossos mais ardentes abolicionistas, os nossos mais convencidos federalistas, os nossos mais impetuosos republicanos. Houve um momento, em que a escola de Recife culminou em brilho, em força, em esplendor mental: foi o momento daquella geração de agitadores e idealistas de genio, a que pertenceram Tobias Barreto, Castro Alves, Sylvio Romero e outros. S. Paulo secundou o movimento abolicionista e foi um dos centros mais vivazes da propaganda da republica e da federação.

O papel exercido pelas nossas academias em nossa evolução politica, não é, porém, apenas esse que resulta do facto de serem



ellas os centros principaes de elaboração do idealismo europeu. Ellas tambem actuavam como agentes de disseminação desse idealismo, tal como periodismo e publicistica. E isto porque, pelo seu numero limitado, para ellas confluíam os melhores elementos das nossas novas gerações provincianas, sahidos na sua maior parte, do recesso das fazendas e vindos de todos os pontos do paiz. Mergulhados no ambiente dessas escolas, esses rapazes bisonhos, como que se despiam de tudo que nelles havia de cunho nacional; a sua mentalidade ruralisada se transfigurava inteiramente: era já agora da grande luz europeá com que se illuminavam os seus horizontes intellectuaes. Formados, retornavam aos seus lares paternos, á sua provincia ou á sua aldeia natal: e eram alli outros tantos fôcos irradiantes do velho idealismo utopico, aprendido nas academias de onde haviam sahido. Dest'arte, sob a acção infiltrante do "doutor", remergulhando, com o seu diploma, no seu primitivo meio provinciano e rural a área de influencia das nossas academias se fez incomparavelmente mais vasta do que parece: o campo das utopias exogenas, de que ellas eram o centro gerador, se estendeu com isto desmedidamente, abrangendo não apenas as capitaes de provincia, mas mesmo os mais obscuros nucleos urbanos do sertão ou da mata.

Esta particularidade é que facultou, num paiz, cuja estrutura social está inteiramente pulverisada pelo regimen do clan, a formação de dois grandes partidos nacionaes, agindo em prol de programmas geraes. Logicamente, os clans patriarchaes, taes como os estudámos num dos capitulos das "Populações Meridionaes", deviam ser refractarios a qualquer outra fórmula de solidariedade politica que não fosse a solidariedade de seu grupo local: o espirito do clan — demonstram-n'o estes trinta annos de republica — é essencialmente um desintegrador, um dissolvente de partidos. O facto de os vermos, durante o Imperio, arregimentados dentro dos quadros do partido conservador ou do partido liberal, só encontra explicação racional, logica, na presença, no seio dessas comunidades locaes, desse elemento intellectual, o "doutor" — ponto de ligação do espirito do clan, que só comprehendia a sua aldeia, e o idealismo liberal, que queria a bemaventurança universal...

Depois das academias, os centros mais importantes da disseminação do idealismo, são constituídos por esse conjuncto de periodicos, diarios, hebdomadarios, quinzenarios, que formavam a nossa imprensa no passado.

Nossa imprensa teve sempre, na sustentação do nosso idealismo utopico, uma função formidavel: sua autoridade moral era então immensa. Ella é que trazia para a arena da publicidade e para o debate das ruas e para o contacto do povo as questões agi-



tadas nos outros centros de polarisação do idealismo politico. Do segredo das "lojas maçonicas", do ambiente reservado e restricto das "sociedades" e dos "Clubs", do recinto do parlamento e do seio das academias afluíam para ella, as theses, em busca de diffusão e de popularidade, as polemicas, as predicções, os "protestos", as reivindicações do espirito liberal em agitação. Faltavam-nos a tradição das grandes assembléas populares, á maneira atheniense, ou o habito dos "meetings" á maneira saxonica: só a imprensa pela sua capacidade excepcional de disseminação e diffusão, poderia aqui servir de organ principal para a propaganda e a circulação das idéas. Ella foi, por isso, nos primeiros tempos do Imperio, uma força temibilissima. Póde-se dizer que foi a razão immediata de todas as agitações anteriores e posteriores á independencia e de todas as algaradas do periodo regencial. Eram aquelles tempos uma época de credulidade ingenua no poder das utopias. Estas, dada essa ingenuidade geral, adquiriam por isto, mais do que hoje, a explosividade da dynamite — e a imprensa, com a sua diffusibilidade e poder infiltrante, lançando-as e disseminando-as pelo paiz, ampliavam, de uma maneira prodigiosa, incalculavel, a area, já de si immensa, das suas devastações...

E' preciso juntar tambem, ao lado da imprensa, um outro factor poderoso do idealismo. E' o livro. Menos irradiante, menos infiltrante, menos extensivo, o livro tem, sobre o periodico, a vantagem da acção permanente e intensiva. Da leitura de um artigo fica uma impressão fugaz, uma impressão que rapidamente se dissipa. Da leitura de um livro fica uma impressão duradoura, porque vinda da attenção, da reflexão e da meditação.

O livro entre nós tem sido tambem um agente poderoso do idealismo utopico. Ha tres especies: o pamphleto, o livro de doutrina, o livro de exegese. O pamphleto reflecte a ardencia das idéas, a febre da luta e o espirito militante do proselitismo. Durante o I Imperio e a Regencia são extremamente abundantes e a sua acção é consideravel no Rio e nas provincias, onde tambem appareceram em grande numero. Durante o II Imperio esse genero de propaganda perde a importancia — e é substituido pelo livro de doutrina. Surgem então os estudos sobre direito constitucional, sobre a theoria do poder moderador, sobre a doutrina parlamentar e sobre a centralisação e a descentralisação. Ha tres livros desse periodo que são typicos como exemplo desse falso idealismo, que temos analysado. O primeiro é o "Libello do Povo" de Timandro, todo impregnado do idealismo francez. O segundo é a "Biographia de Furtado", de Tito Franco, todo embebido do idealismo inglez. O terceiro é a "Provincia", de Tavares Bastos, inteiramente inspirado no idealismo americano. Cada



um desses livros são agentes do idealismo utópico, porque defendiam e pregavam como já vimos, systemas políticos incompatíveis com o nosso povo, com o nosso meio, com a nossa evolução.

Estes livros, tão florescentes, e prestigiosos no II Imperio, cederam, no periodo republicano, lugar aos tratados de pura exegese juridica, aos ensaios sobre a interpretação e o sentido do direito constitucional, contidos na Carta Federal de 1891, toda baseada na Constituição dos Estados Unidos. O estudo do direito americano passou a ser na republica, uma especie de sciencia sagrada, cujos iniciados se redouram de um como resplendor divino. Ser constitucionalista entre nós é como cercar-se dos privilegios dos oraculos antigos, com o mysterioso prestigio daquellas pytho-nisas, que explicam o sentido secreto das coisas á sombra dos carvalhos de Dodona. São elles que possuem o "espirito do regimen". Os seus estudos copiosos, e as suas exegeses micrographicas do texto constitucional nosso não passam, porém, de simples traducções literaes dos textos dos constitucionalistas americanos, dos jurisperitos americanos e, mesmo, dos legalesos americanos: não ha nas suas interpretações o signal mais leve, o rastro mais fugidio de qualquer coisa nossa, de qualquer condição particular do nosso povo, da nossa gente e do nosso meio. Dir-se-hjam juriconsultos americanos, dando pareceres sobre casos americanos, para serem applicados por americanos, á sociedade americana. São, portanto, todos elles agentes funestos desse idealismo utópico, que nada organisa e tudo perturba e subverte.

Em summa, pode-se dizer que, em relação aos centros de polarização e redistribuição do idealismo político do Brasil, o que assistimos nesses cem annos, é a lenta desappareição desses centros vivazes de recepção e distribuição de utopias. No I Imperio e na Regencia todos florescem com a maxima exuberancia: os "clubs"; as "sociedades"; a imprensa; o "livro"; as academias; o parlamento. No II Imperio desapparecem as "sociedades". Ficam, porém, as academias, de onde sabiam os enxames de sonhadores para diffundirem pelos recantos do paiz a "idéa nova" que era sempre a ultima idéa franceza ou ingleza. Fica a imprensa, tão nobremente doutrinatora. Fica o livro, solenne, severo, grave. Fica o parlamento, cujos debates elevam-se ás alturas dignas da Camara dos Lords.

Na Republica extinguem-se em grande parte esses factores do idealismo e ficam apenas, se é possível dizer assim, o "parlamento", a "imprensa" e o "livro". Nas academias, não ha mais o sopro do antigo idealismo; não se agitam idéas; a mocidade não conhece mais a solidariedade. No parlamento, ha apenas debates de politicalha. Na imprensa, domina o personalismo. Sociedades



e clubs não existem. Da franco-maçonaria a influencia é quasi nulla. Só resta o livro — isto é, a exegese dos constitucionallistas. E' o unico fóco sobrevivente do idealismo utopico — e este, infelizmente, voraz, fecundo, sempre cada vez mais crescente no conceito publico...

V

Essas varias aspirações liberaes: democracia, republica, federação, descentralisação, constitucionalismo, parlamentarismo, que constituíam o nosso idealismo politico, não se limitavam a permanecer no dominio apenas das convicções individuaes, expostas nas cathedras, nos comicios, no parlamento, na imprensa, nos livros; coordenavam-se, arregimentavam-se, e revestiam a fórma objectiva de programmas de partidos. E' interessante a analyse desses programmas dos objectivos reformadores que visavam os seus pregoeiros.

Não commentaremos o programma conservador — e isto porque era programma de reacção e tinha por objectivo contrabater e corrigir o que havia de excessivo, de exaggerado, de radical, de perigoso á ordem publica, e de ameaçador á integridade do Imperio nos programmas idealistas dos sonhadores liberaes.

O idealismo liberal teve aqui diversos avatares partidarios: o partido liberal de 31, o partido progressista de 68, o partido radical de 69, o partido republicano de 70.

Em nenhum desses programmas liberaes domina um idealismo só, dos tres que vinham agitando os espiritos de 1822 e ha como que uma fusão, ou melhor, um syncretismo desses tres idealismos, resumindo esses varios programmas o que havia de mais liberal no idealismo inglez, no idealismo francez, no idealismo americano. Só o programma de 70 repudia o idealismo britannico, que procura a conciliação entre a democracia e a monarchia, para adoptar integralmente as equiparações do idealismo francez e americano. Nos programmas do partido liberal, nas suas tres organizações de 31, de 62 e 69, nunca se discutiu, é claro, o principio monarchico: todos elles acatavam a autoridade do imperante e aceitavam as suas prerogativas majestaticas de hereditiedade e irresponsabilidade. O que elles procuravam era reduzir o mais possivel a acção pessoal do monarcha na economia da administração nacional e a sua intervenção na vida dos partidos e na vida do parlamento. Dava a constituição ao monarcha uma attribuição formidavel, que era a de exercer o poder moderador. Esse

poder enfeixava numerosas attribuições que lhe permittia intervir no exercicio dos outros tres poderes constitucionaes — o judiciario, o legislativo e o executivo. No judiciario — pela nomeação dos magistrados e sua suspensão. No legislativo — pela escolha dos senadores na lista triplíce e pelo direito da dissolução da camara. No executivo — pelo direito de escolher livremente o seu ministerio. O direito de dissolução da camara e o direito de escolher livremente os ministros eram, porém, os que, mais de perto, tocavam aos interesses directos dos partidos: por meio delles o imperador fazia ascender este ou aquelle partido, segundo o seu simples alvedrio pessoal, ou por um simples capricho. De modo que não raro assistiam-se espectaculos, como o de um partido, o liberal, por exemplo, em pleno fastigio da sua força, dominando todas as situações provinciaes e locaes, e ostentando camaras unanimes, cahir de repente, de um modo inexplicavel, simplesmente porque o imperador havia julgado prudente demittir o gabinete liberal e chamar ao poder um gabinete conservador. . .

Dahi a preocupação do espirito liberal em procurar fórmulas que nullificassem essa arbitraria faculdade do soberano. Quaes essas formulas veremos depois.

Outro grande problema era o da organização das liberdades civis, da defesa do cidadão contra o arbitrio das autoridades e dos poderosos, o da assecuração da liberdade do domicilio e da liberdade de industria e de commercio.

O terceiro ponto, a que attendiam os programmas liberaes, era o da organização da administração publica, o da distribuição dos poderes administrativos pelos organs centraes e locaes do governo. Era ahí que se agitavam as grandes questões da centralisação, da descentralisação, da federação e do "self-government".

Como procuravam elles attingir esses objectivos? quaes as fórmulas com que pensavam organizar a protecção da liberdade em nosso paiz? como julgavam poder assegurar a autonomia do parlamento e da opinião nacional ante o poder do soberano? quaes as instituições, como pretendiam organizar, sobre bases fecundas e efficientes, a administração do paiz?

O estudo dos programmas liberaes de 31, de 62, de 63, de 69 e dos programmas republicanos de 70 nol-o irá responder.

No programma liberal de 31, o problema da organização da liberdade civil não é abordado: as garantias do cidadão deram o que a constituição imperial assegurara. Mais tarde, em 32, o Código do Processo iria mostrar que, se o problema da organização da liberdade civil não fôra abordado pelo regimen de 31, não



era que elles, os liberaes, não cogitassem d'elle: haviam-se reservado apenas para resolvel-o, por uma lei ordinaria, por uma reforma processual.

Os problemas que os liberaes tentaram resolver no seu programma de 31, consubstanciado no projecto da reforma da Constituição approved pela Camara neste mesmo anno, eram os da organização da administração publica e os da soberania do parlamento diante do poder imperial. E resolveram visivelmente inspirados no idealismo americano: "Federação já e já" — diziam. E pensaram organizar o machinismo administrativo do paiz, propondo o regimen de descentralisação, primeiro com a monarchia federativa; depois, com a instituição das assembleas provinciaes, com duas camaras — tudo com o fim de reforçar a garantia das liberdades locais diante do poder central — velha preocupação infantil dos nossos liberaes, esquecidos de que, entre nós, sempre foi o poder central o grande e unico defensor das nossas liberdades locais.

Quanto ao problema propriamente parlamentar, das relações do soberano com o "poder executivo", representado pelos "gabinetes ministeriaes" e com o poder legislativo", representado principalmente pelo seu "ramo temporario", como diziam, isto é, a Camara dos deputados — o programma de 31 resolveu-o de uma maneira radical — pela abolição do poder moderador. Era o meio que lhes acudia como o mais efficaz de evitarem o arbitrio do imperante na constituição dos gabinetes, já que as agitações de 1822-1831 lhes mostraram, com o temperamento impetuoso de d. Pedro I, a recalcitrancia do imperador em attender e respeitar a opinião da história parlamentar. D. Pedro I era o príncipe menos apto para a execução do regimen parlamentar; cioso em extremo das suas prerogativas majestaticas, elle ainda não se havia convencido dos direitos do povo ao governo de si mesmo; a sua resposta aos juizes de paz, por occasião do 7 de Abril, de que "tudo farei "para" o povo, e nada "pelo povo" exemplifica o estado da sua mentalidade.

Ora, o principio fundamental do regimen parlamentar é que o soberano, na constituição dos seus gabinetes ministeriaes, isto é, na constituição do poder executivo, deve sempre obedecer á opinião dominante na Camara, opinião que é presuppuesta representar a synthese da opinião nacional. D. Pedro com o seu desdem por essa opinião era o menos apto para applicar o principio do regimen parlamentar contido na carta de 24; de modo que o 1.º Imperio foi uma luta constante entre o temperamento voluntarioso e autoritario de D. Pedro e o parlamento, esforçando-se este por impor-se, aliás, inutilmente a vontade do soberano. Da

hi o radicalismo do programma de 31, que não se limitava a propor a extincção do poder moderador, mas tambem a do Conselho do Estado e a da vitaliciedade do Senado, uma e outra considerados pelos liberaes de 7 de Abril auxiliares possantes de absolutismo imperial.

O idealismo daquella época estava em pleno fastigio do seu enthusiasmo liberal: queria fundar, no instante de uma improvisação, a idade de ouro de Saturno, tal como nos cantam as estrophes propheticas dos "Georgicas" virgilianos. — "O 7 de Abril foi uma verdadeira "journé des dupes" — dizia Theophilo Ottoni na famosa circular. Projectado por homens de ideas liberaes muito adiantadas, juradas sob o sangue dos Camaras e dos Ratacliffs, o movimento tinha por fim o estabelecimento do governo do povo por si mesmo na significação mais lata da palavra".

No programma do partido progressista de 62, os liberaes, um tanto decepcionados pela experiencia de quarenta annos de agitações estereis, mostravam-se mais modestos nas suas pretensões, menos democraticos, menos radicaes, menos sonhadores: o "progressismo" de 62 era um liberalismo em que o respeito pela realza temperava um pouco os ardores das convicções liberaes. O seu programma era um programma moderado. Inspiraram-n'o homens da estatura de Zacharias, Nabuco, Theophilo Ottoni e o futuro Rio Branco. Não queriam a descentralisação politica, embora pleiteassem a descentralisação administrativa, — no que se mostravam prudentes e sensatissimos. Resolviam, porém, o problema da organisação, da administração publica propugnando pela fiel execução do Acto Adicional — porque, para elles, o que fizera falhar a experiencia do Acto Adicional fôra a sua má execução e não a lei em si — no que se mostravam perfeitamente utopicos.

O problema da soberania parlamentar era resolvido, não pelo radicalismo de 31, que supprimia o poder moderador, mas pela responsabilidade dos ministros pelos actos desse poder — e veremos que isto importava, praticamente, em annullar o poder moderador e sujeitar o governo aos exclusivos interesses da politica e dos partidos. Para os progressistas, o arbitrio do soberano era, afinal a absorpção de todos os poderes constitucionaes pelo poder moderador — o que ia de encontro ao dogma da separação dos poderes.

Querendo instituir esse suspirado "governo de opinião", de que tanto se falava na Inglaterra, elles, além de cercearem o poder moderador, pleiteavam por eleições sérias — meio unico pelo



qual o parlamento podia vir a ser realmente a synthese da opinião nacional e, portanto, exigir do soberano o respeito e a obediencia que elle, soberano, recalcitrava em demonstrar. Para isso, repudiando embora a "eleição directa", que devia ser mais tarde uma das bases da organização radical de 68, estabelecia o principio das "incompatibilidades" e exigia a "representação das minorias": assim o parlamento seria o sonhado espelho da opinião nacional e teriamos inaugurado aqui o regimen parlamentar na sua pureza. Esqueciam, porém, os progressistas de formularem a si mesmo esta pergunta preliminar: ha no Brasil opinião publica, á maneira ingleza? E' justamente por não terem formulado esta preliminar, cuja resposta não podia deixar de ser negativa; é justamente por partirem desse falso presuppuesto, de que aqui existia "opinião organizada", á maneira britannica — aquella opinião que, submettendo o poder á famosa "pressure from without", o obriga á obediencia — é justamente por isso que esses liberaes moderados continuavam a ser brilhantes propagadores de utopias e sonhadores impenitentes, taes como os seus antecessores da Constituinte de 23 e do programma de 31.

O problema da organização das liberdades davam-lhe uma solução racional, mais ou menos inspirada na experiencia: propunham uma reorganização judiciaria, em que uma magistratura independente e assegurada na sua autonomia dizia do direito, estivesse fóra das suggestões do faccionismo. Propunham mais: a separação da magistratura e da policia, que a lei necessaria, mas violenta, de 3 de Dezembro de 41 havia lamentavelmente confundido.

Como se vê, utopistas quanto ao problema da organização administrativa, quanto ao da soberania do parlamento, os progressistas no tocante á organização das liberdades civis, se mostravam perfeitamente razoaveis, objectivistas, praticos — e o seu idealismo neste ponto offerencia os caracteristicos do idealismo organico.

Na reforma processual, elaborada em 54 pelo grande espirito de Nabuco de Araujo, quando ministro da Justiça, consubstanciavam nos seus itens mais claramente o pensamento dos liberaes de 62 em relação a este ponto. Ella estabelecia:

- a) independencia dos magistrados;
- b) separação da justiça e da policia;
- c) restricção da prisão preventiva; sua regulamentação;
- d) extensão da liberdade provisoria;



- e) jurisdição "definitiva" dos juizes "vitalicios" nas causas civis e crimes;
- f) competencia do juiz em todos os crimes publicos.

Estas idéas, tão pratica e sensivelmente oriundas da observação dos factos passados entre nós, irão figurar no programma do partido radical de 68: mas, só em 71 se crystalisariam na Reforma Judiciaria deste anno, com o gabinete Rio Branco, que não era liberal, nem progressista, nem radical, mas puramente conservador.

O facto desta reforma liberal ser realisada por um gabinete conservador é mais uma prova de que os progressistas de 62 e radicaes de 68, neste ponto não praticavam o idealismo utopico mas, sim, um sadio idealismo organico.

No programma radical de 68, os radicaes tendo por chefes os Ottoni, Limpo de Abreu, Rangel Pestana, e outros, parecem ter readquirido a exaltação idealista dos liberaes de 31. Lançara mesmo mais longe do que estes o principio das innovações. Todos os poderes e instituições que podiam assegurar, e realmente, asseguravam, o arbitrio das intervenções do soberano na vida parlamentar, administrativa e partidaria do paiz, foram considerados como devendo ser radicalmente abolidos. Abolido, portanto, o poder moderador — e reproduziam neste ponto os liberaes de 31. Abolido, o Conselho de Estado. Abolida a vitaliciedade do Senado. Abolida, a guarda nacional. Com essa extirpação radical do poder moderador e os seus meios mais evidentes de oppressão estava, segundo os radicaes de 68, garantida a soberania da opinião. E pediam, como meio effizaz de apurar essa opinião, não já, como os progressistas, de 68 a representação das minorias mas a eleição directa — "o suffragio directo e generalizado."

O problema da organização administrativa resolviam á maneira americana: pediam a descentralisação, pediam a electividade dos presidentes provinciaes; e pediam a politica electiva, isto é, sahida do escrutinio das facções locais e, portanto, facciosa, parcial, prevaricadora. Neste ponto fluctuavam em pleno sonho e se mostravam idealistas inconscientemente perigosos.

O problema da liberdade civil resolviam, entretanto, sensatamente; queriam a liberdade de ensino, de culto, de industria e de associação; queriam a separação da magistratura e da policia, como os progressistas de 62; queriam que, nessa magistratura, os seus juizes inferiores, fossem escolhidos pelos trilunaes superiores e não pelo governo — o que era de applaudir com mãos am-



bas; e pediam, por fim, a abolição do elemento servil. Foi esta a primeira vez que a abolição fez parte integrante de um programma politico. Dahi por diante, com a eloquencia de grandes oradores, como Nabuco e Patrocínio, e jornalistas poderosos como Ruy e Quintino, a propaganda abolicionista desenvolveu-se intensamente até 88, data em que se dá a libertação geral dos escravos.

Logo depois do programma radical de 68, surgiu, no anno immediato um novo partido, o partido liberal com um novo programma de reformas. Evidentemente este programma era uma reacção contra o radicalismo do programma de 68. O manifesto do partido, assignado por Octaviano, Nabuco de Araújo, Zacharias, Theophilo Ottoni e outros, o reconhece: — "Não cabe no possivel fazer tudo a um tempo. A maxima: — ou tudo ou nada — não convem mesmo ao radicalismo mais profundo". O liberalismo de 69 atirava, como se vê, ao utopismo radical de 68 os dardos da sua ironia contundente.

Voltava-se então á moderação dos progressistas de 62? Não, não se voltava. O programma de 69 era mais "democratico" do que o dos progressistas de 62. Dessa inspiração democratica, que perpassa pelos seus itens, sentia-se que tudo se preparava para a explosão da idéa republicana, que viria, logo após; crystallisar nas paginas sonhadoras e romanticas do manifesto de 70. — "No Brasil — diziam com effeito os novos liberaes — a missão do partido liberal tem por objecto a realidade e o desenvolvimento do elemento democratico na contribuição; e a maior amplitude e garantias das liberdades individuaes e politicas" — dizia o manifesto de 69.

Essa preocupação dominante de desenvolver e dar preponderancia no jogo politico dos poderes constitucionaes ao elemento democratico levára os liberaes de 69 á eleição directa, com os radicaes de 68; mas, em vez do "sufrágio generalisado", aconselhado por estes, estabeleciam aquelles a restricção censitaria — no que eram razoabilissimos, sendo apenas de lamentar-se que fixassem em bases demasiadamente baixas a condição da renda: em nosso paiz o voto seleccionado deve basear-se, para ser feccundo, censo alto. E assim julgaram elles ter preparado o paiz para fazer do parlamento, o espelho da sua opinião. Não pediam a extinção do poder moderador, como os radicaes de 68; mas, como os progressistas de 62, apenas a responsabilidade dos ministros pelos actos desse poder. E pretendiam realizar o regimen parlamentar inglez, estatuindo como um dos principios fundamentaes do seu programma a maxima: "o rei reina e não governa" — no que se mostravam excellentes parlamentaristas inglezes.



mas absolutamente desconhecedores do que era a politica no Brasil... O conselho do Estado continuava; mas, já agora, reduzido a mero auxiliar administrativo, e não politico, do governo.

Nô ponto de vista da administração do paiz, insistiam, como os progressistas, na illusão do Acto Adicional; queriam "a descentralisação no verdadeiro sentido do "self-government", realisando o pensamento do "Acto Adicional" — e sente-se ali a obsessão persistente e tenaz do exemplo americano. Continuaram utopistas neste ponto, como os seus antecessores de 68, de 62 e de 31. Deixavam, entretanto, de o ser quando se voltavam para as garantias processuaes e politicas das liberdades do cidadão: ampliavam o instituto da fiança; regulavam a prisão preventiva e em flagrante; e dilataram o conceito do "habeas corpus": o que propunham parece-nos perfeitamente razoavel para aquella época.

Em summa, a conclusão a que se chega do estudo dos programmas liberaes, desde 1831, é que os liberaes, nesta longa jornada que vae de 7 de Abril á formação do partido liberal de 69, estavam evoluindo lentamente do mais exaltado idealismo utopico para um tal e qual idealismo organico: dir-se-ia que se estavam deixando impregnar pelo objectivismo, pelo experimentalismo, pelo conhecimento concreto dos nossos factos e do nosso meio. Esta evolução se denuncia nos itens com que os ultimos programmas liberaes pretendiam organisar a defesa da liberdade individual. Parecia que o testemunho pessoal dos arbitrios das nossas autoridades, no interior, principalmente nos altos sertões das provincias septentrionaes, os chamara á nossa realidade — e, quando procuravam remediar esses abusos, deixavam-se inspirar, antes pela observação e pela experiencia do que pelo theorismo dos tratados de direito publico. Só quando pensavam na organização dos grandes poderes constitucionaes, na sua reciproca influencia, e na distribuição dos poderes administrativos pelos organos centraes e locaes do paiz, é que entravam a tresvariar e se mostravam perfeitamente alheios ao seu meio e á sua gente.

Os republicanos de 70, com o seu radicalismo, o seu theorismo, o vago das suas aspirações democraticas e republicanas e federativas, renovaram, por assim dizer, o exaltado idealismo de 31, e, como aos liberaes de 7 de Abril, dominava-os a preocupação americanisante. Quando se proclamou a Republica, não tinham um plano preciso de organização politica e administrativa do paiz, como os liberaes de 62 e de 69; queriam vagamente a "Republica", vagamente a "democracia", vagamente a "federação".

De modo que o governo provisório, como a Constituição de 91, foram obras de mera improvisação em que um pequeno grupo de idealistas, meio dilettantes, meio declamadores, se viram de



repente, pelo accidente absolutamente inesperado, da queda do Imperio, com a responsabilidade formidavel de dar um governo e uma constituição ao paiz. E a impressão que se tem, vendo-os nos trabalhos da constituinte, é que nenhum delles havia absolutamente pensado nisso.

Deblateraram durante 30 annos contra o Imperio, os seus homens — numa campanha verdadeiramente pessoal — e durante esse longo lapso de tempo, de germinação e triumpho da idéa republicana, não pensaram sequer em elaborar um plano detalhado e preciso de constituição e governo. Podiam-nos ter dado um bello edificio solido e perfeito, construido com a mais pura alvenaria nacional e deram-nos um formidavel barracão federativo, feito de improviso e a martelo, com sarrafos de philosophia positivista e vigamento de pinho americano.

VI

O que espanta, na historia do nosso idealismo utopico, não é propriamente esta cegueira obstinada á evidencia das nossas realidades; o que nos espanta é a sua duração: cem annos! Ha cem annos, vivemos a procurar a causa dos nossos males politicos e dos nossos fracassos constitucionaes e até hoje estamos estonteados sem saber onde encontra-los. Onde o mal? desde o decennio do I Imperio é esta a pergunta constante que a si mesmos se fazem estadistas, politicos e publicistas. E o mal está: ora, na propria constituição e dahi os varios projectos de reformas, o de 31, o de 69, etc.; ora, no poder moderador — e dahi as tentativas para extingui-lo ou cerceal-o; ora, na centralisação — e dahi a preocupação descentralisadora e federativa, que veiu a ter a sua definitiva, consagração na Constituição de 91; ora, no conselho de estado e na vitaliciedade do Senado; ora, na má organização do regimen eleitoral — e dahi a "lei dos circulos", a "representação das minorias" do programma de 62, a "eleição directa" de 68, a "eleição directa" e o "voto censitario" de 69 e da lei Saraiva, o suffragio universal da constituição republicana; ora, o poder pessoal, o "imperialismo", de Tito Franco; ora, por fim, o proprio regimen monarchico — e dahi a Republica.

No fundo esses idealistas, vivendo sempre em pleno sonho, desconheciam a verdadeira causa do mal — que não estava nos homens de um certo grupo, nos conservadores, ou na "facção aulica", como queriam os liberaes exaltados, mas no proprio povo, na sua estructura e na sua mentalidade, tal como o haviam modelado quatro seculos de evolução original, particular, "sua". To-



da a razão das suas surpresas, das suas decepções, das suas desillusões estava em que elles não conheciam o paiz em que viviam. Partiam nos seus raciocinios, de falsos presuppósitos.

Liberaes por biblio-suggestão, imaginavam existir em nosso paiz uma serie de coisas que absolutamente não podiam existir.

Democratas, julgavam fundar aqui a democracia pela simples concessão do suffragio generalisado aos cidadãos — sem levar em conta, principalmente, este facto capital, de que no Brasil não existe "povo" no sentido anglo-saxonio da expressão, isto é, massas populares esclarecidas e independentes, e sim uma vasta congerie humana, accumulada nas cidades, ou dispersa pelos campos e sertões, congerie de desplantados, de infixos, de seminomades, de servilizados, sem pão, sem terra, sem vontade e sem consciencia, agrupados em clans patriarchaes, em torno dos grandes proprietarios ruraes.

Republicanos, imaginavam existir no povo a capacidade do anglo-saxão, ou do cidadão hypothetico de Rousseau, para organizar os poderes publicos e para se governar a si mesmo — sem observarem que o nosso povo era inteiramente indifferente a formas de governo e, mais do que isso, inteiramente indifferente á formação dos orgams do governo politico — porque, durante os $\frac{3}{4}$ da sua historia, nunca sentiu realmente necessidade disso...

Partidarios do "self-governement" saxonio, encantados com a admiravel organização das pequenas communitades inglezas e americanas, cuidando, cada qual, sem interferencia do poder central, dos seus interesses, com a sua magistratura electiva, a sua politica electiva, a sua camara electiva, sonhavam transplantar para entre nós esse mesmo regimen de autonomia local — sem considerarem *a*) que não possuímos as qualidades e as condições capitaes para a efficacia de um regimen desses: isto é, ou como nas terras americanas, uma população solidamente dotada da capacidade historica para a cooperação communal; ou uma aristocracia local, como nos "towns" americanos, uma população votada aos cuidados dos interesses locais e ciosa do perfeito desempenho dessa magistratura; ao passo que, entre nós, o que realmente havia era uma população que desconhecia os interesses communs, desafeita, por educação historica, á pratica da solidariedade e da cooperação; *b*) que, se ao sul, a civilização e a disciplina do Estado deram um pouco de amenidade e tolerancia aos costumes politicos, ao norte havia regiões inteiramente barbarisadas onde a ordem publica não se pudera estabelecer, onde as classes, em que se dividia a população, resolviam os seus conflictos particulares e os partidarios pelo assassinio, pela chacina e pelo



saque dos adversarios e dos vencidos. Fazer emanar dessa população os orgams da justiça e da policia, não era defender a liberdade, mas condemnal-a a morte certa pelo trabuco do banditismo. Dahi os horrores do Codigo do Processo de 32 e os desmandos do Acto Adicional de 34.

Partidarios ainda por biblio-sugestão do regimen representativo, tal como o praticavam os anglo-saxonios, elles procuraram fazer prevalecer aqui a maxima essencial, desse regimen, de que "o rei reina, mas não governa" — sem attentarem que, se na Inglaterra, onde ha opinião, esta maxima é fecunda, aqui seria nociva á liberdade e ao proprio regimen parlamentar; se não fora a intervenção do poder pessoal do monarcha no jogo dos partidos, um delles ter-se-ia eternisado no poder em verdadeira oligarchia, condemnando os adversarios, como dizia Saraiva em 62, ao inferno de Dante, isto é, á eternidade do ostracismo politico: "Nós pertencemos sempre, senhor presidente, ao numero dos visionarios e utopistas que queriam o jogo regular do systema, e se amofinavam só com o pensamento de ver o partido liberal condemnado ao inferno de Dante".

Contrabatendo essas utopias, que não representavam nenhuma possibilidade de adaptação melhor do povo ao seu meio social e politico, batendo-se até 89 pelas prerogativas do poder pessoal do monarcha, pela unidade do imperio, pela supremacia do poder central, pela centralisação politica, os grandes estadistas conservadores faziam obra pratica, objectiva, realistica, experimental — e a sua concepção politica da monarchia unitaria era então um verdadeiro idealismo organico.

Realmente os nossos sonhadores liberaes, os que nos deram o Codigo do Processo de 32, o Acto Adicional de 34, a Republica federativa de 89, nunca puderam comprehender que as suas construcções formosas fracassaram porque elles não souberam dar a devida importancia a este phenomeno fundamental da nossa organisação como povo: o clan patriarchal como base de toda a nossa estrutura social e, portanto, politica. Já o demonstramos, com as provas as mais cabaes, no primeiro volume das "Populações meridionaes", que o nosso povo, devido ás condições particulares e especiaes da sua formação historica, não poude até agora elevar, e nem tão cedo o poderá, a sua mentalidade social acima do seu grupo parental e gentilico; nem mesmo o sentimento da aldeia, da cidade ou da comunidade local elle o possui, como os povos europeus e orientaes. Somos ainda um povo em phase elementar de integração social e temos uma estrutura social extremamente fragmentaria, dispersiva, pulverisada em myriades de pequenos grupos patriarchaes, que cobrem por inteiro o paiz. De maneira que esses sentimentos dos grandes interesses collectivos,



que presuppõe uma integração mais profunda e extensa da sociedade — tão communs e normaes na mentalidade dos grandes povos historicos, o inglez, o allemão, o americano, o romano antigo, o japonéz moderno — são aqui meros conceitos de intelligencia: concebemos estas coisas, “pensamos” nellas, temos a “idéa” dellas; mas, estes conceitos não serão nunca, salvo casos fugazes de exaltação patriótica, forças determinantes da conducta normal da generalidade dos cidadãos no poder. Os typos que se conduzem differentemente, os que agem no sentido dos grandes interesses geraes com sacrificio mesmo dos interesses particulares do seu clan, são typos de excepção, formam uma pequena minoria de homens superiores, fóra porem da mediania da mentalidade da sua gente.

O espirito do clan, anima toda a nossa sociedade de alto a baixo, das cidades aos campos, dos litoraes aos sertões: é a sua alma, por assim dizer. Na nossa vida social, as suas manifestações são varias e chega mesmo a gerar certas instituições sociaes caracteristicas. Na nossa esphera politica, a sua revelação typica e especifica é a politicalha. Pode-se definir a politicalha: o reflexo do espirito do clan nos dominios da nossa vida publica e partidaria.

De modo que ha em cada brasileiro, mesmo o de idealismo mais elevado, sempre um politiqueiro em latencia — porque ha nelle, de accôrdo com a formação da sua “gens”, sempre um homem do clan. Quando entra em conflicto com o nosso vivaz espirito de clan, o idealismo dos sonhadores é, por isso, fatalmente batido. E’ o que nos prova a attitude tradicionalmente contradictoria dos nossos liberaes, que sempre prégaram, nos seus programmas, as idéas mais generosas, mas que, quando feito homens do partido, ou do governo, sempre esqueceram as suas idéas abandonando os seus programmas, e se faziam politiqueiros mais ferrenhos e intolerantes do que os seus proprios adversarios:

“— A’ tristeza com que encaramos o proceder dos chefes liberaes — dizia o partido republicano paulista, no seu manifesto de 78, por occasião da formidavel pressão politica organizada pelo gabinete liberal, chefiado por Simimbu’ — procurando vencer a todo transe os seus adversarios, que lhes disputam o poder, reunem-se a estranheza e a admiração com que os vemos desenvolver, contra os republicanos, os mesmos meios illicitos, despoticos e detestaveis, tantas vezes condemnados pelos proprios liberaes em opposição.”

Vemos ali o conflicto entre dois grandes sentimentos da raça: o quixotismo e o espirito de clan.

O quixotismo é um sentimento todo impregnado de intelle-



ctualismo, em cuja genese dominam os factores imaginativos; é, portanto, um sentimento fraco, de pequena energia emocional. O sentimento de clan, ao contrario, é vivaz, energico, todo feito de materialidade; poderoso pela sua origem hereditaria, porque está nos instinctos das raças originarias, e poderoso tambem pela sua energia emocional, porque está nas tradições e costumes do povo. De modo que, aberto o conflicto entre o quixotismo e o espirito partidario, aquelle tem que ceder e recuar diante da rude instinctividade do poderoso sentimento, oriundo do espirito de clan.

Neste conflicto entre o espirito de clan e o quixotismo latino, razão do nosso idealismo utópico, é que está a causa intima de todos os nossos fracassos constitucionaes: o da Constituição Imperial, o do Codigo de Processo de 32, o do Acto Adicional de 34, o da Constituição Federativa vigente, que ninguem até hoje conseguiu comprehender, nem maiorias populares, nem minorias dirigentes. Dahi uma conclusão: todo e qualquer moderno idealizador de reformas politicas e constitucionaes, que se recusasse a considerar o nosso espirito de clan como um facto da mais alta importancia, terá construido um systema fatalmente condemnado ao fracasso.

O objectivo supremo de uma reforma politica em nosso paiz será, portanto, criar um conjunto de instituições particulares, um systema de freios e contra-freios que, além dos fins naturaes a toda organização politica, tenha tambem por fim a) neutralisar a acção nociva das toxinas do espirito de clan no nosso organismo politico-administrativo; b) ou, quando não seja possível neutralis-a, reduzir-lhe ao minimo a sua nocividade.

Os revisionistas actuaes já pensaram nisto? Já pensaram nisto os espiritos ardentes que iniciam entre nós o movimento nacionalista?

Não sabemos. Mas, é claro, que as soluções constitucionaes, esse systema de freios e contra-freios, esse conjunto de instituições especificas, só poderão ser conhecidas depois de termos estudado a fundo o nosso paiz. Só com o conhecimento positivo e concreto do nosso povo poderemos iniciar aqui um conjunto de reformas politicas, que representem um verdadeiro ideal de melhor adaptação do nosso povo ao seu meio. Isto é, só assim poderemos criar aqui um verdadeiro idealismo organico, á maneira saxonia, digno de ser defendido, propagado e batallado por uma geração de homens de cultura positiva, jogando com os poderosos methodos e recursos com que as sciencias sociaes, hoje perfeitamente constituídas, armam os legisladores e reformadores politicos. O que é preciso é buscar em nós, e não fóra de nós, a inspiração; só com os nossos elementos é que poderemos construir obra fecunda e grandiosa.



Vemos que a nova geração se agita no sentido de reformas sociais e reformas políticas. Mas essa geração está collocada dentro das pontas desse dilemma formidavel:

— ou essa geração volta-se, abandonando os seus antigos fetiches, para o seu paiz, estudando-o carinhosamente na sua estrutura, na sua mentalidade, no seu viver, nas suas crises, nas suas endemias naturaes e sociaes — e terá, assim, constituído uma base realistica para sobre ella erigir o seu idealismo organico;

— ou, então, irá buscar fóra, nos exemplos e na "obra feita" de outros povos mais senhores da sua dignidade, a inspiração do seu idealismo e então reincidirá no nosso velho "peccado de cem annos" — e neste caso deixará de si o mesmo rastro esteril, negativo, anti-nacional das quatro ou cinco gerações que a antecederam.





O LEGADO

GODOFREDO RANGEL

(A Georgina de Rangel Franqueira)

— Veio trazer a menina?

— Sim, senhor...

Cesario apeou, tirando a pequenita da cabeçada dos arreios. Em seguida beijou respeitosamente a mão do coronel Joaquim Leme.

— Abençam, padrinho.

O recém-chegado era um caíuso alto e magro, com uma barbicha rala no queixo. Trazia camisa preta, signal de lucto recente. Enviuvara de fresco e de sua vida de casado apenas ficara uma "familia", a Nenzinha, aquelle principio de gente, de quatro annos apenas, que trouxera consigo. Vinha entregal-a ao coronel, que a accitara para criar. Um vagamundo como elle, ora aqui, ora além, na labuta da vida, não podia olhar pela creança; e a mulher recommendara-lhe, ao morrer, que, se a tivesse de dar a outro, que fosse para o padrinho d'elle. Este era, na zona, o lavrador de mais nome, mandão na politica, sem competidor no numero de rezes e nos milhares de alqueires de invernadas. Fizera escreverem-lhe, offercendo a menina; e, como o coronel a accitasse, ficava tranquillo sobre a sorte della. Naquella casa, á sombra de tão boa arvore, Nenzinha podia ser gente, ao passo que, com elle, só a esperava a condição miserrima dos de sua igualha.

Levando a pequenina no braço, puxou o animal, amarrando-o num esteio da cerca.

— Que é isso, Cesario! protestou o padrinho. Desarreie a besta e solte-a no pasto...

Não podia. A demora ia ser pouca, por precisar tratar da vida. Atrazara-se com a doença da mulher e agora era dar boas provas de si, mostrando ser honesto e saber desempenhar seus compromissos.

A razão seria em parte essa, que Cesario deu. Outra também haveria: a respeitosa distancia a que o obrigavam a opulencia e poderio do padrinho.

Subiram para o alpendre da entrada, onde se sentaram em commodas poltronas de vime. Cesario fel-o constrangidamente, como se temesse macular a mobilia com o contacto de sua rudeza de boiadeiro. Poz no parapeito a roupinha da filha, entrouxada num lenço de chitão.

Nenzinha conservava-se de pé, rente ao pae. Apareceram na "mascara" outras creanças da casa, que a vinda da menina alvo-roçava. Nenzinha, acanhada, olhava-os desconfiadamente.

— Então, a coitada de sua mulher lá se foi indô, disse o coronel.

— Não houve apello, explicou Cesario. A doença vierá "braba", com um febrão sem geito, que a torrava dia e noite. E sempre no seu juizo della e com aquella certeza de que ia morrer. Por isso, não se cansava de recomendar ao marido: "Cesario, olhe pela Nenzinha, não descuide. Se casar com outra, não deixe a coitadinha soffrer. Se ficar só, entregue para uma pessoa que possa zelar della. Você é homem, não tem expediente. Também na sua vida andeja, como ha de ter ella perto? Não tem outro rumo. Mas entregue a uma pessoa que não judie della, pois você sabe, que muita gente gosta de criar os filhos dos outros, mas é para fazer judiação. A Nenzinha é uma innocentinha e tem sido criada com todo o mimo. Não desfazendo em você, que eu estimo muito, ella sempre foi, como você sabe, as meninas de meus olhos."

— Aquí ella pegava a chorar, continuou Cesario; e eu então respondia: "Com outra não me caso, porque não hei de te esquecer. Sobre a menina você disse certo e vou seguir seu parecer." E, a toda a hora, a repetir a mesma recommendação. Como cousa que não sentia a doença nem a morte. Lembra-se deste e daquelle, a quem podia dar a filha e sempre naquella incerteza. Quando falei seu nome, ella approvou: "Este sim, Cesario. Pois está muito bom". E assim, sempre com a idéa na menina, veio a agonia e ella morreu. Mesmo de vela accessa ainda enviezou para a filha um olhar triste, que era como uma despedida cheia de saúde e de cuidado.



E Cesario calou-se, murmurando:

— Esta vida é uma atrapalhação!

Passou a vista desattenta pelas invernadas, que se roseavam com o primeiro rubor da florada. Os campos fugiam para todos os lados, em ondulações paradas de um mar que se immobilizou. Aqui e além, saltadamente, abriam-se esbracejos mutilados de arvores seccas.

O magote das creanças rodeando Nenzinha dizia-lhe, com acenos das mãositas: "Vem brincar!"

Menos acanhada, ella sorria-se para os outros pequenos, mostrando nas faces duas covinhas brejeiras. Mas não queria ir. Cosia-se ao pae, pousando a cabecinha na perna delle.

— Porque uma mãe, o padrinho sabe, é sempre uma mãe. Deus, ao entregar o homem para o trabalho, parece que tambem já destinou a mulher para cuidar da casa e criar os filhos. E minha defuncta era mulher às direitas! Olhava a casa, zelava de mim, da menina, e, obrigação que tivesse, dava conta na hora e no instante marcado. Não ha aquella pessoa que pudesse dizer que um dia ella lhe fez mal ou a aggravou com uma palavra. Não sei porque Deus tira gente boa do mundo! Morreu... Foi um transtorno! vacês, olhando esta creança, fazem uma obra de caridade.

Com as costas da mão limpou um cisco num olho. Relanceou de novo os campos que fugiam, recuando a perspectiva, a distanciareem-se em longinquos planos que iam morrer na orla azul do horizonte remoto.

— Não lhe dê pensão a menina, Cesario, disse o coronel. Havemos de olhar por ella. E sempre que quizer venha vel-a.

Cesario agradeceu, respeitosamente. Não pretendia, porém, abusar desse convite. Apareceria raramente, para o padrinho não suppor que elle desconfiava do trato ou queria tomar a menina. Dada esta, era mais ou menos como se morresse para elle. Era triste, mas, que fazer? Cousas do mundo. Ha um tempo que é só alegria; depois, é preciso paciencia.

Avizinhou-se um camarada, que procurava o coronel. O fazendeiro levantou-se, para attendel-o. Fez-lhe determinações sobre o serviço, e voltou para sua poltrona. E dahi ficou attento, a observar interessadamente uma ponta de gado, adquirida de fresco, que lhe entrava o curral.

Acariciando levemente a cabeça da filha, Cesario mudou de assumpto, perguntando ao padrinho pela criação. Ferido em seu ponto fraco, o coronel respondeu-lhe, passando a dizer-lhe acaloradamente suas esperanças na alta. Abria-se bello futuro para a "lavoura" de criar. E, animado, apoiando-se no parapeito, mostrava as rezes novas, encarecendo-lhes a qualidade.



Cesario mudamente confirmava com a cabeça.

Veio de dentro a mulher do fazendeiro, trazendo o café. Deu também "umas prosas" com Cesario, dizendo-lhe palavras de sentimento pela perda soffrida. Ao voltar para o interior, chamou a menina:

— Vem commigo, vem...

Nenzinha desattendia-a. Queria só estar assim, perto do pae, com a cabeça inclinada sobre a perna d'elle.

— Vem ganhar um biscoito...

Chamava-a de novo, tomando-a pela mão. O pae impelliu-a brandamente:

— Vae, Nenzinha...

A menina deixou-se conduzir, com grande alegria da petizada, que entrou com ella a casa da fazenda, rodeando-a em alegre celeuma.

Na "mascara" ficaram apenas Cesario e o coronel.

— Pois é, meu afilhado, proseguiu este, teremos ainda alta. O gado escasseia e a procura augmenta...

Continuou a dizer suas conjecturas e esperanças. Cesario approvava sempre, mudamente. Ao mesmo tempo escutava a algazarra das creanças, no pateo proximo, além dum muro. Soavam vozinhas alegres, entre as quaes reconheceu a de Nenzinha também. A pequenita acostumava-se.

Depois de pouco espaço Cesario levantou-se, dizendo:

— Agora o padrinho dá licença...

— Que é isso! Ainda é cedo... Fique hoje!

— Precisão, meu padrinho! O senhor sabe! minha vida...

Desfion de novo a lenga-lenga: suas difficuldades, negocios atrapalhados, compromissos...

Inclinou-se para beijar a mão ao coronel. Mostrou-lhe a trouxinha no parapeito: "Aqui é a roupa..."

Limpou os olhos, que o ardume do sol incommodava; e, descendo a escada, foi desamarrar a besta. Antes de partir salvou de novo, com respeito. E esporeou o animal, afastando-se.

Ao trote sacudido da bestinha ia repizando todas as suas tristezas. "Esta vida é uma atrapalhação", suspirava elle, resumindo nesta palavra suas amarguras todas. Uns morrem, outros ficam como mortos... Pois não tivera que entregar a Nenzinha? Falta de amor não era, não. Sabe Deus quanto lhe custava! Que a menina tinha uma agarração com elle, que era uma cousa sem geito. Quando o serviço dava folga de passar em casa uns tempos, era nos braços d'elle que toda a noite a filha queria dormir. Pedia-lhe primeiro que lhe contasse historias. Elle contava-lhe quantos casos lhe acudiam, Nenzinha não os comprehendia, mas escuta-



va-os attenta e sorrindo, deliciada de ouvir a voz do pae... E, num séstro antigo, enquanto este falava, ia-lhe repuxando a barbicha do queixo... Elle contava tudo o que lhe vinha á bocca. E os ollios da creança insensivelmente se fechavam e a mãozinha desprendia-se da barba... Dormia a sorrir, com as covinhas bem cavadas, como se ainda em sonhos continuasse a ouvir aquella toada de que gostava tanto, que era a voz do pae.

A agarração era tanta, que a mulher se enciumava ás vezes, dizendo: "E' assim, Nenzinha? você só quer bem seu pae? Deixe estar, jacaré!"

Mas não! E' que o pae viajava muito e a pequenita queria matar as sandades. Queria aproveitá-lo o mais possível, enquanto demorava em casa. Ausente, era lembrado a toda a hora por Nenzinha. Aquillo que visse ou sentisse, um dodoe, o gavião a assarapantar a gallinhada, tudo dizia que ia contar ao papae. E ia sommando na cabecinha, quanto lhe permittia a memoria de avezita, todas as "grandes" novidades.

Se elle tornava de viagem, presentia-lhe a menina o piso do animal. Parecia que o diabrete adivinhava, porque ainda vinha longe, e lá avistava a correr-lhe ao encontro uma figurita de nada, pequenina e rente com o chão, na estrada larga. E, numa alegria enorme, gritava e estendia-lhe os bracinhos, para que a tomasse na deanteira da sella. Precisava elle apear a distancia, senão a estouvadinha mettia-se por entre as pernas do animal; então, levantando-a do solo, beijava-lhe as duas covinhas, e, tomando-a consigo, tornava a montar. Ella ria-se, estorvava-o, e, com o cacote antigo, repuxava-lhe a barbicha do queixo, dizendo: "Papae!" Era claro que queria dizer outras cousas; mas eram muitas, e, agora, á vista delle, misturavam-se-lhe confusas na cabeça e, no tumulto, apenas sabia dizer aquellas duas syllabas; e, á força de repetil-as, era como se se lhe houvesse esvasiado o coraçãozinho de tudo o que desejava "contar".

Não havia creança tão querida. A mulher, então, coitada! a morrer, e parecendo não pensar noutra cousa. Talvez que seu desejo fosse leval-a consigo. Sentia, a essa hora extrema, o desespero do avaro que antevê, agonizante, a fortuna, que duramente levou a vida a ajuntar, passando a mãos estranhas. E, morta, a immensa tristeza que se lhe espalhou no rosto, eram, por certo, sandades da filhinha que ficava...

O trote, sacolejado, levava-o em toada regular. Sua vista corria ás vezes o horizonte, como a buscar em torno o que quer que fosse que perdera e lhe fazia falta... Para todos os pontos via apenas os campos debandarem, em fuga silenciosa. E, quanto mais a vista os fixava, mais se lhe furtavam, em recuo infinito, num desdobraimento de ermo e de amplidão, indo fundir-se em



nevoa azul na lonjura dos horizontes indistinctos... Havia alli como o espraiair duma infinita tristeza sem cura. O boleado dos campos, o rebanho das pequenas ondas immotas, parecia a seus olhos comoros sem conta de sepulturas rasas, que recuassem, em renques innumeraveis, para os planos do horizonte remoto; e plantadas aqui e além, arvores seccas, esqueleticas, abriam os braços, como grandes cruzeiros desolados...

Sentiu-se só na vida. Então apertaram-lhe as saudades da filha e da mulher.

— E' uma tristeza! suspirou Cesario.

Levou a mão ao bolso a procurar o fumo. O bolso estava cheio de coquinhos seccos.

— Uai! Não é que me esqueci! murmurou elle.

Eram os brinquedos da filha. E ella que lhe pedira que os levasse! Puzera-lhos na algibeira com suas proprias mãosinhas. Se eram seus preciosos brinquedos! Ajuntara-os sob o coqueiro do pomar. Com elles entretinha-se horas e horas... Um era vaquinha; outro, carneiro; outro, leitão, e assim os mais, com significação que ella bem entendia, e só ella...

Colheu as redeas e estacou.

— Esta cabeça! E tambem não é que separei da filha sem lhe pôr a bençã! Essa falta de idéa! Só voltando.

E, esporeando o animal, retomou o rumo da fazenda. Desandou os tres quartos já vencidos. Alli estava, de novo, entrando o curral da frente. Fronteando a "mascara", veio o padrinho:

— Qué foi, Cesario?

Quiz falar, mas encarregou. Entregou-lhe os coquinhos, dando a entender que eram da menina.

Ouvin-lhe a vozinha alegre, a soar no terreiro, entre outras vozes de creanças.

Quiz ainda pedir que a chamassem, para lhe pôr a bençã. Mas o engasgo continuava. Fazia estranhos movimentos com o pescoço... Esforços vão. Por fim, desistiu. Salvou mudamente o padrinho e virou a redea.

O animal trotou...

Viram-no ainda algum tempo, a distanciar-se: todo teso e esguio, desproporcionadamente grande para sua bestinha, quixotesco e ridiculo...



cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16



ENRIQUE VIO



RETRATO





IMPRESSÕES DE LEITURA

CLEÓMENES CAMPOS

RARISSIMOS os poetas que se estrearam com a unidade e harmonia de Paulo Gonçalves, o autor de *Yara*. Não ha no seu livro o que se costuma chamar *coisa sobrando*, nem tampouco o *falta, seja lá o que fôr, mas falta de sempre*.

O equilibrio que resalta da primeira produção, acompanha todo o volume até o fim, dando-lhe a todas as "partes" igual serenidade e doçura. Excusado será accrescentar que a justeza de rythmo e emoção dos seus versos não é coisa absolutamente procurada, como talvez á primeira vista pareça, mas simples producto dessa logica interior que preside aos lances sinceros da alma.

As composições de ha tres annos passados, que, aliás, não são muitas, não tendo tanta musica como as outras mais recentes, conservam, no entanto, a mesma feição de hoje, a mesma "maneira", como diria um pintor. Em todas, a presença inconfundivel de uma personalidade, e isso é tudo.

O que primeiro nos chama a attenção em *Yara* é o estado de continua melancholia do seu autor, Mas esta é menos causa do que effeito. E' na razão de ser dessa melancholia que devemos procurar a sua origem della; assim, precisamos penetrar-lhe a fundo na sensibilidade, ir-lhe por consequencia até a ternura, que lhe põe maciezas de petala nas estrophes, e que lhe é o maior mal, porque o martyriza, sendo entretanto o maior bem, porque lhe avelluda o estylo.

Ha nos seus versos uma infinita sêde de carinho, ou por outra, e mais propriamente, de recompensa amorosa. Lendo-os,



como que estamos a ver uma cabeça fatigada á procura de um collo onde repouse.

E o receio de que não venha nunca, ou tarde muito, esse momento de descanso lyrico, é o que o faz melancolico, sem todavia tornal-o desatinado.

Nada lhe vae melhor que estes decasyllados de Guilherme de Almeida:

Tanto lhe falta para ser amado,
Quanto lhe basta para ser feliz.

Mas, a quem endereça Paulo Gonçalves os sons communicativos da sua lyra, com tanta delicadeza e sentimento?

Difficil coisa é dizer-se, pela simples leitura de um livro, qual foi a mulher que o inspirou, principalmente se se trata de um poeta discretissimo como o autor de *Yara*.

Nem uma vez sequer enuncia o nome daquella por amor de quem idealizou a radiosa mansão das 'Eleitas'; apenas no final desse bello e suggestivo soneto, em tom de mysterio, muito veladamente, promete glorificar uma obscura "musa-noiva", irmã predestinada de Natereia e Beatriz.

Fica-se sabendo que tem uma inspiradora; mas, quem?

E' verdade que os legitimos poetas nunca procedem de modo contrario. Bilac mesmo, em cuja commentada "Ultima pagina" apparecent, a um tempo, uma Rosa, uma Laura e uma Branca, escreveu no fim da vida, como que para esclarecer melhor esse ponto:

"Não proclamei os nomes, que, baixinho,
Rezava..."

Talvez, pensando nisso tambem, dissesse, um dia, aquelle torturado Oscar Wilde, pela voz de certa personagem sua: "Quando amo alguém intensamente, não digo o seu nome a ninguem".

Não sei por que, vejo uma grande parecença entre Paulo Gonçalves e Desbordes Valmore. Fluctua nos poematos de *Yara* aquelle "quid" triste e ameno que immortalizou "Le Livre des Tendresses" da inditosa Marceline, o qual, diga-se de caminhar, o nosso poeta não conhece.

A começar do "Offertorio", que é uma pequena canção á Schumann, até á parte ultima da "Lendas das rosas", que reputo uma obra-prima, igual anseio interior de felicidade amorosa melancoliza todos os seus versos, não lhes deixando, comtudo, nenhuma sombra de enfadonha monotonia, como não deixaram outróra nos da immortal poetiza.

E' que atravessa uma infinita e variada corrente rythmica a serenidade mocional do volume, e foi isso mesmo o que succedeu ao "Livre des Tendresses", por onde passam todos os movimentos: desde os dos berços, que se balouçam com sorrisos, até os dos lenços, que se agitam com lagrimas.

Um e outra comprehendem que cada verso tem a sua cadencia, como cada homem a sua voz, clarissima verdade que muita gente ainda hoje ignora.

Paulo Gonçalves e Desbordes Valmore se, no tocante á maneira de se expressarem, differem um pouco, o mesmo não acontece quanto á de sentirem. São, nesse particular, muito, mas muito semelhantes. Olhando a vida pelo mesmo prisma, dir-se-ia que vieram ao mundo sob o mesmo signo, embora em paizes differentes.

E' que ha uma grande familia de almas, espalhada pela terra.

Ou seja que o soffrimento intimo empresta as mesmas contrações, os mesmos signaes á physionomia dos espiritos. Vejamos se tenho razão.

Alguns versos em que o poeta se retrata fielmente:

"A ventura escolheu a hora meiga do poente
Para uma tentação romantica imprevista.

Depois se debruçou mim olhar de donzella
E um minuto, sorrindo, esteve ao meu alcance.
Linda era a tarde para inicio de um romance...
Mas me calei, timidamente, diante della."

Em vez de gritos lancinantes, lhe sae da bocca o seguinte:

"Entretanto, ó formosa, ó lyrial desconhecida,
Tu poderias ser a minha inspiradora,
E é na crença de tua apparição vindoura
Que me ponho a sonhar teu amor pela vida."

Desbordes, em identico estado de alma, é assim que se exprime:

"Comme un pauvre enfant
Quitté par sa mère,
Comme un pauvre enfant
Que rien ne défend,
Vous me laissez là
Dans la vie amère..."



A mesma ternura e ingenuidade, igual delicadeza e melancolia em um e outra. Mas parece que Desbordes não correu atrás da felicidade, não a procurou em todos os recantos do mundo, em todas as almas, incansavelmente, como Paulo Gonçalves. Limitou-se a aguardar a sua volta, nessa attitude vigilante, mas abstracta, de quem espera pela appareição de uma pessoa muito amada na curva de um caminho muito conhecido...

Nas linhas que ficaram acima, confessa elle que deixou fugir, por timidez (traço característico do seu temperamento), a ventura que se lhe deparou fascinante debruçada num olhar de donzella.

Entretanto declara que

"Linda era a tarde para início de um romance..."

Ao vel-a escapar-se-lhe, porém, sente qualquer coisa dentro de si, especie de rumor de passos, e murmura pensando em contos de fadas:

"Sim! a felicidade é uma antiga princeza,
Que ficou encantada em nosso coração."

Felicidade interior! Mas esta é fruto que amadurece muito alto e as mãos da juventude não attingem. Urgia, portanto, procural-a entre os homens, pelo menos nos que se lhe antojavam venturosos. Porque, seja dito de passagem, Paulo Gonçalves tem a obsessão da felicidade. A's vezes, um tanto desanimado, chega a exclamar:

"Felicidade, como torturas a quem te espera!"

E como é humana a pressa de ser feliz!

Mas, entre os que suppunha ditosos, o mesmo vacuo desesperador. Assim, perscrutando a alma de certos poetas celebrados, onde percebe que "um sino plange em funerario dobre", não encontra menos tortura do que na sua; nem na dos "Velhos", embora tranquillã; nem na dos "Mendigos", apesar de conformada; nem na de Dirceu, não obstante ser tão querida. Em uma sómente, porque sabe afugentar com orações as proprias dores, lobriga um pouco da paz suspirada: na de Anchieta. E' muito cedo, porém, para renunciar a tudo, como "o que se fez santo em louvor de Maria".

Continúa, por isso, a esperar a "princeza encantada", mas agora com essa serenidade muito proxima da indiferença, a resi-



gnação. E escreve, para consolar-se, esta admirável poesia, que não resisto ao prazer de citar:

OS RESIGNADOS

Os que encontram, depois de lances mallogrados,
A alma, lyrío-mulher, de que andam á procura,
E como premio, na intenção mais pura,
Esperam pelo amor redimir os peccados,
Deitar infantilmente a cabeça em seu collo,
Proteger-se na sua innocencia e ternura...

Os que amaram demais e não foram amados,
Considerem, meditem a alegria,
Com que tambem ás vezes me consólo:

Não pudemos, é certo, alcançar a ventura...
Mas ficamos sabendo que existia.

Como sabe, tem certeza de que ella existe, sonha um typo de mulher venturosa como ninguem o foi nunca, a princezinha da "Lenda das rosas". Toma da creta informe e começa a plasmar-lhe as feições delicadas, consultando o modelo fornecido pela imaginação. E, de subito, num gesto mais rapido, insufla-lhe vida.

Mas verifica para logo que havia copiado, linha a linha, a sua propria alma...

Nem assim conseguira o que desejara!

A ventura que lhe appareceu, a sorrir, num olhar de donzella, de certo não lhe virá mais em procura. Como bem notou Oscar Wilde, "nenhum homem encontra duas vezes o seu ideal".

Só um caminho salvador se abre por conseguinte deante delle: o da fé. A sua poesia tem de ser religiosa.

O passado? Para esquecel-o, basta exclamar com Beethoven:

"O' Deus, dá-me forças para vencer-me!"



O LAPIS DE 1822 A 1922 FOI O COMEÇO NAS PAREDES DA CIDADE...

*A*creditar no que asseveram os escriptores, a historia da caricatura nesta centena da independencia, começou pelas paredes da cidade, á falta de imprensa e de papel adequados. Assim affirma José de Alencar, quando nos apresenta "O Garatuja" a exhibir seus predicados, nas paredes colonias, com perfis e allusões encarvoadas, que excitavam as iras dos cerbêros policias de antanho. Assim confirma Alvarez de Azevedo, quando nos aponta o bohemio das prisas êras:

"Escrevo na parede as minhas rimas,

De paíncis a corvão adorno a rua.."

Era esse, pois, o unico modo de publicidade dos primeiros "calungas"; publicidade clandestina, muita vez pusilanime, — herança fugitiva de Aquino, mais amiga de intrigas do que do riso salutar, nascido da ironia innocente, leve, que hoje corre mundo, em todos os geitos, generos e feitiços. Depois de escaodas mais de cinco lustros, a caricatura apparece com fóros de cidade, em hebdomadarios esporádicos que começaram a formigar na côrte e nas provincias. O principal assumpto do lapis era o commentario dos casos politicos, e, de onde em onde, um facto social ou uma humorada impessoal; a maioria dos desenhistas limitava-se á resenha dos episodios da semana, com legendas extensas ou versalhadas longas, de rimas pobres. Esse processo trouxe a vantagem unica de apresentar, concatenados dia a dia, os casos importantes da vida nacional. Corridas as paginas do "Cabrion" da "Semana Illustrada", da "Vida Fluminense", do "Figaro", da "Revista Illustrada", vêr-se-á integralmente o vida brasileira, a historia do pais, nesses tempos, em todos os aspectos, com referencias, por bamburrio, á vida internacional. Surgiam então commentarios fortes, anathêmas symbolicos, allegorias suggestivas nos grandes assumptos; apresentavam-se paginas enormes, cheias, magistralmente desenhadas pelo difficil processo da gravura em pedra.

Nessas paginas allegoricas ou symbolicas, quasi todas verdadeiras composições de arte, brilharam os lapis imaginosos de Luiz Borgomainiero, Raphael Bordallo Pinheiro, Henrique Fleuss, L. Faria, Angelo Agostini, consideradas os precusores da caricatura e da illustração no Brazil. Por esse tempo as grandes causas em jogo tinham no lapis dos artistas a defesa segura, a propaganda formidavel, mais efficaz do que a gongorismo das



"artigos de fundo". Essa gloria ainda hoje é repartida pelos caricaturistas, que proseguem nas campanhas em prol das conquistas liberaes, abraçados ás causas gratas aos espiritos independentes, que vêm, no preceito de Horacio, o lemma guizador: — excepção feita de rarissimos lapis mercenarios ou epicenos que albardam o sendeiro á vontade do dono, — esses formam excepção honrosissima... para a regra geral. Ainda nesse periodo, de re-



gimen monarchico, era notavel a livre manifestação do pensamento pelo lapis: este brillou sempre sem pezas, por bem saber onde terminar a liberdade e começa a licença. Confrontando essa época com as seguintes, nota-se uma differença triste; o regimen democratico, iniciado em 89, com tantos zabumbas liberaes e demagogicas, estabeleceu entraves e obstaculos de toda especie; as figuras de rethorica, largamente illustradas outr'ora com as effigies dos que as motivavam, nunca mais puderam ser applicadas ou adaptadas; o que provocava o riso alacre dos proprios caricaturados, hoje é causa de irritação e censura dos oligarchas, que procuram ver negro onde todos vêm cor de rosa. "Tempora mutantur..."

Passada essa grande phase fecunda, veio um periodo esteril, contra o qual se procurou reagir. Aparecem, então, os commentarios lezes; as primeiras ironias e indirectas, o humorismo impessoal, por influencia das correntes europeas, fazendo fulgir os lapis de Duque Estrada, Aluisio Aze-

vedo, Belmiro de Almeida, Pereira Netto, Delphino, Hilário Teixeira, Teixeira da Rocha, Maurício Jobim, Isaltino Barbosa, Hastoy e Arthur Lucas (Bambino). Longa temporada houve em que somente duas revistas circulavam, aqui e nos Estados: o "Mequetrefe" e a "Revista Illustrada". Cada hebdomadario tinha à testa um só desenhista; era elle o responsável; era elle o jornal; o texto, pouco lido, rara vez interessava; as paginas illustradas eram tudo. Assim correram muitos annos, até surgir aqui Julião Machado, que alliado ao saudoso Olavo Bilac, lançou a "Cigarra" e a "Bruxa", com os processos modernos de composição e de gravura a cores. A estes dois artistas devemos a remodelação da imprensa illustrada, tornando as paginas atrahentes pela graça e pela variedade.

Aberto o caminho, Gastão de Mello Alves, reunido aos saudosos Gonzaga Duque e Mario Pedrneiras, com a ajuda efficaz das pennas de Lima



Campos, Manoel Porto Alegre, Luiz Jordão, lançou o "Mercurio", diário a tres cores em que, pela primeira vez, mais de um desenhista figurara. Julião Machado, Bambino, Dumitense e Gastão Alves, ali trabalharam e ali tiveram inicio os lapis de Calisto e de Raul. Proliferaram em seguida as revistas illustradas, os jornaes diarios abriram margem para os commentarios do lapis, por iniciativa do "Jornal do Brasil", e agora temos uma phalange de humoristas aprecivel em qualidade: J. Carlos, Leonidas, Luiz Peixoto, Storni, Casanova, Vasco Lima, Seth, Aryosto, Loureiro, Voltolino, A. Rocha, Helios, Belmonte, Trinas, Pespegur, G. Neves, Sá Roriz, Fritz, Erico Castello, Jefferson, Romano, Maia, Gigoletto, Manolo, Madeira de Freitas, Djalma, Cicero, Justinus, Perdigão, a legião é grande e valorosa, desfalcada pela morte de Falstaff, Carlos Lenore, Braga, Ramos Lobão, Emilio Ayres, Chrispin, Amaro Anaral e Celso Herminio. No momento presente manifesta-se a tendencia para as especializações; uns adoptam as allegorias-commentarios, outros preferem as "charges" dos vultos em evidencia, estes as humoradas fantazias, aquelles as criticas de costumes, mas todos concorrem para a graça espontanea do lapis, esfuziando com alacridade constante. Dos desenhistas militantes bem poucos adoptam pseudonymo, e quando os empregam ficam para sempre conhecidos por esse christa artistico; assim tivemos Falstaff e Gil e temos Fritz, Chin, Bambino, Byby, Seth, Fox e Dudú.

A imprensa legitima não dispensa hoje a collaboração do lapis; quer isso dizer que, em cem annos de vida propria, a caricatura e a illustração progrediram, não grado a rotina de alguns contemporaneos que lançam, não da thesoura e da gomma arabica, transcrevendo desenhos estrangeiros. Foi o "Tagarella" que abriu as columnas e o caminho aos caricaturistas; ali se manifestaram as revellações artisticas do genero. A caricatura ven-

ceu; tem seu lugar digno sob o sol; falam por ella todas as causas nobres que o tem defendido; falam por ella todas as causas inconfessaveis que foram e serão sempre apostrophadas.

Serena ou altiva, singela ou vehemente, a caricatura sempre teve a consciencia da responsabilidade da autoria, mantendo-se em nível elevado, sem temer o arrôcho de leis especiaes que os paes da patria improvisam! contra um pretensu mal que elles mesmo crearam.

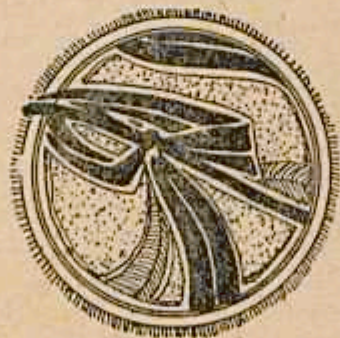
E a caricatura progride, sob novos moldes, novos estylos, realizando o que contou em verso o maior de seus amigos:

*"Caricatura adorada,
A tilintar como um guizo,
Nasceu de uma gargalhada,
No quente ninho de um riso.*

*Hontem: symbolica e esquivã;
Hoje: vidente e sagaz;
Amanhã: muito mais viva,
Muito mais viva e audaz!"*

RAUL PEDERNEIRAS.

(D" "A Noite").





El Hijo del León — VICENTE SALAVERRI — Buenos Aires 1922.

Ninguém mais contesta o surto esplêndido que modernamente caracteriza a mentalidade sul-americana. O continente liberta-se da Europa caduca, pensa com o seu próprio cérebro e faz arte sua, personalíssima. Na Argentina ha uma pleiade fulgurante de novellistas que fixam em obras de alto valor o momento actual, o momento da mentalidade, o momento psychico, o momento physico. O Uruguay não lhe fica atraz, e de continuo, sobretudo depois da guerra, surgem lá obras reveladoras da magnífica affirmação esthetica.

Entre estes vanguardeiros da independência mental sul-americana, está Vicente Salaverrí, de quem recebemos agora um novo livro, *El hijo del león*. E' romance, mas romance como os ha mister para a criação de uma literatura. Romance onde a imaginação foge systematicamente á phantasia e só ordena os materiaes colhidos pela observação. Tudo allí respira, resôa á terra uruguayá. Os personagens são tomados vivos á realidade e vivos se conservam no romance. São gaúchos, estancieros, bandidos heroicos, creaturas fortes, temperadas na velha lucta entre *blancos* e *colorados*. Como, porém, a cultura e a civilização crescem vigorosamente naquellas abençoadas regiões, o drama é um drama de choque entre a formação caudilhesca, violenta, sanguinaria, filha do velho odio partidario e a formação nova, da mocidade que se educou em Montevidéu ou fóra, nos Estados Unidos sobretudo. Neste embate, não raro a alma nova se vê esmagada, vencida pela velha — e explodem, então, os dramas sangrentos como este tratado por Salaverrí.

Edmundo, verdadeiro symbolo do Uruguay novo, fino, culto, comprehensivo, educado á moderna, cõe victima da faca de Cassiano, o capataz barbaro e traçoceiro que não o poderia comprehender nunca. Mero incidente na lucta entre os dois estadios de cultura, o semi-selvagem, dia a dia mais rechassado, e o civilizado que, embora vencido aquí e allí, como no caso de Edmundo, ganha terreno sempre, e acabará eliminando Cassiano-Caliban. Porque Edmundo é Arjel.

No romance de Salaverrí todos os personagens são typos perfeitamente logicos e reaes, o que dá á obra um sabor estranho de vida. Sua technica de compor é segura e em seu estylo nenhum vicio ha a apontar. No descriptivo é excellente e dá ao leitor a sensação de ver o descripto. Um trecho para amostra, tomado logo á primeira pagina:

— "E estas porteiras velhas, porque não as mudam?"

— Eh, patrão, a culpa é da estrada de ferro!

Com uma chave curta e chata o capataz abre um grosso cadeado cor de aluminio. Luego (vá o resto em castelhano, para que não se perca o sabor),



luego empuja con brio el carcomido maderamen que, como la vata de un picadero, les cerraba el paso. Las cabalgaduras pisan el pasto resquebrajado de la via. Por sobre la cabeza de los hombres, los hilos del telegrafo tienen un murmurio inmerario, que inquieta en esta hora crepuscular, dulce y languida. El sol, muy grande, muy redondo, muy rojo, es un satiro apoplectico, que se acuesta rendido en un muelle colchón de nubes blancas. Los hombres, sin advertirlo, bajan el tono de la voz, porque el ineffable encanto del tramonto, letal y misterioso como una irradiacion sagrada, les va entrando en las almas."

Salaverri tem já uma obra de vulto, tres romances da vida do campo, quatro da vida das cidades, tres de contos e ainda varias obras de critica social e jornalismo. E' um verdadeiro homem de espirito amplo e comprehensivo, capaz de voos magnificos. E' um esforçado e leal obreiro do Uruguay moderno, um constructor a quem a literatura sul-americana já deve varias obras excellentes e deverá ainda verdadeiras obras primas. Porque Salaverri evolue visivelmente, e inda não attingiu o vertice da sua montanha.

Raoul Pollilo — DANÇA DO FOGO — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

Não é facil a leitura deste romance. Desnortea-nos a principio a psychologia anormal do heroe, e a seriação dos seus raciocinios suggere-nos logo a idéa de que estamos em face de um louco. Assim é. Eugenio Land é um louco raciocinante. Estabelece principios falsos, e aqui está a sua loucura; mas, partindo destes principios, raciocina normalmente e tira delles todas as consequencias logicas. Anormal, elle apparece-nos empolgado pela mais estranha das psychoses: a necrophilia. Eugenio sente attracção irresistivel pela carne morta, pela frialdade cadaverica e arrasta-se pela vida como um succubo dominado pelo incubo da sua anomalia. Escultor genial, artista dos mais complexos, sua esthesia vae conformar-se pelas injunções da sua psychose. E fez da sua vida a sua grande obra d'arte: um assassinato da mulher amada, para que possa amala como o quer o incubo: morta... E' horrivel o thema e dos mais difficeis de serem desenvolvidos num romance sem a perigosissima queda no ridiculo. Pollilo, entretanto, o consegue. Land, ao primeiro impulso interno da psychose, despeña de uma escada, num collegio, a linda menina que amava — que amaria morta, que querer ver morta... E tem ahí o primeiro encontro com a morte — a morte creada por elle, para elle...

E segue vida em fóra, sempre empolgado por aquella ancia, até á crise suprema que o arrasta a matar a mulher que o adora, Perséphone, para tel-a em seus braços, morta, num amplexo unico e supremo. Entremcio dessas duas crises, a inicial, na meninice e a final, em adulto, Eugenio Land soffre outras, numa das quaes assiste no necrotério á autopsia de certa moça e depois, pela calada da noite, lhe viola o triste cadaver.

O thema é horrivel e coragem das maiores revelou o autor abordando-o no seu livro de estréa. Mas a justiça manda dizer que superiormente venceu todas as difficuldades e conseguiu fazer uma das obras mais fortes que tem surgido entre nós. Originalissimo, tambem. A nenhuma outra se filia, nem lembra nenhuma outra da nossa literatura. Fez um romance de equilibrio perfeito, que empolga o leitor e o envolve nas teias de um immenso, inesquecivel pesadelo. Sente-se que não foi facil a realização do apprehendimento. Sente-se que a obra é pensada, é feita e refeita, com grande somma de estudo, de observação, de cuidado na escolha dos deta-

lhes. Bloco de pedra bruta e informe a princípio, elle desbastou o thema com grande ardor e fez nascer o complexo de formas ora vagas e indecisas, ora firmes e bem visuaes, com a technica segura do esculptor que compõe um monumento. Pollilo é um romancista. De quão poucos fazedores de romances se poderá dizer o mesmo?

Danças do Fogo é criação de tal vulto, é obra tão vigorosa, que seria ridiculo fazermos aqui as observações que o seu estylo, inda imperfeito, nos suggere. Senões suppressíveis numa segunda edição, toquem nelles os incapazes de ver a obra em bloco e lhe admirar, sem reservas, a harmonia das partes e a solidéz da construcção.

Sylvio-Floreal — ATTITUDES — Casa Duprat — S. Paulo. — 1922.

Collecção de chronicas impressionistas sobre a vida das ruas paulistanas e das creaturas que as tem como o ambiente normal.

Entremcio, criticas, analyses de individualidades literarias, sempre sob a feição impressionista, e tambem alguns contos. O autor revela-se-nos duma sensibilidade ampla, capaz de reagir a todos os *estimulos* que a esfolem — uma flor murcha que vê sobre o passeio, um literato rico que roda no seu auto, um garotinho esfarrapado que á porta dum café conta os nickéis ganhos, a mendiga que estende a mão, a borboleta azul que desgarrou do campo e esvoeja, tonta, em pleno tumulto da rua Quinze. Sempre attento a esses pequeninos nadas do turbilhão da vida, tem para elles um olhar compassivo e uma reflexão, ora amarga, ora resignada, ora philosophica. Suas attitudes, as attitudes da sua sensibilidade em contacto com o monstro polyforme, estão todas compendiadas neste livro de estréa, valioso como revelação de uma personalidade bem marcada. Não basta isso. Agora, que o autor nos demonstrou que sabe sentir, ver e fixar suas mais fugidias impressões, é mister que ponha tudo isso a serviço d'uma obra d'arte capaz de interessar profundamente e commover o publico — um romance.

Com *Attitudes* demonstrou que possui material de construcção, que sabe temperar a argamassa do estylo, que sabe tracejar linhas harmoniosas; resta que ponha mãos á obra e construa em ponto grande.

O livro de apresentação do joven belletrista apparece como quem annuncia ao publico: Senhores, vede que lindo stock de coisas eu possuo, que lindo material! O publico olha, vê que confere e replica: Sim, amigo, agrada-me muito o mostruario. Mas para eu te dar a minha attenção e o meu apoio é necessario que me dêes tu'alma inteira transubstanciada em obras de vulto como as quero. Constroe-me com isso, por exemplo, o romance de S. Paulo, o romance das ruas que esfervilham borborinhantes, como caudal de sonhos, ambições, vaidades, soffrimentos, a defluir para o sorvedouro do grande Nada...

Oswald de Andrade — OS CONDEMNADOS — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — 1922.

O autor nos dá neste livro o volume primeiro da sua muito esperada *Trilogia do Exilio*. Isto difficulta um serio juizo critico, pois não se avalia de um monumento pelos simples alicerces. Muita coisa denunciada neste só terá desenvolvimento completo no decorrer da construcção, bem como excessos e inutilidades apparentes aqui só mais tarde darão as suas razões de



ser. Neste primeiro tomo a heroína, Alma, surge-nos como espinhada flor da lama. Sua vida é um puro inferno — é o inferno moderno da substituição forçada. Ainda na aurora dos annos, a sina má fel-a cahir nas mãos de um *custeu*.

O *coftent* Não creou a civilização monstro mais completo, e mais incompreensível. Entretanto, se penetrarmos bem no fundo da alma feminina, veremos que elle prende raizes justamente no que a mulher possui de mais sublimado: a capacidade infinita de dedicação, a dedicação levada ao sadismo. Mauro é, no romance, esse monstro, que traz empolgada a triste martyr.

Alma é sua, uma coisa sua, uma escrava, uma seviciada, uma torturada nas mais dolorosas fibras da sensibilidade doentia. Mais elle lhe bate, mais a supplicia, mais Alma o ama.

Inutilmente apparece para salva-la do abysmo o amor purissimo de João do Carmo, feito de infinitos de ternura e dedicação. Alma não consegue arrancar-se ás garras de Mauro. Foi delle, é delle, será delle.

Essa fatalidade a mantem na lama, no inferno, até ao fim do romance, ponto em que apparece um seu primo Alvellos, joven escultor recém-chegado da Europa e que, parece, será figura capital no tomo segundo, a publicar-se.

João do Carmo desaparece. Matou-o o seu amor pela dolorosa perdida. Como desaparece tambem o Luquinhas, filho de Alma e Mauro, triste creança que passou pela vida para completar na alma de sua mãe o cyclo inteiro da dôr.

A psychologia dos personagens está perfeitamente estabelecida. Todos vivem rigorosamente logicos dentro das premissas do temperamento e da fatalidade. A vida de Luquinhas resalta vivida, primorosamente cinematographada numa serie de quadros á Griffith.

Mas o livro não passa da primeira parte de um triptico, e não ha ajuizar sincero de um todo pela simples visão do terço. Aguardamos para isso a sahida dos demais volumes, certos desde já, pela amostra, de que o autor nos vae dar uma obra de vulto, talvez um dos grandes romances da nossa literatura.

Quanto á forma, impossivel eximirnos de varias restricções. Se o objectivo de um escriptor é transmittir idéas e sensações, essa transmissão será tanto mais perfeita quanto mais respeitar a psychologia media dos leitores. Quando, ao envez disso, arrastado por preocupações de escola, vae contra ella, na vã tentativa de innovar, em vez de causar a impressão visada causa uma impressão defeituosa, incompleta, "empastelada", muito differente da que pretendem. Tenha isto em vista o joven romancista, faça experiencias *in anima nobile*, abandone theorias, escolas, corrilhos, "ache o seu trilho" — e sua obra corresponderá na accção publica ao muito que se espera do seu magnifico talento.

M. L.

Gilberto Amado — APPARENCIAS E REALIDADES — Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1922.

"O tempo que tiveram de perder em lavrar campo tão arido ganhem-no os rapazes intelligentes em procurar idéas, factos, noções, em observar os acontecimentos e a vida, que, em tendo alguma coisa que dizer, sempre acharão linguagem conveniente..." A proposito do padre Bernardes e do Frei



Luiz de Souza, modelos de "sensaboria e torporencia", assim aconselha Gilberto Amado. Justo — quanto a ideia, factos, noção, observações, que devemos procurar e cultivar como a propria materia prima do commercio mental. Mas, nem por isso se conclue que abandonemos os classicos e esperemos que nos ocorra a "linguagem conveniente". Tal linguagem não ocorre sinão a quem já a conhece e domina. O milagre da elocução facil, correctea e viva faz-se aos poucos, lentamente, a não ser sob a acção mediuimica, que ainda não é instrumento pedagogico.

Invertendo essa especie de chavão da cultura que nos ensina — "escreve bem quem pensa bem" — digamos por nossa vez: "só pensa bem quem bem escreve"... e teremos visto que o sr. Gilberto Amado não tem razão.

Pensamento e expressão andam tão ligados que tanto se justifica a these como a antithese, a pique de cahirmos no circulo vicioso. Assim como "pensar bem" é exprimir bem, procurar a "linguagem conveniente" também é pensar: confunde-se com o proprio acto do pensamento. Meditar, em ultima analyse, é esquadriñar phrases, isto é, pensamentos expressos. Buscar a expressão propria é crear pensamento.

Ideias, factos, noções, observações mal expressas valem incomparavelmente menos do que bem expressas valeriam; menos, para effeito de communicação, o que é a essencia da linguagem; e menos para proveito proprio, isto é, enriquecimento e fecundidade da ideia, exacção e veridade do facto, nitidez e acuidade da observação. Importa, pois, muito, cuidar da lingua como do proprio pensamento.

Não tem, assim, exacta razão Gilberto Amado, quando proscreeve do manuseio util aos moços a "sensaboria e a torporencia" classicas. Também sensaboria e torporencia alguma coisa valem. Servem, pelo menos, de contrapesar a concha dos prazeres facéis da leitura excessivamente correnteia. Lér o que desagrada é educar-se, como fazer o que nos molesta será cultivar a vontade, o dominio proprio e "outras cositas más", que, enfim, têm o seu valor. Mas não é tão longinquamente que lhe achamos utilidade.

São exactamente essas sensaborões que, mesmo pelo facto de nos negarem gosto e agrado, os que mais nos ensinam o que outros, lisongeiros em excesso, nos occultam. Ademais, lér não é apenas gozar; é também aproveitar.

Ora, negar vitude á leitura dos classicos sensaboros é negal-o ao conhecimento da lingua, ao perfeito assenhoreamento da syntaxe, ao dominio do espirito idiomatico. E isso só se consegue com um pouco mais de trabalho que a "tarefa preliminar de todo rapaz que deseje escrever bem a sua lingua", como aconselha o auctor de "Apparencias e realidades": "apanhar e colleccionar num caderno alguns vocabulos, modismos, expressões e giros de linguagem característicos." Que não é assim, sabe-o muito bem Gilberto Amado, nem é nosso intuito dar-lhe lição.

Entre os capitulos do seu bello livro preferimos este para melhor caracterisar-lhe o espirito. Nesse horror ao classico está todo o escriptor, na sua indole; si pudesse, Gilberto Amado deixaria de escrever para só pensar. Ideação, conceito, fundo é o que o interessa. Phrase, forma, estylo pouco se lhe dá... Essa, a sua caracteristica mental, cuja predominancia excessiva acabaria por prejudical-o.

Neste livro se encontram assumptos bem debatidos, sob pontos de vista individuaes, com agudeza e espirito critico. O auctor, entretanto, é capaz de uma arte que não nos quer dar e que só bem lhe faria e á sua obra.



Agrippino Grieco — FETICHES E FANTOCHES — Ed. Liv. Schettino — Rio — 1922.

A mesma independência mental de Gilberto Amado, qualidade que não se deve confundir com independência política ou jornalística, coisa de natureza diversa, distingue Agrippino Grieco, em quem, aliás, se juntam as duas, formando o typo completo de pamphletario. "Fetiches e fantoches" não é outra coisa — uma collecção de pamphletos.

Interessa-nos pouco o jornalista de combate, especie que pullula neste paiz de "à pedidos" e "secções livres". Mais significação tem o outro, o typo mental autonomo, que pensa por si, segundo a sua visão, com o seu aparelho psychico, desassombradamente.

O espirito de analyse, unica força capaz de individualisar o escriptor, cultiva-o a fundo A. Grieco, surpreendendo-nos a cada passo com o mundo de associações que descobre e assignala. E' o caracter da autonomia, Dahi, a sinceridade, a franqueza, a rudeza mesmo, do pensamento e do estylo.

Mas tudo isso não impediu que "Fetiches e fantoches" fosse escripto, não perfeitamente em vulgar, mas num como vasconço ou algaravia cultu-resca, em que por vezes o auctor deixa de visar a comprehensão do leitor para pretender-lhe a admiração, forçada a golpes de eruditismo facil. E não ha senão perguntar: — onde está a independência do escriptor?

De facto, si Agrippino Grieco se desvencilhou do pavoroso habito forense de citar textos, que nos ficou da origem bacharelesca da nossa cultura, não se desfez do fetichismo do nome proprio, que ridiculisa tantos escriptores nossos. E' inacreditavel que a acuidade critica não lhe tenha salientado a ridicularia.

Assim, falando de um secretario do sr. Altino Arautes, diz — "é um romano da decadencia, um filho de Sybaris", "fragil e voluptuoso Roabdil", doutrinator jocoso como Bouchor numa "brasserie" de Montmartre."

Tratando de certo documento politico administrativo, salienta periphra-ses como "permitirá que a terra se culbra com vestimenta para lenha" e commenta: — "nem os circumloquios de Saint-Pol-Roux chamando ao gallo "porteiro da luz" ou á garrafa "teta de vidro". Proseguindo a sua erudição reúne a Malthus e Schopenhauer, o "Jornal do Commercio e a Susanna Casterá, Réclus e o sr. Washington, Proudhon e Malato, d'Avenel, Prudhomme, Ferrichon, Homais, Gobineau e o burro de Buridan, tudo para frisar a contribuição do presidente paulista para o "Sottisier" de Voltaire.

O leitor chega até o "Jornal do Commercio", mas tropeça na Casterá; adianta-se até o Réclus, mas pára no Proudhon, Prudhomme, Prud... pois, francamente, a distincção dos dois ou tres nomes eguaes ou parecidos e das respectivas pessoas do philosopho, do philosophante, do artista, não nos manda ao Larousse?

Gomes Leite — ATRAVEZ DOS ESTADOS UNIDOS — Ed. Anuario do Brasil — Rio — 1922.

Cheio de interesse, apresenta-se este livro de impressões de viagem, de que alguns artigos appareceram transcriptos em nossa "Resenha".

Merece destaque o capítulo consagrado á colonia inglesa de Barbados, uma das mais "ricas" do mundo britannico, daquellas que nos fariam invejar a suave dominação...

"O espectáculo que se offerrece ao estrangeiro visitante, é de véras impressionador. Mal pomos o pé em terra, uma chusma incontavel de



homens e, principalmente, de velhos pobres nos cerca de assalto, atordoando-nos com uma chuva de offercimentos, apresentando-se cada qual como o melhor guia da cidade, enquanto que os meninos, às duzias, nos impedem de dar um passo, porque se debruçam afoitamente sobre as nossas botinas, a limpar a hypothetica poeira trazida de bordo... Os offercimentos dos assaltantes vão dos mais exquisitos aos mais escandalosos... O essencial é fazer jús á gorgeta." Por esse theor campeia a miseria na ilha, ganhando o trabalhador braçal, geralmente o preto ignorante, 15 a 70 centavos por dia, a secco. Dahi, a emigração em massa.

Outro capitulo digno de leitura é o que se consagra á raça preta nos Estados Unidos, illustrando-nos bastante sobre a rivalidade das duas raças.

Simples notas de viagem, bem escriptas, não se procure no livro mais do que promete: impressões, noticias, observações.

J. Salis Goulart — CHUVA DE ROSAS — Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1922.

"Chuva de rosas" realisa o milagre de um livro de versos, todo elle, cento e cinquenta paginas macissas, sobre um mesmo thema — rosas. O bello titulo diz bem — "Chuva de rosas" e não é outra coisa. Como virtuosidade, é o cumulo; mais não podia ser feito.

De como o realizou o poeta diz João Ribeiro, em prefacio:

"Certamente, só um poeta, um pintor delicado, um artista enfim, como vós sois, poderia achar a expressão, a um tempo etherea e sensível, para coisas tão indefinidamente subtis...

"Acreditaes, não são palavras vãs as que vos dirijo; sou muito pouco habil em rodeios e subterfugios do pensamento.

"Falo com franqueza e sinceridade."

Não era preciso dizer mais nada.

Pena é que não seja o poeta tão cuidadoso da forma como era de esperar, deixando, não raro, que cacophonias, écos, durezas de phrase e outros pequenos nadas marciem a pureza de versos, como "Exilada da Patria o teu busto parece", "Tarde de mysticismo, em que o silencio fala", "Como mantô velado da saudade" e outros que seria facil enumerar.

Alberto Seabra — O PROBLEMA DO ALÉM E DO DESTINO — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1922.

Os altos problemas psychicos e metapsychicos, que hoje preoccupam o mundo scientifico, tanto quanto os meios populares, têm no sr. dr. Alberto Seabra um estudioso apaixonado e intelligente. Neste como em outros trabalhos, põe-nos elle no par dos debates travados em torno dessas questões, proporcionando-nos dados interessantes de facto e de doutrina.

Eis os titulos de alguns capitulos: — Os phenomenos psychicos e o mysterio universal — As mesinhas que se movem e falam — As experiencias de Durville — Separação do phantasma — Casas assombradas — Reencarnação — Memoria sonnambulica.

Fabio Luz — A PAIZAGEM NO CONTO, NO ROMANCE E NA NOVELLA — Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

Com o subtítulo — "Notas para um estudo", o livro de Fabio Luz é, na verdade, uma reunião de fragmentos interessantes, que vão desde as primeiras manifestações do espirito novellesco dos povos; as quaes mais pertencem ao folk-lore que á literatura, até ás mais recentes de diversos paizes.

Uma introdução expõe a intenção que teria a obra esboçada, a qual, aliás, se contém no título: acompanhar a paizagem atravez da literatura. Sob esse pretexto, o auctor nos faz recordar trechos da fabula primitiva e refere episodios literarios modernos, entre os quaes alguns de puro regionalismo, colhidos neste ou naquelle povo.

Gastão Cruis — COIVARA — Ed. Livraria Castilho — Rio — 1922.

Em segunda edição, reaparece "Coivara", livro de contos de Gastão Cruis, um dos melhores que se têm publicado estes ultimos annos.

Com muitos pontos de contacto com "Urupês", ainda que delle se afaste em generalidades, pôde ser posto ao seu lado, como uma das grandes revelações da nossa literatura. A mesma dramaticidade de um assignala o outro, a mesma architectura, a mesma arte de contar a tempo, com imprevisto e interesse.

Apezar do titulo, "Coivara" não tem o fundo realista, que não é outra coisa o celebre "regionalismo" do Jeca Tatú. Os seus personagens, os seus scenarios, os seus dramas não são os da roça. Nem por isso são menos vivos e humanos. Si, por outro lado, lhe falta o estylo pessoalissimo, que distingue aquelle, sobra-lhe a clareza e fluencia.

"O nocturno n. 13", "G. C. P. A.", "Noites brancas" e "A noiva de Oscar Wilde", são paginas admiraveis de imaginação, de poder emotivo, da arte de narrar e, muitas vezes, de realidade. O seu forte é a phantasia e a capacidade artistica da composição.

Alguns dos contos de Gastão Cruis, publicados nesta revista, são conhecidos dos nossos leitores.

Tristão de Athayde — AFFONSO ARINOS — Ed. Annuario do Brasil — Rio — 1922.

Tristão de Athayde, critico militante dos mais distinctos por um conjunto de qualidades, que raramente se reúnem, publica o seu primeiro livro — "Affonso Arinos", em que se estuda a vida e a obra do grande escriptor. Trabalho completo, á sua leitura vê-se o desdobramento natural do homem na sua obra, como foi e devia ter sido o caso de Arinos. Remontando á sua ascendencia mais remota no Brasil, para passar em summaria revista dois ou tres typos intellectuaes que a illustram desde a colonia, desprende-se do livro aquelle mesmo espirito historico e tradicionalista que embalsama as paginas fortes do "Pelo sertão". A' determinante raça junta-se a do meio, o sertão em que se formou o homem, cuja vida apparece, então, logicamente deduzida.

Tudo isso é um bello romance, que se lê com todo o interesse, preparando a leitura da parte puramente analytica da obra e a sua colloca-



ção na literatura nacional. Segue-se, como segunda parte, o estudo "O sertanismo", que completa o magnífico livro.

A orientação crítica de Tristão de Athayde, exposta no capítulo inicial — "A crítica de hoje", desenvolvida e aplicada a seguir, é a mais inteligente e liberal.

*Assis Cintra — INDISCREÇÕES DA NOSSA HISTORIA —
Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1922.*

Em prefácio, diz deste livro o seu autor:

"Mais um livro de Historia ou de historias. Como o escrevi? Não sei razoavelmente dizel-o. Ha dois annos, si tanto, era eu ainda um candidato a *escriba* na imprensa paulista, ignorante e desconhecido. Em dois annos corri, com escala por São Paulo, da redacção dum pequeno jornal da roça á do "O Imparcial" e do "Correio da Manhã", no Rio. Depois, minha collaboração fugiu da exclusividade de um diário, e passei a escrever effectivamente em seis jornaes e tres revistas cariocas. Nesse espaço de tempo, fiz, em differentes logares, 23 conferencias e escrevi 512 artigos. Entreguei ao prelo de diversos editores 36 originaes de obras sobre varios assumptos."

Como se vê, é um prefácio notavel pela franqueza, pelos factos que revela e mesmo pelo estylo. Por ahí se avalia a capacidade do autor e se julga a importancia da obra, que é, na verdade, interessante.

O volume, com mais de 200 paginas, contem a narração de episodios anecdoticos referentes a personagens historicos, especialmente os do 1.^o reinado.

*Alberto Conte — REFLEXÕES — Off. Graph. Monteiro Lobato
& Cia. — S. Paulo — 1922*

O sr. Alberto Conte, em livro de estréa, mostra-se bem orientado, procurando pensar por si, dando trabalho ao cerebro, fazendo do senso commun, isto é, da intelligencia o seu elemento. É uma orientação séria, a unica que, de facto, pôde produzir alguma coisa num escriptor de themas abstractos.

O senso commun engana, muitas vezes; outras descobre "pólvoras", mas a verdade é que ao homem, no vulgo e ao sábio, ainda não foi dado prescindir delle. O escriptor, sobretudo, ha de ter nelle a sua base.

É o que se reconhece nas "Reflexões", bella promessa de estudo e de trabalho.

*João Romeiro — DE D. JOÃO VI A INDEPENDENCIA —
Ed. J. Leite & Cia. — Rio. — 1922.*

O sr. João Romeiro emprehendeu narrar, á luz dos documentos, os factos que mais contribuíram para a proclamação da independência do Brasil. Fez uma obra valiosa por varios titulos, a qual tem merecido da imprensa do paiz as mais elogiosas referencias.

Principalmente, nota-se no livro o aspecto paulista dos factos, narra-dos segundo o que de mais perto diz respeito a São Paulo. O capítulo "Os paulistas" é assim digno de nota, apreciando-se por elle a contribuição dos homens de São Paulo para os acontecimentos.

B. F.



Alberto de Oliveira e Jorge Jobim — POETAS BRASILEIROS
— Ed. Garnier — Rio — 1922.

A Livraria Garnier iniciou uma série de edições de anthologias, sob o título de "Coleção Aurea", nas quaes se reúnem trechos selectos dos maiores escriptores e poetas brasileiros.

Temos em mãos os dois volumes de "Poetas brasileiros", organizados por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim e excellentemente impressos e encadernados, constituindo por tudo uma bella edição. Contendo cada volume cerca de 360 a 400 paginas, encerram produções de Gregorio de Mattos, Botelho de Oliveira, Santa Rita Durão, Claudio Manoel da Costa, J. B. da Gama, Thomaz Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga, Souza Caldas, José Bonifacio, o patriarcha, Porto Alegre, Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Francisco Octaviano, Laurindo Rabello, Bernardo Guimarães, José Bonifacio, o moço, Aureliano Lessa, Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Teixeira de Mello, Luiz Delphino, Casimiro de Abreu, Bruno Scabra, Pedro Luiz, Tobias Barreto, Machiado de Assis, V. Palhares, Fagundes Varella, Mello Moraes, G. Crespo, Luiz Guimarães, Castro Alves, T. Dias, Lucio de Mendonça, Arthur Azevedo, V. Magalhães, A. Fontoura, B. Lopes, Raymundo Correia, Cruz e Souza, Olavo Bilac, G. Passos e Emilio Menezes. Notas referentes aos auctores e suas obras illustram a leitura.

A presente collectanea, decerto a mais completa, vem prestar optimo serviço ás letras.

Paulo de Magalhães — VICIOS MUNDANOS — Typ. "Revista dos Tribunaes" — Rio — 1922.

"Vícios mundanos" é uma comédia em que se profligam os vícios da cocaina, morfina, opio e semelhantes. E' genero de combate, em que acima de tudo, importa o fim a que se destina e que é no caso o mais nobre.

A peça vem precedida de um prefacio do dr. Claudio de Souza, uma carta do dr. Henrique Roxo e o parecer dos srs. Felix Pacheco, Miguel Couto e Silva Ramos, da Academia de Letras, julgadores do concurso de theatro. Concluem estes: "Nota-se interesse e vivacidade nas scenas; o enredo prende; e ha uma logica sentimental dolorosa no desfecho."

Henrique Greenen — PEDRO JANGADEIRO — Dep. Livraria Alves — São Paulo — 1922.

O professor Henrique Greenen, a quem já se deve uma dezena de valiosas obras didacticas, apresenta-se como novellista em "Pedro Jangadeiro", livro em que, a par de interessantes contos, se lêem proverbios commentados e algumas composições poeticas.

Em qualquer desses generos põe Henrique Greenen muito do seu fino e illustrado espirito.

Alguns proverbios commentados:

"Antes só do que mal acompanhado", dizia o gatuno que dois policiaes levavam preso."

"Falar é prata, calar é ouro", pensava o empregado, a quem o patrão dava dez tostões por dia, para vigiar o caixa e que recebia dez mil réis deste, para nada contar do que via."

Entre os contos, alguns humoristicos e tragicos outros, dá nome ao livro o que se intitula "Pedro Jangadeiro". Nelle se refere, como o proprio auctor o diz, aventura semelhante áquelle que a lenda attribue a Antonio Conselheiro: o assassinio da propria mãe intrigante, em logar de supposto D. Juan...



Bernardo Guimarães — O BANDIDO DO RIO DAS MORTES
Ed. Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

"Maurício" ou "Os paulistas em São João d'El Rey", é um dos mais bellos romances de Bernardo Guimarães, leitura obrigada de quantos se iniciam no conhecimento de nossas letras. Contudo, e talvez ahí esteja a maior razão de sua popularidade, devia ter um epilogo que não o que se encontra ás ultimas paginas do segundo volume. E o leitor ficava no ar, mal soffrendo a sua curiosidade. Afinal, após uma serie de acontecimentos, em que havia muito de doloroso, pela morte do escriptor, e pela luta em que se empenhou a pobre viuva por edital-o (foram vinte e um annos de sacrificios), viu-se o governo mineiro com coragem para se encarregar da edição.

A empresa não foi infeliz. Corou-se de successo, desaparecendo dentro em pouco os volumes. Mas, enquanto as edições de "Maurício" se repetiam, "O bandido do Rio das Mortes", não passava da primeira, o que quer dizer que continuava quasi inedito.

Assim, reeditado, traz agora o sabor de novidade, tal o largo interregno, de mais de quinze annos, que medeia entre uma e outra.

Não fôra isso, porém, e o romance de Bernardo ainda se recomendaria como reconstituição de uma das mais bellas épocas de nossa vida. "O character de cada individuo — dil-o Affonso Celso — desenha-se accentuadamente. Nos incidentes, ha seguro colorido e firme perspectiva. Mais que chão, em extremo familiar, encanta o estylo pela espontaneidade borbulhante. Não se azou ao autor, ensejo de ser conciso.

"Affirmadas em tantos trabalhos anteriores, persistem aqui as qualidades de Bernardo.

"Em primeiro logar, o vivo amor á natureza brasileira, o dom de evocal-a, de lhe interpretar a suavidade e a excelstitude. De quasi todas as paginas, evola-se o oler das florestas virgens, com os pios asperos ou brandos de aves ariscas. De subido, desvenda-se immenso panorama, impreciso, mysterioso e soberbo. Sombra intensa, agora, cortilhada de vagas scintillações infinitas...

A par desse amor e dessa evocação, o conhecimento dos costumes, das tradições, das particularidades nataes. Sente-se que conversou affectuosamente assumptos antigos; viajou; tratou com os moradores, tropeiros ou garimpeiros, apprehendendo-lhes, sobre a linguagem, o modo especial do pensar e do sentir. Dahi a apresentação de typos inconfundiveis, substancialmente nacionaes, que perambulam nos volumes.

"Em seguida, a graça — graça desageitada, muita vez, — como a das formosas virgens da roça, graça desataviada e fresca, a provocar indulgente sorriso de sympathia."

"O bandido do Rio das Mortes" constitue o 7.º volume da collecção "Brasília".

Moacyr Chagas — UM CÃO E., OUTROS — Ed. Vieira dos Santos & Irmão — São Paulo, — 1922.

O sr. Moacyr Chagas, que é um bom poeta, dá-nos um livro de inconcebível máu-gosto: collectanea de artigos de varia especie, ligados apenas pelo mesmo intuito de descompostura, o que é lamentavel.

Não obstante, denota em certas passagens escriptor de recursos, capaz de obras menos vulneraveis.



Julio Endara — JOSE' INGENIEROS Y EL PORVENIR DE LA FILOSOFIA — Ed. Agencia General de Libreria — Buenos Aires.

Reimprime-se em Buenos Aires um estudo publicado em Quito pela Imprensa Nacional, em 1921, no qual se estudam as "Proposições relativas ao porvir da filosofia" do grande escriptor argentino. Esta segunda edição é accrescida de alguns dados sobre a influencia de suas doutrinas sobre a nova geração hispano-americana, constituindo farta prova da capacidade critica do sr. Julio Endara.

Debora Monteiro — CHICO ANGELO — Ed. Evaristo Maia — Recife.

Ao grupo das brasileiras que escrevem junta-se agora a Sra. Debora Monteiro, cujas primicias nos vem de Recife. São contos que interessam, si bem que vasados em estylo ainda hesitante. A autora, porém, ha de ainda nos dar coisa de maior peso. Para isso não lhe escasseiam recursos, como se vê nestes primeiros trabalhos.

Theodorico de Brito — POESIAS — Typ. do "Jornal do Commercio" — Rio.

O autor é fallecido. Reteve ineditos os seus versos, agora editados pela familia, o que predispõe sympathicamente o leitor. Comtudo, não se faz favor louvando-lhe o merito, que por certo havia de se patentear em mais acabadas produções.

Carlos D. Fernandes — O ALGOZ DE BRANCA DIAS. — Ed. A Novella — Parahyba.

A *Novella*, empresa parahybana que se apresenta com o intuito de diffundir trabalhos de escriptores do Norte, dá-nos neste fasciculo a historia de Branca Dias, uma das victimas da Inquisição naquelle estado, e em torno de cujo nome se tecem lendas as mais inverosimeis.

O sr. Carlos Dias Fernandes, aproveitando-as, soube fazer uma novella atrahente, em que ha, porém, pontas do realismo cru que em outras obras suas se patenteia. Lê-se comtudo com agrado.

Zeferino Galvão — O INCONFIDENTE — Ed. Revista Commercial e Industrial — Recife — 1922.

O sr. Zeferino Galvão é no Brasil um raro exemplo de pertinacia. Morador em Pernambuco, numa villa falta de qualquer vida intelectual, vem ha annos escrevendo — e o que é mais, publicando uma serie de livros que orçam já por dezenas e que, pelos modos, têm leitores, muitos leitores. A prova eil-a neste romance, que apparece agora em 3ª edição.

Prendendo-se a episodios da inconfidencia mineira, o romance é de molde a interessar, denotando a boa dose de conhecimentos de historia que possui o autor.



Julio V. Gonzalez — LA REVOLUCION UNIVERSITARIA
 Ed. Jesus Menendez — Buenos Aires — 1922.

O sr. Julio V. Gonzalez historia os acontecimentos universitarios argentinos de 1918 e 1919, principalmente as grèves da Universidade de Córdoba, do Collegio Nacional de Chivilcoy, e dos professores de Mendoza, que vieram dar nova orientação aos cursos superiores do paiz vizinho.

O volume é alentado e copiosa a documentação.

Henrique Rebello — NEVROSES — Ed. Papclaria Moderna —
 Rio — 1922.

Diz em prefacio o padre José Severiano de Rezende:

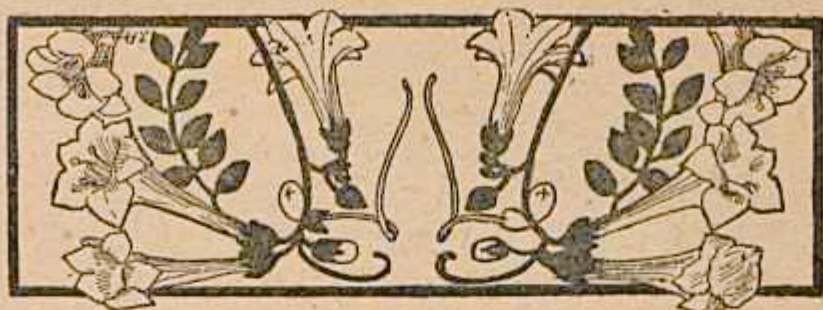
"... o seu metro é espontaneo honestamente rythmado; a sua poesia corre doce, maviosa como um arroio limpido, que reflecte a sua alma toda de poeta inspirado, cuja inspiração é toda pessoal, mostrando um temperamento que é uma harpa eolia, na qual sopram brisas perfumadas pelos perfumes que vem d'além..."

O que confere com estes versos, que abrem o volume:

Rimas, seréias prateadas,
 Em mares feitos de aromas,
 Que sabis dáureas redomas,
 Para noivar nas balladas.

Rimas, Illyrias piedosas
 Coroadas pelas heras,
 Abri por estas chiméras
 As niveas azas, cheirosas,

Rimas, nixes em arpejos,
 Sylphos e anjós dispersos,
 Porque fugis de meus versos,
 Caçoulas, ninhos de beijos?!



MOVIMENTO ARTISTICO

PAULO ROSSI

Quando Paulo Rossi expoz pela primeira vez as suas aquarellas de flores, genero a que começara dedicar-se mezes antes, todos perceberam que um artista de notaveis meritos surgia. Seus primeiros trabalhos, ainda vacillantes no jogo tecnico, diziam muito alto do seu talento e collocavam-no na pleiade dos pintores que progridem vertiginosamente. Assim foi. Mais dois annos decorridos e Rossi é hoje um aquarellista dos mais conspícuos. Em flores ninguem entre nós consegue obter da aquarella a finura, o fundido de tintas, a gradação de tons que caracterizam a sua arte. Além disso possui o senso da elegancia e o subtil criterio da escolha. Sabe imprimir aos trabalhos um cunho distincto de aristocracia. Mas Rossi vae além. Aborda a paisagem, a marinha e ainda nestes generos se revela o mesmo pintor de escol, segurissimo dos seus effeitos.

Embora artista feito, progride sempre. Cada exposição revela passos novos para a frente. Sua arte é uma ascensão. E como possui fina sensibilidade intellectual, cultivada literariamente, juntamente com o pintor cresce o estheta, o critico arguto — concurso este que fará de Paulo Rossi um modelo de artista moderno, complexo e completo, digno de ser apontado como um typo bem nitido do artista superior.

ENRICO VIO

Reproduzimos hoje alguns quadros de E. Vio cuja exposição esteve aberta em setembro. Nada mais ha a dizer deste valente artista, emerito na interpretação personalissima da paisagem paulistana e no retrato. Irregular, impetuoso, com os alti-baixos das naturezas fortes, uma exposição de Vio é como um espectáculo da natureza onde ha de tudo. Telas existem onde sua *performance* é maravilhosa, tal a rapidez com que fixou o "momento bello" do thema. O "Marulhar da onda" pertence a essa categoria.

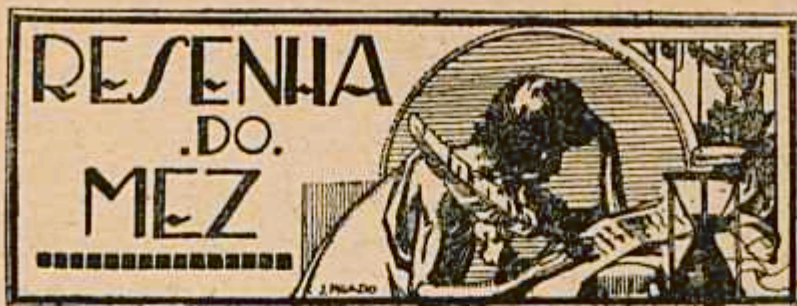
O fugidío momento, o instante de belleza da onda que se desfaz na praia elle o surpreheudeu com uma felicidade rara, fazendo dessa tela uma obra prima. Em muitas outras consegue essa alta realização, já apanhando o que indefinivel duma paisagem, uma morbidez momentanea da natureza ou um seu repouso de poesia. Nos retratos consegue toda a expressão do olhar, de modo a obter a feição, o "ar" do retratado e não apenas a copia fria de um modelo. Infelizmente um artista destes vive peido pela necessidade do ganha-pão, e não pôde dar largas á sua creatividade como aconteceria se o publico melhor o comprehendesse e melhor remunerasse o seu trabalho.

NORFINI

Ainda neste mez outra exposição de aquarellas. Norfini, um dos pioneiros descobridores de Minas Geraes — a velha, de Ouro Preto, Sabará, Diamantina e mais veneraveis antiquilhas urbanas, riquissimas em themas pictoricos — exhibe uma serie de trabalhos dignos de attenção.

Estudos das velhas ruinas do passado de mineração e da natureza torturada pelo homem colonial. Sua predilecção pelos aspectos sobreviventes das velhas cidades, pelos casarões em ruinas, pelas igrejas, pelas obras sahidas das mãos do maravilhoso Aleijadinho, fazem da sua pintura uma obra de dobrado valor, pois que se somam ás qualidades artisticas os valores do que em Portugal se chama hoje o saudosismo. Elle sente a emoção do antigo em ruinas e fixando no papel os aspectos actuaes subsistentes, consegue transmittir ao espectador a mesma suave emoção recebida. Assim é que ante as suas aquarellas nos sentimos tomados das sensações indefiniveis das vagas saudades. Saudades de um passado que não vivemos, mas que viveram nossos velhos e que, portanto, está dentro de nossa alma moderna, como o pollen está dentro do fructo que delle se gerou.





A NOVA GERAÇÃO

Não pensei que a entrevista concedida ao A. B. C. e ditada, pela manhã, à pessoa que me procurara, repercutisse, como repercutiu, na mentalidade da nova geração. Aliás eu a conheço e sei bem que — ao contrário das anteriores — são extraordinárias as suas qualidades, aparentemente opostas, de "vibração" e de "serenidade".

Quer O JORNAL, casa e fortaleza de moços, notável pela demonstração prática daquellas virtudes sociais dos jovens de agora, que lhe escreva alguns artigos sobre aquillo a que poderíamos chamar os direitos da geração nascida depois de 1888 à atenção das outras gerações, com as quaes se vão extinguir os caracteres deixados pela economia escrava.

Na referida entrevista, dividimos em tres as gerações reveladas:

1.^a — A que fez a Republica (1845-1865), mais ou menos;

2.^a — A que surgiu depois, denominada "intermediária" — a dos que hoje têm cerca de quarenta e cinco annos, isto é, nasceram até o fim do primeiro decennio do ultimo quartel do seculo XIX.

3.^a — A nova geração, nascida depois ou pouco antes da abolição, ou — o que dir o mesmo — de 1888 para cá ou pouco antes.

Os limites não podem ser rigorosos, — são, apenas, approximativos e symbolicos. O commun é considerarem-se de 30 annos as gerações; mas, tanto quanto tenho nas minhas notas, é demasiado para o Brasil, paiz tropical e de casamentos aos vinte annos. No maximo,

devemos marcar em quartéis de seculos taes camadas sociais, que se accrescem de elementos "retardados" das anteriores e de elementos "precoceos" das novas. O que é mister para o interesse sociologico e de psychologia social é caracterizal-as.

Na historia da mentalidade politica brasileira houve lamentavel inversão, derivada do synchronismo entre a nossa iniciação e a revolução franceza, isto é entre os prodromos da Independencia e o racionalismo do fim do seculo XVIII e começo do seculo XIX. Em vez de passarmos do empyrismo para o racionalismo e deste para a sciencia, foram "racionalistas" as gerações imperiaes e a dos republicanos historicos, "empírica" a dos nascidos até a abolição, e "scientificas" a que ora surge, com excellentes doses de esjérito e methodo "positivos" e menor parcella de apriorismo.

A de 1860 — e assim denominamos a dos sessenta annos para mais — fez a abolição e a Republica. A de 1890, a que chamaremos intermediária, fez o saneamento da capital e inicia, com os moços, o saneamento do interior. Oswaldo Cruz seria absurdo em 1889 e a questão da vacina obrigatória claramente a mostrou: a geração de 1860 — reagiu "como costuma reagir", — pelos levantões e a oratoria parlamentar inflamma-la Alberto Torres, com o nacionalismo, tinha de fallir naquelle momento, porque, se tinha Oswaldo Cruz a pressão dos moços medicos, faltava a Alberto os jovens de agora. A nossa vida intellectual é mais articulada do que supõe a moftina cultura franco-lusitana dos nossos intellectuaes de mais de quarenta annos, sul-

vo, entre estes, as excepções (que as ha sempre) dos precursôres.

O que existe de racionalista na economia e nas finanças dos politicos brasileiros, todos sabemos: Leopoldo Bulhões e Antonio Carlos (retardado, que hea entre a mentalidade racionalista dos homens de 1860 e o empirismo dos de 1880). Mais plastico, menos adstricto aos principios "a priori", Francisco Sá, Perigoso, ideologo, exposto a fracassos colossaes, Cincinato Braga, A' mentalidade joven repugniam os saltos mortaes e os passos de magica: Cincinato podia ter convencido os de sua geração e a dos velhos; aos moços, não.

A nova geração não quer posições, nem o bem estar, que as outras disputaram com ansia e sem a preocupação primordial do interesse publico. Quer influir, reformar, regenerar, "precisar as directrizes da nacionalidade". Não quer honrarias, nem cargos; quer funções. O que a distingue das outras é que diz o que pensa, assume a responsabilidade das suas opiniões, é leal, porque procede por convicções e não por meras commodidades. Sabe o que vale e conhece quanto vale cada um dos que a compõem. Salvo um ou outro que, pelo caracter, pela intelligencia viciosa ou pelos deficitos de cultura, voluntaria ou involuntariamente se afastou e adheriu ás gerações maiores, defensoras da "res publica", — todos os homens de tal geração escrevem, pensam, discutem, de modo que o Brasil mental já é mais a obra dos moços de 1920 do que dos proprios espiritos directores de todo um seculo. O socialismo scientifico, o nacionalismo, a orientação sociologica, etc., tudo isto — posto que, no passado, haja precursôres — foi neste decennio que repontou e floriu.

Quando da flor passarmos ao fructo, é que se poderá estimar a missão historica da geração nascida na Republica ou pouco antes. E' a geração da cultura geral e da especialidade, a que ausculta o Brasil, a que lhe estuda a geographia humana e a historia social. Nas outras, as que floriram do Primeiro Imperio até os ultimos annos de agora, ha especimens notaveis, personalidades de relevo e de valor real, mas esparzas, sem conjunção, desarticuladas. A nova é um todo: ama-se e comprehende-se; tem idéas e

quer lutar por ellas. E' preferivel que lute "edificanda" do que lutar para eliminar os oppositores e poder edificar. No primeiro caso, todo o seu esforço será convertido em beneficios da Patria; no segundo, gastar-se-á no ingrato afan de demolir e de afirmar-se. Nunca a nova geração perduraria tão dura contingencia: quer construir, noutros termos, quer lutar contra os males, os máos habitos, o máo ensino, as máas organizações, o parasitismo, os vícios, — não quer lutar contra homens, como cães. Não quer maiorias contra minorias, nem minorias contra maiorias; quer levar todo o Brasil ao trabalho, á confiança em si mesmo, ao balanço das suas virtudes e das suas miserias, á lenta e energica therapeutica do seu organismo gigante mas doente.

As outras gerações raramente se entenderam e o momento da Constituição republicana, foi o ultimo em que tal se deu, mas parcialmente, porque esqueceram aos constituintes os brasileiros que, em muitos pontos, não pensavam como elles.

Mas, nesta nova geração — que traz idéas e incomparavel saude moral — ha nomes tão solidos como quaesquer outros anteriores, posto que "ainda não vividos". Sabe para onde vai, comprehende-se, sente-se, respeita-se, e não quer lutar entre si.

Os velhos politicos, se a dividiram, o que constitue um dos seus ultimos crimes, não podem conseguir que se deixe de aglutinar e voltar ao estado em que se achava antes da luta; compacta, articulada, amante da ordem, e da paz. E' geração a que repugna aduzir immigração para o Brasil e antes quer que se "fiscalize" e "regulamente" a immigração. E' a geração que sorri do individualismo, do liberalismo aprioristico da economia que os governos plutocratas mandam ensinar nas respectivas Univercias e da commodidade. E' a geração que quer declarar, alto, muito alto, tudo que não sabe e quer aprender. E' a geração que realiza, já agora, o que as outras faziam na velhice, nos vagares da opulencia e da commodidade. E' a geração que nasceu pobre, porque os pais não tiveram escravos, e, por isto mesmo que não contou com o trabalho alheio, é a pri-

meira que "vive por si", a que veio mostrar a asombrosa capacidade do brasileiro para a vida. É a geração que vê, em torno de si, o fulgor tumultuoso da velhice, e cogita da volta da alma brasileira aos seus hábitos tradicionais de austeridade sã e de rigidez de caracter. Não é preciso descer a cotegos, mas os moços já se conhecem sufficientemente e os velhos sabem que, nas justas que se terçassem, mal feridos não seriam os jovens. Qualquer dos livros dos grandes moços, publicado ha trinta ou cinquenta annos, constituiria acontecimento notavel. A produção dos ultimos dez annos vale a de todo o resto da vida independente do Brasil.

Convem deixar que tal geração se aglutine sôzinha e ascendam apenas alguns despersonalizados, pela graça das insidias ou dos interesses de "clan"?

É preciso procurar as causas profundas dos phenomenos. Da luta, que acabamos de vencer, duas lições ficam: foram sacrificados os jovens que, transvidos, apoiaram a penultima geração das anteriores á delles, e venceu o grupo politico que se apresentara com as credencias da sympathia pela mocidade.

A nova geração não traz a oratoria, nem os segredos do bom exito, que consistem (pobres segredos!) em concordar com todos e prometter a todos. Nós conhecemos as idéas de quasi todos os nossos contemporaneos da geração nascida depois da abolição: aqui, está um, que é catholico e expõe as suas idéas; ali, outro, que é socialista; acolá, terceiro, que é anarquista. Mas catholicos, tinham as gerações passadas e não havia entre a "religião" e os "actos" a coherencia que justificasse o adjectivo. Havia positivistas e catholicos, mas onde os grandes nomes do positivismo brasileiro, excluidos Lemos, Teixeira Mendes, Benjamin e poucos mais? A geração delles foi superior á que ora vence, á intermediaria, justamente porque contou algumas excepções. Mas esta vaç ao poder e ainda pode sobrepujar, desde que tome por tribho o interesse geral e não a restricta pratica do esteril machiavelismo politico.

Outro traço que distingue a nova da velha mentalidade é que os nascidos em 1860 queriam ser tidos como notabilida-

des, como homens bemfalantes, como gente de brilho e bom tom, e a nova má se esforça por "saber" realmente e por "valer" por si, sem os enganos da opinião condescendente e conquistavel. Dahi a consequencia pratica: na velha geração houve e ha "capacidades"; na joven, "competencias". Os governos poderiam escolher qualquer daquelles para qualquer pasta — seriam "bons nomes" para qualquer serviço. Nos jovens, não se dá isto: a especialização é nitida, a despeito da exuberante cultura geral, que caracteriza a camada social nascida depois da abolição.

Os homens de mais de quarenta annos não suspeitam de taes coisas pelo simples facto de não frequentarem os moços e mastigarem, commodamente, o resto das fortunas feitas com o trabalho escravo. Quando algum moço se revela, reputam-no da geração delles, tratam-no como tal, ou passam a considerá-o a excepção, o caso anormal. Mas urge protestar: a geração que ahí está não é de excepções, é homogena e forte. Não ha mais o "monothéisimo" do conselheiro Ruy Barbosa; e sim o pluralismo intellectual de geração nascida em terra livre e educada sem as divisões sociais dos tempos da escravidão. Não são generaes sem exercito; são um exercito... que terá generaes.

Pontes de MIRANDA.

("O Jornal").

"REVISTA DO BRASIL"

Publicaremos nos proximas numeros desta revista:

"Um novo capitulo da Biologia: a Selenotaxia no reino animal e vegetal" — pelo professor Dr. Egas Moniz de Aragão;

"A salvação de Fausto", por Mesquita Pimentel;

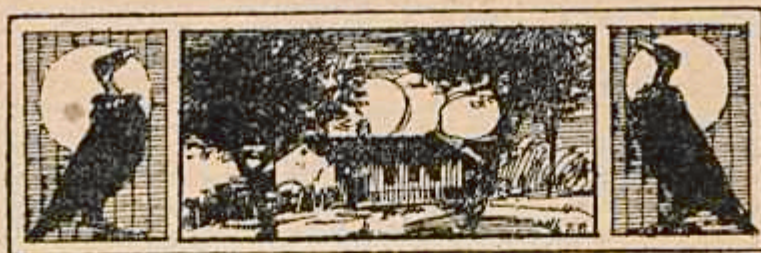
"O conto", por Herman Lima;

"O retrato", por Mario Sette;

"Sensações da vida", contos inéditos de Baptista Cepellos.

Continuaremos tambem a publicação das interessantes biographias de geologos por J. C. Branner.





NOTAS DO EXTERIOR

AS LETRAS BRASILEIRAS NO EXTERIOR

"El Día", de Palma de Mallorca, na Hespanha, publica em correspondência enviada da Argentina por J. Torrendel, os seguintes artigos sobre a literatura brasileira:

DA ARGENTINA

LITERATURA BRASILEIRA

I

URUPES

Com displicencia comecei um dia a leitura de um conto que o diário offercia como traducção da literatura brasileira. Intitulava-se "*O comprador de fazendas*" e firmava-o Monteiro Lobato. A composição se iniciava forte, solida e movimentada, apesar de não arrancar, como outras muitas, com um fragmento de dialogo intrigante. Pelo contrario, o relato começava com a descripção de certa propriedade rural, que só tinha a particularidade de ser de pessima condição, ruina de seus successivos donos. Contudo, a poucos paragraphos, o relato já interessava, não tanto pelo que dizia, sinão pela maneira de dizel-o.

Rapidamente appareceram os personagens, debuxados com quatro linhas definidas — ás vezes com uma phrase característica, — e em seguida entrava-se na materia, annunciada por si mesma, como em um scenario, e desenvolvida logo, naturalmente, sem sacudimento, com graça, muita graça, e desenho firme, de intenso traço. A fazenda será vendida ladinamente a um joven ingenuo que, ao parecer, se acha disposto a comprar esta ou outra qualquer, sem maiores inconvenientes. Aceita, enfim, todas as condições que lhes impõem o vendedor, a esposa e a filha, os quaes sonham realizar um negocio inesperado com a venda da propriedade e ainda com um afortunado casamento. Em meio do roseo phantasear, cõe a noticia de que o riquissimo joven é um lince que vive de barganhas e que sabe enganar aos que o não conhecem. Estupefacção. Resolução firme de vingar enquanto lhe deitem novamente olho em cima.

A occasião não faltou. O comprador teve a sorte de tirar um bom premio na loteria e se dispoz a cumprir uma palavra que havia usado dolorosamente. E, no querer cumpril-a com toda seriedade, recebe uma serie de lambadas antes que pudesse explicar sua tardança e sua volta e, ao fugir, uma chuva de pedras e insultos; enquanto a moça, através as vidraças vê desaparecer para sempre o gentil cavalheiro de um doirado sonho.

Pois bem; agora cheguei a conhecer quem era o autor de tão saborosa narrativa. Monteiro Lobato, segundo nota bio-bibliographica, chega á republica das letras de sopetão e por pura casualidade. Obrigado a dirigir a um periodico de São Paulo certo protesto contra o perigoso costume de se incendiar os campos com fins de limpeza, mostra tal accerto na exposição dos quadros campestres, das pessoas e dos costumes, que o bom tino do jornalista colloca a carta em lugar de honra, e a realça com palavras de sympathia e alento, assegurando que aquelle senhor *fazendeiro* maneja penna de grande escriptor. E, como assim era, sem suspeital-o seu dono, animado este pelo primeiro elogio e collocado em campo abastecedor de "Queixas e reclamações", que tal era o titulo da secção denunciadora, Monteiro Lobato passa do protesto á composição literaria, e, por fim, da fazenda á revista e ao livro.

Rapido exito. Em seis annos, o novo escriptor brasileiro escala boa parte da popularidade. O publico, após breve surpresa, segue-o e o applaude com enthusiasmo. Os livros são exgottados e reclamados. Novas edições. E' que o autor dos "Urupês" possui um estylo energico, facil, transparente, movimentado. Em nenhum momento passa pelos periodos de vaga ou de adormecimento. Todas as phrases são vivas e os paragraphos palpitantes como um pedaço de realidade. Os locaes e a gente do campo são traçados com debuxo synthetico e firme, como quem possui boa vista e mão fiel. Com isto fica desvanecida a pintura de chromo dos românticos, que se compraziam em inventar um indianismo e umas eglogas de contextura semelhante ás novellas da primeira metade do seculo passado. Por isso, diz o renovador literario: "Pobre Jéca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!" O retrato que delle fez o autor brasileiro é interessante, tragico, uma agua-forte de suprema expressão.

A arte magnifica de reflectir a natureza ajunta a palpavel habilidade de penetrar as almas e desentranhar os motivos passionaes.

Neste volume sobresaem algumas narrações que são estudos acabados de funda psychologia. Ha personagem que dá a sensação do conhecido. Agita-se e fala como si o estivessemos positivamente vendo. A cada momento, por um gesto ou uma palavra, chegamos ao fundo de sua alma. Na selecção da frase ou da attitude, o artista acerta sempre. Por isso, o retrato não precisa de muito espaço. As vezes, os typos e mesmo as scenas já foram objecto de anteriores creações. Não importa. A expressão pessoal imprime originalidade á renovada narração

..... é um dos contos mais acabados da collecção. O Gerebita não se esquece facilmente, como tampouco aquella maneira de descrever tão singular e pittoresca, tão precisa e ajustada. Parece que está fallando, ao referir-se ao orgulho dos faroleiros, guias dessa "bicharada de ferro que passeia n'agua fumando seus dois, seus tres charutos... Basta cair a cerração e põem-se elles tontos, a urrar de medo pela boca das sereias, que é mesmo um cortar a alma á gente".

Quem domina tão sabiamente o idioma, submettendo-o ás exigencias das circumstancias, não creio que tenha necessidade de recorrer a um pretexto de gasta rethorica para desculpar uma impotencia imaginaria. Em "O matapau" escreve:

"O camarada contou a historia que para aqui traslado com a possivel fidelidade. O melhor della evaporou-se, a frescura, o correntio, a ingenuidade de um caso narrado por quem nunca aprendeu os pronomes e que porisso mesmo narra melhor que quantos por ahi sorvem literaturas, e grammaticas, na ancia de adquirir o estylo".

E' este um velho topico do romantismo, que se julga escravizado por um montão de preceitos. Sem embargo, as leis do falar, que não cohibiram jamais a penna creadora, são precisamente as que contribuem para que os escriptores obtenham todos os efeitos literarios que se propõem, sempre que possuam a materia prima. E' o bom gosto, fruto da cultura, o factor do estylo fresco, singelo, ingenuo. Pelo que aprendeu, saberá o artista chegar á produçãõ desejada. Quando não o consiga, nenhuma culpa terão os pronomes, nem as literaturas, nem as grammaticas. Os canones têm estado sempre sob o dominio da liberdade e da força do creador, em diversos graus. A posse completa dessa arte fal-o-á dar a sensação da verdade, que communicará á medida que esteja bem armado de qualidades naturaes e adquiridas, essenciaes para a obra definitiva.

Repitamos uma vez mais que, não por excesso de cultura esthetica, sinão mais por falta della, será deficiente a produçãõ artistica. O sr. Monteiro Lobato reúne as condições precisas para o superar; não obstante, é provavel que esta se produza á medida que modere ainda mais certa exuberancia, devida a uma penna que corre facilmente. Uma norma a mais, a da eliminacão, seria mui conveniente para que suas narrações obtivessem maior equilibrio, um encadeiamento mais severo, um producto de mais arte. Realidade, sim; mas obtida n'uma bella synthese. E' aqui, pois, a vontade, orientada pelos principios arbitrados. E abaixo á espontaneidade da incultura, por mui fresca, singela e ingenua que pareça; que seguramente não lhe ha de parecer!

II

MADAME POMMERY

O livro de Hilario Tacito pertence a um genero escassamente frequentado no Rio da Prata. Fóra do theatro, nem poetas nem prosadores têm mantido estreitas relações com a nitta satyrica, não já para corrigir costumes, mas bem siquer para reproduzir ridicularias com o só intuito de provocar riso ao publico. Já o fiz notar outras vezes; na terra do *titeo* não surgem escriptores de engenho jocundo, que pensem, como Rabelais, que "é melhor escrever de risos que de lagrimas, porque rir é mais proprio de homens"! Ha pouco que alguns jovens ensaiam a penna nas estridencias do paradoxo e das coegas do humorismo. Fóra d'ahi, não passam, e é prudente desculpar-lhes a insegurança do traço burlesco e a infelicidade da feição maliciosa. Como em muitas outras coisas de invenção humana, a America do Sul acha-se em um periodo de aprendizagem, si bem que o juizo esteja muito desenvolvido. Porém, é o que diz o refrão popular; outra coisa é com guitarra.

O escriptor brasileiro Hilario Tacito manifesta-se, inversamente, habilissimo no manejo da retórica burlesca, rica em douçure, graça e ironia, mas tambem fortemente fundamentada em abundante cultura e penetrante visão da realidade. Positivamente, sem estas condições de bom gosto literario e de colmado acervo "quevedesco", constituiria enorme difficuldade sahir-se airoosamente da empresa de penetrar na biografia de madame Pommery sem cahir na grosseria e até no escandaló. Porque se trata nada



menos que de acentuar a influencia que na vida social de S. Paulo haja podido ter a referida dama na epoca em que ella appareceu dirigindo um estabelecimento publico que no registro dos contribuintes figurava como pensão de artistas, e que, segundo seus "habitués", offerecia interiormente todos os caracteristicos de uma mansão elegantissima em que se desenvolvia uma sociabilidade de alto mundanismo.

Parece que não, porém o autor de *Madame Pommery* demonstra eloquentemente, com a eloquencia dos factos, que um pouco de semelhante modernidade, quando o mantem vivo um engenho portentoso como o da bella e experimentada estrangeira, acaba reflectindo-se de certo modo nos logares de diversão como clubs e theatros, e até nas reuniões sociaes da classe elevada, e finalmente, mesmo no santuario da familia.

Hilario Tacito não pretende demonstrar nada. Limita-se a fazer constar o sucedido, que será bom, mau ou indifferente. Não nega que o novo aspecto de sua cidade não lhe pareça mais sympathico, mais artistico, mais risinho, mais attrahente. Mas, deste sentir personalissimo não excede. Não aconsella modelo algum ás senhoras dos bons e socegados burguezes. Não falemos dos meninos. Durmam, preciosas e virginaes creaturas, o somno de innocencia. O historiador de *Madame Pommery*, como o de Mlle. de Lenclos, nem sequer justifica uma moral e uma philosophia que alegre, anima e embellece a sombria e monotona arbs filistea. A' maneira de M. Bret, poderia affirmar que "não omitir nenhum feito da vida de um conquistador, não é arder, como elle, em desejos de devastar a terra".

Tampouco, Hilario Tacito tem necessidade de se desculpar pela resenha deste periodo historico na transformação social e sentimental (e talvez até industrial, commercial e politica) de uma população um tanto recatada, porque, não obstante ver-se obrigado, para ser absolutamente fiel á verdade, a detalhar successos intimos e revelar segredos de algumas pessoas respeitaveis, jamais commette a audacia de tocar no que se denomina pornographico e menos de se comprazer no luxurioso, que affaga paixões e incita á desordem. Taes explicações e excusas caberiam áquelle hypocrita Fernán Xuárez que em plena fogueira da Santa Inquisição realizava o perigoso empenho de traduzir para o castelhano as peccaminosas palavras "do divino Arcino". O autor brasileiro não se vê no caso de elucidar a duvida que envenenava velhaco beneficiado hispalense: "si é peccado ler livros de historias profanas, como os livros de Amadis e de Don Tristán e como este Colloquio".

Não, *Madame Pommery* não reclama os desencargos, conversas e advertencias que prolongaram a do classico. Sem necessidade de que semelhante volume se ponha em mãos de senhoritas e jovens imberbes, e muito menos das "almas piás e assombradiças", cujo respeito recommendava tanto o padre Luiz Coloma, a picaresca historia poderá ser lida por quantos tenham transposto os humbraes do horto cerrado onde nossos paes Adão e Eva se certificaram de sua nudez e inventaram o honesto officio das folhas de parra. Lícito é que certa gente, pouco advertida das causas transformadoras, venha a ter conhecimento das origens de modas, habitos e manias que usam e das que ás vezes abusam com beatifica ignorancia. A menos que procedam conscientemente e, portanto, voluntariamente, ou seja com a devida responsabilidade.

O que acabo de dizer será sufficiente para que o leitor comprehenda que o livro de Hilario Tacito contem, como as mais famosas leituras satyricas, algo medullar nem sempre suspeitado pela alegria do dizer e a ligeireza do thema. A' margem dos acontecimentos pommerynianos, o sabio e erudito biographo amontoa engenhosas apostillas, proprias e alheias, que despertam considerações estreitamente vinculadas com os principios basicos



da sociedade, esta sociedade religiosa, politica e economica em que vivemos e nos movemos. Mas o veridico narrador paulista, prompto a sacrificar sua brilhante imaginação no altar da verdade, cuja impeccavel nudez adora, não se mette jamais em supposições ligeiras nem em anécdotas elaboradas, como tampouco nunca abandona sua magnifica ingenuidade para ver e recolher sem malicia as frases e os gestos da conspicua senhora, cujo agudo engenho julguei indispensavel historiar para que um dia não sejam inexplicaveis as evoluções de uma sociedade essencialmente extática como a velha e pundonorosa São Paulo.

Tão delicado e transcendente labor foi realizado — seja dito agora sem o menor resquicio de ironia, nem dessa tão tenue que emprega o notavel escriptor brasileiro — com acerto total. A graça ressuma de começo a fim, graça que se contenta só com elegante sorriso. A malicia champagnesca impregna as principaes paginas. Uma erudição eutrapélica faz constantes cocegas nos cerebros mais graves. E todo esse complexo discurso, obtem-no com expressão simples e transparente, a qual, não obstante, não roça nunca a deslavada e plebéa. Pelo contrario, a penna do autor brasileiro mostra-se persistentemente rica em gyros de frase e dextra em todas as intenções, as mais subtilezas.

J. Torrendell.

A MODERNA LITERATURA DO BRASIL

LEO VAZ

Continuamente notamos, de doze annos a esta parte, a evolução que em literatura se opera em todas as partes do mundo. Nobres e elevados temperamentos conseguem seduzir aos mais retrahidos e exigentes analysadores. Uma quasi espiritalidade domina nas letras, literatura ou sciencia, (em que pese á materialidade ambiente), penetra-nos e nos purifica de nossas diarias inquietações.

O novellista desta epoca, os da geração de após-a-guerra, partem de uma finalidade: a emoção. Creio que não pode ser mais encantadora tal maneira de caracterizar-se.

Novellistas como Pío Baroja, Azorín, France, Harsun, e outros popularissimos, são pregociros de psychologias extranhas, que tomam como pretexto a forma novellesca, para falar de suas ideias philosophicas, e fazer-nos menos pesada a tarefa de ler.

Outros — e me refiro aos espanhoes — como Gómez de la Serna, Jacintho Grau, Cansinos Assens e Mariano Alarcón, são cinzeladores exquisitos que constróem sua obra com uma vontade de artifices, pulindo pedras preciosas, aquilatando brilhantes, que, se não nos chega ao que se chama o "coração", nos captivam por completo os sentidos, deslumbrando-nos maravilhosamente, com tanta delicadeza. Admiramos a poderosa graça de um estylo limpo — Azorín por exemplo — o vigor no dizer, e o grande thesouro de tão bellas imagens, porém, sobretudo o thesouro de ensinamentos que possui um espirito. Mas o que mais nos domina é a intensidade, a copia exacta da vida, com todo o seu crú realismo interior, com todas as grandes palpitações de nossa alma atormentada, enchendo-nos os olhos de lagrimas secretas ou de sonhos reparadores.

Quero dar nestas pequenas chronicas de momento, um reflexo do actual movimento em literatura trascendental, segundo minha maneira de apreciar as coisas, nos homens de letras da America e de Espanha, em particular do Brasil, que são os menos conhecidos.



Poucos são os autores que se conhecem do paiz vizinho, e poucos tambem os que delles falam, para conseguir interesse entre nós, e de nós ao povo que nos segue.

Consta-me que Javier de Viana, o mais preclaro narrador nativo, e o não menos Horacio Quiroga, amam e conhecem a literatura do Brasil. Manoel Galvez, com sua "Bibliotheca dos Novellistas", trata de estabelecer uma sympathica corrente entre ambas as literaturas.

Proximamente, nessa bibliotheca, teremos um volume de Monteiro Lobato que Benjamin de Garay poz em castelhano.

Elogiosa é essa aura depuradora e sanissima, que consegue estabelecer uma corrente summamente necessaria entre escriptores dos dois paizes, ou melhor dito, de todos os logares da America.

E' triste que, estando tão perto como estamos do Brasil, não conheçamos suas figuras profundamente, o que nos obriga a popularisal-as, com brilhante empenho.

Muitas conferencias se fizeram sobre literatura, sciencias e artes em geral, porém não lograram apaixonar a nenhum homem de peso desta terra, que puzesse em pratica uma obra colossal de propaganda espiritual.

Pode ser que não tarde essa ideia a realizar-se e que tenhamos uma realidade tangivel.

Falando certa tarde com Galvez, ouvi pela vez primeira o nome de Léo Vaz. As palavras sensatas e elogiosas do autor de "Nachá Regulez" incitaram-me a pedir algo a um amigo meu que reside em S. Paulo. Ha poucos mezes, uns numeros da "Revista do Brasil" e o volume "O Professor Jeremias", de Léo Vaz, chegavam a minhas mãos. Ao mesmo tempo, dizia-me em uma carta que não lhe fôra possivel encontrar outras obras de dito autor "carioca" (!!) Num dos numeros da revista, pude pela vez primeira ler o autor. Com effeito, o pequeno trabalho "O colibri", poz-me de accordo com as opinões formuladas por Galvez, sobre Léo Vaz.

Lamentei o ostracismo em que deixára as letras brasileiras, tanto mais que me haviam apaixonado na primeira viagem que fiz a essas encantadoras terras, em 1914 e 15.

Ha pouco tempo, novos livros chegaram a minhas mãos "peccadoras" e, na actualidade, não são poucos os escriptores cariocas que tenho em meu poder. Começemos, pois, com a obra de Léo Vaz.

Como Pio Baroja, Léo Vaz escreve seu livro em pequenos capitulos, relatando a vida de um homem, um povo, um caso enfim.

Agudas observações, notas de colorido e sinceridade, como á margem do que os olhos contemplam e suggere a alma.

"O professor Jeremias" é como diria Xenius, o glossario da vida de um homem.

Apresenta-nos, em uma forma precisa, em capitulos breves, cheios de uma ironia san, os diferentes casos por que passa o suggestivo personagem da obra. Dos sessenta e cinco capitulos que contem a obra em suas duzentas e quarenta paginas, não saberiamos qual supera. E', como Baroja, um philosopho peripathetic que zombando de tudo crê que é a unica maneira de zombar de si proprio. Mas, não é por isso um livro pessimista. Não o pode ser, sob nenhum ponto de vista, todo aquelle que nos dá, uma razão logica da vida; seja qual fôr a forma por que seja tratada, ha de possuir ensinamentos e belleza.

Muitos livros ha com grandes pretensões de moralizar, que falam em tom altisonante, que apresentam um caso social, uma vida exemplar, e só nos fazem ter a certeza do contrario ao apregoado.

Em "O Professor Jeremias" não succede assim, porque Léo Vaz tem talento de sobra para tratar de psychologia e conhece a fundo o genero.



Léo Vaz é um escriptor joven. De antemão notamos a influencia que o velho Anatole exerceu em seu temperamento, da mesma forma que influu sobre Arturo Canela, pois são apaixonados dessas "disquisiciones" fundamentaes que rodeiam as particularidades de seus extranhos personagens psychologicos. Notavel influencia que nos faz conhecer preciosos matizes interiores, e chegar por inteiro ao esqueleto humano, passando pela dissecação da carne.

A novella simplesmente narrativa, á semelhança de Martinez Zuviria, é impossivel para o paladar contemporaneo. Necessitar-se-ia de um talento colossal como o de Pérez Galdós para que nos apaixonasse, e por desgraça Martinez Zuviria está mui longe disso.

Acontece o contrario com a novella passional. Um bom coração, um caracter simples e bom pode attrahir-nos, por sua abundancia de pureza, e delicadeza de sua frase.

Mas, esta outra novella, que não é novella, e que "buria burlando", que nos faz sorrir e amarga-nos a um tempo, na qual se mesclam os factos com as coisas mais antagonicas, e da qual é Baroja o mais fiel representante — é apreciada pelo povo?

Como não. Baroja, em Espanha e na America, é dos que mais se discutem, senão com esse interesse de López de Haro, com outro profundo, e é pelo que têm de força e de sinceridade esses livros de Baroja.

Léo Vaz com seu "Professor Jeremias" tem duas edições no prazo de um anno e meio, que é pouco mais ou menos o tempo em que se deu a conhecer este escriptor.

Já não ha duvidar; não serão só essas duas edições as que terá o livro, pois a juventude do Brasil marca com esse nome o advento de um estilista notavel.

Quem terá a honra de traduzil-o para o castelhano? E' necessario que este paiz conheça este nome, e muitos outros fortes temperamentos, que permanecem quasi desconhecidos em toda a America de lingua hespanhola.

Conhecemos autores francezes, mesmo os mais mediocres temperamentos. Qualquer livro da França logo é traduzido, ainda que seu valor de nada nos aproveite, nem tampouco nos delecte.

Mas — e digamol-o plenamente convencidos — do Brasil e de Portugal que conhecemos? Um pouco os classicos, um ou outro moderno, como Olavo Bilac, Machado de Assis, Eça de Queiroz, José de Alencar e Guerra Junqueiro, De Aluizio Azevedo, Agrario de Menezes, Achilles Varejão, Sizenando Nabuco (!) Castro Lopes (!) Alitana de Almeyda (!), Clemente Falcão e Gallo de Arizonas (!) quasi nada.

E' acaso devido ao idioma? Não pode ser possivel. Será devido á lenda odiosa que ha, semeada sobre vicios pouco espirituaes, que o vulgo commenta dos brasileiros?

Sejamos um pouco francos e sensatos, e não passemos por zelosos "moralistas", ao geito de López Barbadillo e seus "sympathicos amigos".

E' lamentavel, pois, que os intellectuaes desta terra se associem a essa classica preguiça hespanhola, e não dêem maiores provas de entusiasmo universal, pois tem mais direito, e mais razão de traduzir obras de um paiz irmão em desenvolvimento nacional, que os de outros paizes que só lembram deste para escarnece-lo.

O que pôde differenciar o Brasil desta terra é só a lingua; no mais são irmãos, pois os interesses são communs e as aspirações nacionaes as mesmas.

Leiam Leo Vaz. Sua obra "O professor Jeremias" tem sobrados meritos para que amemos seu autor e lhe rendamos merecido estímulo com a traducção.



Lamento não dispor de tempo moral, de uma grande tranquilidade para emprender a tradução desta obra notável. Creio, porém, que não faltará entre os jovens escriptores da America quem emprenda essa tarefa. Ademais, neste momento estou finalizando a tarefa de pôr em nosso idioma o exquisito livro de contos "Torres de Fumo", de Galio de Arizonas, para a "Bibliotheca de Andrés Bello", de Madrid.

"Urupês", de Monteiro Lobato, não tardará a sahir em lingua castelhana. Quem, pois, porá, Léo Vaz no mesmo idioma?

Têm a palavra os excavadores de livros raros e notáveis, com a segurança plena de que, á parte o merito que lhes corresponde por sua acção intellectual, cederão ao povo, que lerá com prazer, um filho que oscilla entre o velho Anatole France e o vasco Piq Baroja.

B. Sánchez-Saez.

("Elpis", de Buenos Aires).

O CENTENARIO NA ARGENTINA

Entre as homenagens que se promovem ao Brasil na Argentina, por motivo do centenario da nossa independencia, é interessante a de "Nuestra Revista", de Buenos Aires, dirigida por Ernesto Morales e J. A. Ballester Peña.

"Nuestra Revista" consagra todo o seu numero de agosto a escriptores brasileiros, entre os quaes Ronald de Carvalho, Monteiro Lobato, Julio Cesar da Silva, H. Carvalho Ramos, Ribeiro Couto, Faria Neves Sobrinho, Mario Sette, Lima Barreto e Gabriel Marques.

Precedendo a pagina de Ronald de Carvalho, "Instincto e indisciplina", escreve:

"Uma das primeiras figuras de critica desta moderna geração brasileira é, sem duvida, Ronald de Carvalho, psychologo notavel e sincero, ao mesmo tempo que poeta delicado e elegante prosador.

Seu primeiro livro, "Poemas e Sonetos", segundo affirma João Pinto da Silva, foi um acontecimento sem limites na época de seu apparecimento.

Logo, com a "Historia da literatura brasileira", affirmou sua personalidade de critico e é hoje um poderoso braço, uma lanterna conductora, para a juventude daquelle paiz que nelle crê e o respeita.

O artigo que reproduzimos é de seu proximo livro "Espelho de Ariel", do qual hão de desfilar outros por estas paginas.

Ronald de Carvalho é membro correspondente da Real Academia Hespanhola.

Tem 26 annos. Em summa, uma vida exemplar".

Sobre Monteiro Lobato, de quem publica trechos de "Cidades Mortas", escreve as seguintes linhas, que não traduzimos para lhes não tirar o sabor caracteristico:

"Monteiro Lobato, es, boy, por hoy, lo más sano, lo más fuerte y sobre todo, lo más personal del emporio de ideologias paulistas."

De Julio Cesar da Silva, reproduz as duas primeiras estancias de "Arte de Amar", precedidas das seguintes notas:

"Irmão de Francisca Julia, a maior poetiza brasileira, reúne, como esta grande mulher, a magnífica elegancia do verso.

Cesar da Silva é um fino temperamento. Sua obra, cordial, *pinzante* e *glotona*, tem entre esses tres matizes toda a docura de fructa em sazão. Uma grande noticia para meu animo de "brasileiro devotado" foi a noticia de que "Arte de Amar" — de onde tiro esta poesia — foi traduzida para o francez.

E não é para menos. Poetas deste genero não somente dão gloria ao parnaso de seu paiz, mas tambem coream os frisos das academias e athe-neus mais illustres e longinquos. Suas obras são as seguintes: "Estalac-tites", 1891; "Sarcasmos", 1893; "Morte do Pierrot" — comedia em verso, — 1915; "Alma infantil" — de collaboração com Francisca Julia, — 1912; "Gaveta de Sapateiro", 1921, "Idéas e Criticas."

Dos trabalhos do mallogrado Hugo de Carvalho Ramos diz que "são narrações formosissimas, proprias de uma penna habil." Delle publica a traducção do conto "Potro Picasso."

De Ribeiro Couto dá "Velha praça", precedido da seguinte noticia:

"Este doce poeta de melancolia é um amador de sua terra paulistana. Para essa encantadora provincia de São Paulo, tece seus melhores poemas. Homem joven, enamorado do simples e bello, põem em todos os seus tra-balhos uma delicada flor de melancolia..."

"Jardim das Confidencias" é um livrinho pequenino, porém, que se toma com carinho e que se colloca junto do coração...

Foi seu primeiro livro, e seu primeiro triumpho; consideraram-no o poeta da cidade paulistana. A meu entender, não é um poeta "cidadano", sinão simplesmente um sonhador, physicamente são."

Mario Sette é apresentado com uma das paginas de "Quem vê cara", a que precedem estas palavras:

"O autor de "Senhora do Engenho" é, a meu entender, um verdadeiro homem de letras.

Naturalmente que, dentro dessa qualificação ideologica, tem sua ver-dadeira idiosincrasia.

Ha escriptores que perseguem um ideal, catholico ou anarchisante, e empós elle poem toda sua alma em lutas e conquistas. E em muitas occa-siões, por esse mesmo combate, em que os coloca seu credo, deixam a arte um tanto mal "ferida". Mario Sette é um homem de letras que persegue só a belleza, para dal-a a suas creações, superando-as sempre.

Tem quatro ou cinco livros e são todos elles uma prova de evolução certa e constante de seu autor. E não se pôde esperar menos de uma pessoa que tem juventude, intelligencia, e sobre todas as coisas, bondade!

"Sua excellencia" — é a pagina de Lima Barreto, apresentado nestes termos:

"Este bom senhor Lima Barreto é uma figura sympatiquissima nas le-tras brasileiras. E o é por seu bom humor, por sua saude e por seu talento.

Dos homens que mais aprecio nas letras hespanholas, um delles não é outro sinão Eugenio Noel, e o estimo precisamente porque, quando diz as coisas, sabe situar-se dentro das proprias coisas.

Assim é Lima Barreto uma personalidade inteira, todo um homem, co-mo dizia Miguel de Unamuno."

Antes da pagina de Gabriel Marques — "O filho do outro" — lêem-se as seguintes linhas:

"Creio que uma publicação brasileira — não me recordo qual — dizia em sua secção bibliographica que Gabriel Marques e "Os condemnados", eram primeiricos no campo das letras:

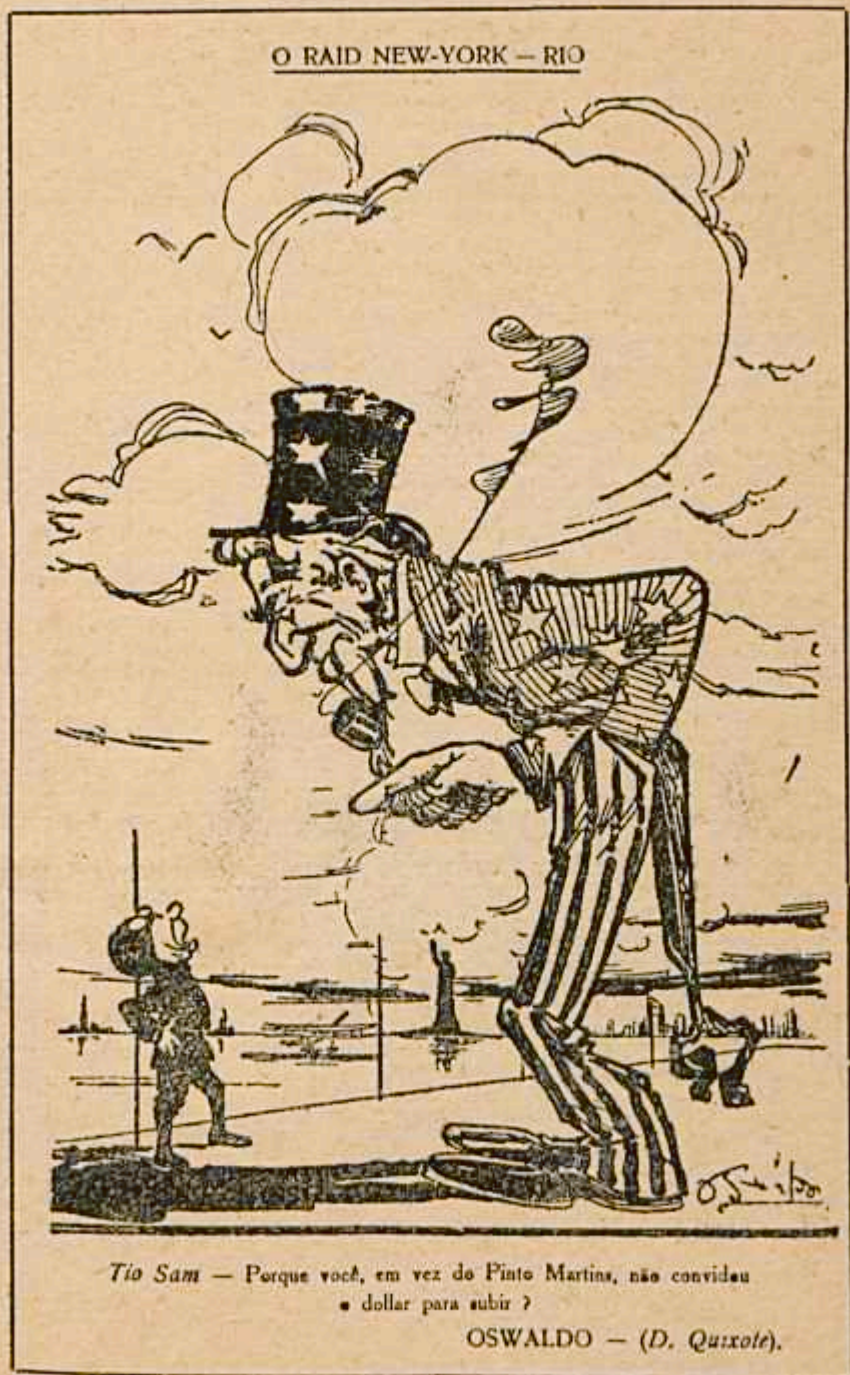
Para mim, que não ando com distincções em materia literaria, foi esse primeiro livro um bocado forte e original. Os contos que encerra esse pequeno volume são todos de mão dextra no manejo das psychologias rudes e amplas da gente de "tierra a dentro."

Gabriel Marques, como Fausto Burgos e Juan Carlos Dávalos, pinta seres palpitantes de enoção, sem contricções "hipodermicas": a vida, pela vida... e a arte."



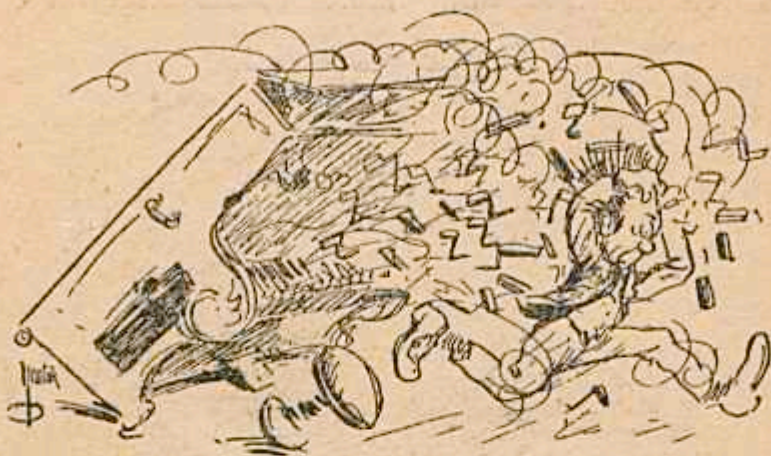
AS CARICATURAS DO MEZ

O RAID NEW-YORK - RIO



*Tio Sam — Porque você, em vez do Pinto Martins, não convidou
• dollar para subir ?*

OSWALDO — (D. Quixote).



Si os instrumentos de musica pudessem reagir.

(YANTOK — *D. Quixote*).

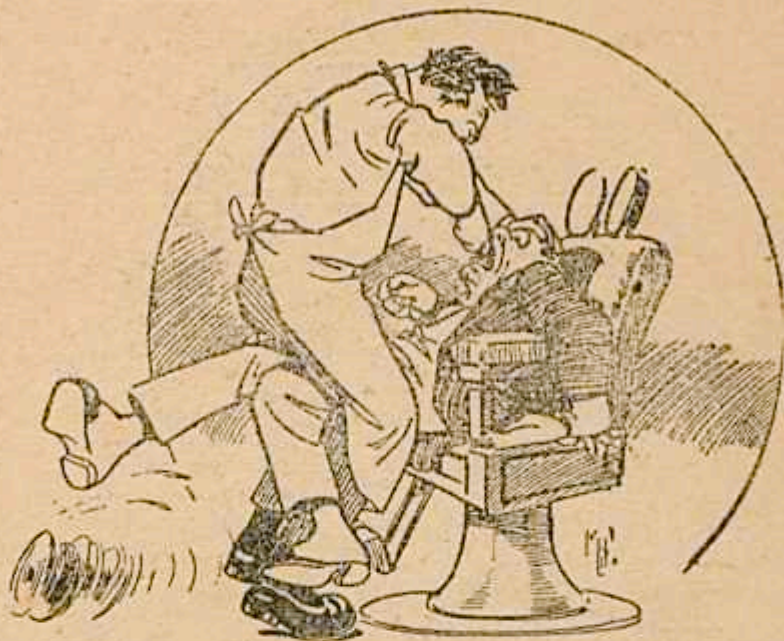
CASAMENTO DE MICROBIOS



O Barão Treponema casa-se com a senhorita
Fiebotoma Papatasi, hespanhola.

(YANTOK — *D. Quixote*).

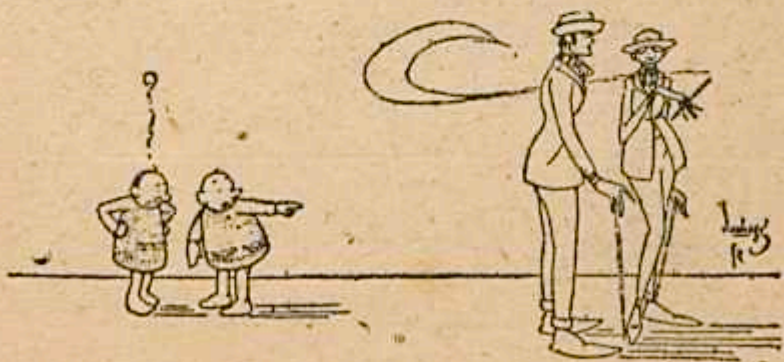
MOTIVO RACIONAL



O dentista: — Não tenha receio; faço esta operação matematicamente; o meu ponto de arithmetica foi extracção de raizes.

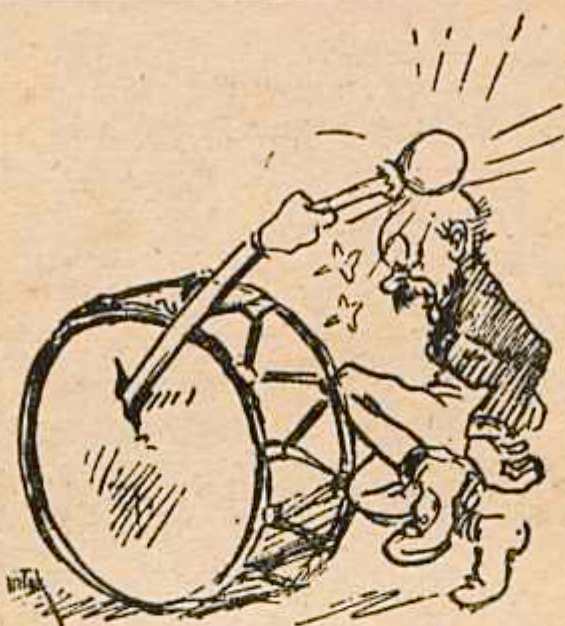
(KALIXTO — *D. Quixote*).

SEXO DUBIO



— Océ é hob), Zezinho; são homes, sim senhô ...

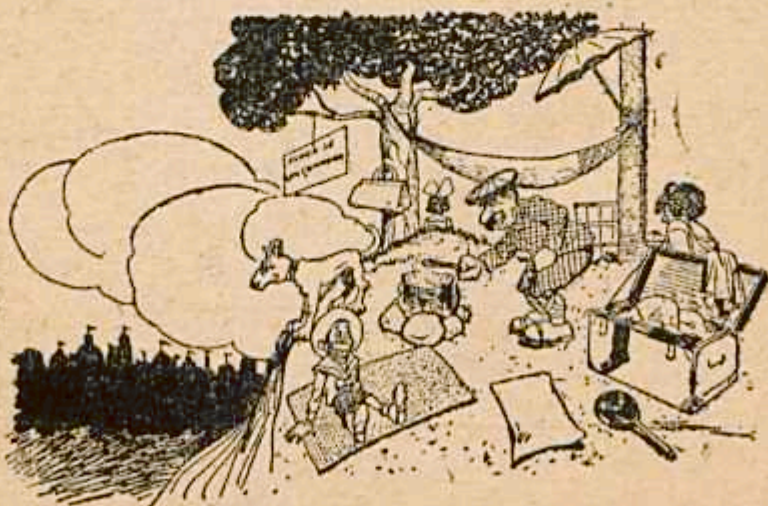
(SANTIAGO — *D. Quixote*).



Si os instrumentos de musica pudessem se vingar.

(YANTOK — *D. Quixote*).

PROBLEMA RESOLVIDO



As excellentes accomodações do *morro da viuva* para os
touristes que queiram vir a esta Capital ver a Exposição.

(STORNI — *D. Quixote*).

Joallerie — Horlogerie — Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Sèrvices en
Métal blanch inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS

EXECUTA-SE QUALQUER ESPECIE DE TRABALHO TYPOGRAPHICO NAS EXCELLENTES E MODERNAS OFFICINAS QUE A S. A. E. OLEGARIO RIBEIRO ACABA DE INSTALLAR A' RUA DOS GUSMOES 70, CONJUNCTAMENTE COM A EMPREZA MONTEIRO LOBATO & CIA.

REVISTA DOS TRIBUNAES

Publicação official dos trabalhos do Tribunal de Justiça de S. Paulo

Dirigida pelos advogados

Plinio Barreto e Christovam Prates da Fonseca

10 annos de publicidade !

Anno	40\$000
Semestre	20\$000
Numero avulso	3\$000

Redacção : RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO

Novidade Litteraria

O PALANQUIM DOURADO

romance de MARIO SETTE com illustrações de Wash Rodrigues. — Edição do Centenario

Preço do volume em papel optimo, capa illustrada ... 5\$000

A' Venda na Revista do Brasil.



OPINIÃO DE TRES GRANDES SCIENTISTAS

Prof. E. Bertarelli

Prof. Rubião Meira

Prof. Miguel Couto

sobre o valor e a superioridade incontestavel do

Guaraná Espumante (Zanotta)

Diz o Prof. E. Bertarelli:

O GUARANA' ESPUMANTE é uma deliciosa bebida sem alcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saúde, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.

A ausencia absoluta de FORMIATOS, de materias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausencia completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o GUARANA' ESPUMANTE preferido ás bebidas que contém aquellas substancias prejudiciaes.

São Paulo, 1.º de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI

Diz o Prof. Rubião Meira:

"Attesto que o GUARANA' ESPUMANTE é bebida de valor altamente therapeutico, agradavel ao gosto, sem alcool, e deve ser utilizado por TODOS OS DEBILITADOS NERVOSOS, sem inconvenientes.

São Paulo, 19 de Setembro de 1921.

RUBIAO MEIRA

Diz o Prof. Miguel Couto:

O GUARANA' ESPUMANTE, formula do meu sabio collega dr. Luiz Pereira Barreto, é uma excellente bebida, — doce, isenta de alcool, agradavel ao paladar, aperitiva e tónica; aconselhavel, pois, por estas qualidades.

MIGUEL COUTO

LOTERIA DE S. PAULO

Em 10 de Outubro

20:000\$000

Por 1\$800

Os bilhetes estão á venda em
toda a parte



ACABA DE APARECER

Esportistas!

Jogadores!

Torcedores!

Eis o livro ha tanto procurado

Regras e termos nacionalizados.

O verdadeiro tratado do
Futebol Associação

Monteiro Lobato & C.
Editores

PREÇO 2\$000

Pelo Correio mais \$500.

DIABÉTICOS

é preciso combater a perda
de açúcar, tonificar o or-
ganismo, regularisar as funcções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá

São as mais recommendaveis
para a lavoura, segundo experi-
encia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para con-
servação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisa-
do para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.
DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

Off. Graphicas Monteiro Lobato & Co. - Rua Gusmões, 70 - S. Paulo.



Moveis Escolares



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas. Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechnico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas à
FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia do Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216
SÃO PAULO